

**UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**DCSO - Departamento de Comunicação Social**  
**FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação**  
**Curso de Jornalismo**

**CINTHIA YUMI HIRAKAWA QUADRADO**

**BLACK BLOC, MÍDIA E IDENTIDADE:**  
**UM ESTUDO SOBRE COMO O JORNAL *O ESTADO DE S. PAULO* PROPÔS UMA**  
**IDENTIDADE AO GRUPO DE MANIFESTANTES BLACK BLOCS**

**Bauru**  
**2015**

**CINTHIA YUMI HIRAKAWA QUADRADO**

**BLACK BLOC, MÍDIA E IDENTIDADE:  
UM ESTUDO SOBRE COMO O JORNAL *O ESTADO DE S. PAULO* PROPÔS UMA  
IDENTIDADE AO GRUPO DE MANIFESTANTES BLACK BLOCS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP - Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

**Bauru**

**2015**

**CINTHIA YUMI HIRAKAWA QUADRADO**

**BLACK BLOC, MÍDIA E IDENTIDADE:  
UM ESTUDO SOBRE COMO O JORNAL *O ESTADO DE S. PAULO* PROPÔS UMA  
IDENTIDADE AO GRUPO DE MANIFESTANTES BLACK BLOCS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP- Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

**Bauru, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.**

---

Prof. Dr.

Membro da Banca Examinadora

---

Prof. Dr.

Membro da Banca Examinadora

---

Prof. Dr.

Orientador e presidente da Banca Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho;

Aos meus pais, avós, tios e primos pelo amor e incentivo em todos os momentos que precisei;

Às minhas amigas irmãs e irmã amiga pelas conversas e pelos conselhos;

Ao meu companheiro, Vinicius, pelo carinho e pelo apoio incondicional em todos os momentos que eu mais precisei de ajuda e confiança;

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Dedico este trabalho aos meus pais, Simone e Felipe, e aos meus avós, Rosa e Rui, que sempre estiveram ao meu lado quando precisei de ajuda.

*"Os jovens que estão nas ruas merecem o respeito de serem tratados como atores políticos consequentes – e nossa indignação precisa estar orientada para a verdadeira violência, aquela que agride manifestantes pacíficos e faz desaparecer Amarildos. Afinal, vidas devem valer muito mais do que vidraças".*

(Pablo Ortellado)

QUADRADO, Cinthia Yumi Hirakawa. **Black Bloc, Mídia e Identidade:** Um estudo sobre como o jornal *O Estado de S. Paulo* propôs uma identidade ao grupo de manifestantes Black Blocs. 2015. 131f. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, 2015.

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar a identidade proposta pelo jornal impresso *O Estado de S. Paulo* ao grupo manifestante Black Bloc durante o segundo semestre de 2013, período seguinte às Jornadas de Junho na cidade de São Paulo. Serão analisadas as notícias veiculadas no portal de notícias do jornal, assim como as publicações do grupo de manifestantes na página oficial do Black Bloc SP do Facebook na mesma época. O objetivo é mostrar qual a relação entre a identidade atribuída pela grande mídia ao indivíduo e a identidade reivindicada pelo mesmo na rede social.

**Palavras-chave:** Mídia; violência; Black Bloc; manifestação; identidade.

## SUMÁRIO

Lista de tabelas.....	10
Lista de figuras.....	11
1. Introdução.....	12
2. Metodologia.....	17
3. Manifestações em São Paulo.....	19
4. Black Blocs em São Paulo.....	29
4.1. Reações ao fenômeno Black Bloc: da grande mídia ao movimento das redes sociais.....	33
5. Black Blocs no mundo.....	38
6. Histórico do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> .....	47
7. Análise da cobertura do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> .....	55
7.1. Análise interpretativa do conteúdo.....	61
7.1.1. Black Blocs organizam novo protesto em São Paulo.....	61
7.1.2. Black Blocs já se articulam em 23 Estados do País.....	61
7.1.3. PSTU foi primeiro partido a criticar Black Blocs abertamente.....	62
7.1.4. Black Bloc e PM entram em confronto.....	63
7.1.5. SP volta a registrar protesto violento.....	64
7.1.6. Nove seguem presos após manifestações em SP.....	65
7.1.7. “Atos violentos de Black Blocs são brincadeira de criança perto dos que são cometidos por PMs”, diz historiador.....	66
7.1.8. Protesto de Black Blocs provoca tensão em evento do PT.....	68
7.1.9. Após ato de professores, mascarados depredam centro de Rio e São Paulo.....	68
7.1.10. Alckmin quer investigação rigorosa para punir vandalismo.....	70
7.1.11. Casal preso é enquadrado na Lei de Segurança Nacional.....	71
7.1.12. PM mantém 5 pessoas presas após protesto em SP.....	71
7.1.13. Jovem enquadrada na Lei de Segurança Nacional nega depredação de viatura em protesto.....	72
7.1.14. Foco de grupo será atos na Copa, diz manifestante que pratica tática Black Bloc.....	72

7.1.15. Após passar duas noites na prisão, „Baderna“ morreu.....	73
7.1.16. Raiva une 2ª geração de Black Blocs em São Paulo .....	74
7.1.17. Em evento no Rio, Lula critica Black Blocs .....	76
7.1.18. Maioria dos paulistanos desaprova o Black Bloc.....	76
7.1.19. PMs comandados por coronel agredido usam a internet para isolar Black Blocs ..	77
7.1.20. Livro explica a relação entre o Passe Livre e os Black Blocs .....	78
7.1.21. Governo Dilma quer abrir diálogo com Black Blocs .....	79
7.1.22. PF e Estados identificam Black Blocs.....	80
7.1.23. Pesquisa indica 93,4% de rejeição a atos de Black Blocs .....	81
7.1.24. Justiça de SP concede liberdade a estudante que agrediu coronel da PM.....	81
7.1.25. Polícia de SP ouve suspeitos de depredação em protestos.....	81
8. Análise das publicações da página Black Bloc SP no Facebook .....	82
8.1. Análise interpretativa do conteúdo .....	85
8.1.1. Primeira publicação – 11 de outubro de 2013 .....	85
8.1.2. Segunda publicação – 24 de outubro de 2013 .....	86
8.1.3. Terceira publicação – 24 de outubro de 2013.....	86
8.1.4. Quarta publicação – 28 de outubro de 2013.....	87
8.1.5. Quinta publicação – 5 de novembro de 2013 .....	88
8.1.6. Sexta publicação – 5 de novembro de 2013 .....	89
8.1.7. Sétima publicação – 6 de novembro de 2013.....	90
8.1.8. Oitava publicação – 10 de novembro de 2013 .....	91
8.1.9. Nona publicação – 11 de novembro de 2013 .....	92
8.1.10. Décima publicação – 11 de novembro de 2013.....	93
8.1.11. Décima primeira publicação – 11 de outubro de 2013.....	93
8.1.12. Décima segunda publicação – 14 de novembro de 2013 .....	95
8.1.13. Décima terceira publicação – 14 de novembro de 2013 .....	96
8.1.14. Décima quarta publicação – 14 de novembro de 2013 .....	97

8.1.15. Décima quinta publicação – 16 de novembro de 2013 .....	98
8.1.16. Décima sexta publicação – 16 de novembro de 2013 .....	98
8.1.17. Décima sétima publicação – 16 de novembro de 2013 .....	99
8.1.18. Décima oitava publicação – 17 de novembro de 2013.....	100
8.1.19. Décima nona publicação – 17 de novembro de 2013.....	101
8.1.20. Vigésima publicação – 17 de novembro de 2013.....	102
8.1.21. Vigésima primeira publicação – 18 de novembro de 2013 .....	103
8.1.22. Vigésima segunda publicação – 18 de novembro de 2013 .....	104
8.1.23. Vigésima terceira publicação – 22 de novembro de 2013.....	105
8.1.24. Vigésima quarta publicação – 25 de novembro de 2013.....	106
8.1.25. Vigésima quinta publicação – 26 de novembro de 2013.....	108
8.1.26. Vigésima sexta publicação – 28 de novembro de 2013 .....	108
8.1.27. Vigésima sétima publicação – 30 de novembro de 2013 .....	109
8.1.28. Vigésima oitava publicação – 6 de dezembro de 2013 .....	110
8.1.29. Vigésima nona publicação – 8 de dezembro de 2013 .....	111
8.1.30. Trigésima publicação – 9 de dezembro de 2013 .....	112
8.1.31. Trigésima primeira publicação – 11 de dezembro de 2013.....	112
8.1.32. Trigésima segunda publicação – 15 de dezembro de 2013 .....	113
8.1.33. Trigésima terceira publicação – 22 de dezembro de 2013 .....	114
8.1.34. Trigésima quarta publicação – 25 de dezembro de 2013 .....	115
8.1.35. Trigésima quinta publicação – 28 de dezembro de 2013 .....	116
8.1.36. Trigésima sexta publicação – 29 de dezembro de 2013.....	117
8.1.37. Trigésima sétima publicação – 30 de dezembro de 2014.....	118
9. Considerações finais.....	120
10. Referências bibliográficas .....	124
Anexo A – Cronologia.....	125

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Quantidade de matérias analisadas no segundo semestre de 2013.....	56
Tabela 2 - Relação entre meses e editorias analisadas no segundo semestre de 2013 .....	57
Tabela 3 - Quantidade de matérias analisadas no segundo semestre de 2013.....	83
Tabela 4 - Categorias temáticas das publicações no Facebook.....	83

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiro dia de manifestações na cidade de São Paulo .....	19
Figura 2 - Ônibus, lojas e o metrô foram depredados em meio aos protestos em São Paulo...	21
Figura 3 - Jornalista fotográfico Sérgio Silva, da Agência Futura Press, sofreu lesões no olho e fratura na órbita.....	23
Figura 4 - Repórteres fotográficos reclamam pela falta de segurança para exercer profissão .	25
Figura 5 - Grupo tenta invadir a Prefeitura de São Paulo.....	27
Figura 6 - Protestos se espalham por todo o país .....	28
Figura 7 - Movimento punk foi um dos precursores do Black Bloc internacional .....	29
Figura 8 - Primeiros mascarados marcam presença nas manifestações de junho em São Paulo .....	30
Figura 9 - PMs reprimem manifestantes no terceiro ato em São Paulo .....	31
Figura 10 - Carros da polícia também foram foco dos Black Blocs.....	33
Figura 11 - Manifestantes picham muro na região da Berrine em São Paulo .....	34
Figura 12 - A Mídia Ninja foi uma das precursoras na cobertura alternativa das manifestações em junho de 2013 .....	36
Figura 13 - Página Black Bloc SP traz informações compartilhadas pelo grupo na Internet...	37
Figura 14 - Imagem de um dos primeiros Black Blocs nos anos 1980 .....	38
Figura 15 - Milhares se manifestaram durante a visita de Ronald Reagan a Berlim Ocidental .....	39
Figura 16 - Cerca de segurança depois de ser quebrada por Black Blocs em Quebec .....	42
Figura 17 - Black Bloc nas ruas de Gênova durante a Cúpula do G8 .....	43
Figura 18 - Ativista Carlo Giuliani no protesto em Gênova.....	44
Figura 19 - Protesto contra as Olimpíadas de 2010 em Vancouver .....	45
Figura 20 - Manifestante se prepara para arremessar pedras contra policiais no Egito .....	46
Figura 21 - Capa do jornal <i>A Província de S. Paulo</i> .....	48
Figura 22 - Edição do jornal em 1940 .....	50
Figura 23 - Página da edição censurada em 1973 .....	52
Figura 24 - Primeira página da edição de 1991 .....	54
Figura 25 - Foto publicada na matéria do dia 07 de outubro de 2013.....	58

## 1. Introdução

O Brasil, país que “encontrava-se em seu ápice econômico, desfrutando da alta confiança depositada no próprio futuro” (ERMÍNIA MARICATO et al, 2014, p. 102) lidou com uma nova realidade ao se deparar com uma série de protestos em junho de 2013. A fagulha para as manifestações não surgiu do nada: em 14 de maio, o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), e o prefeito Fernando Haddad (PT) anunciaram o reajuste da tarifa do transporte público para o mês de junho. O aumento já havia sido adiado, após um pedido da presidente Dilma Rouseff, que, na época, tentava frear o aumento da inflação. Em 22 de maio, após a negociação da diminuição de impostos com a presidente Dilma, Alckmin e Haddad anunciaram o novo valor da tarifa do transporte público: os ônibus, trens e o metrô passariam de R\$ 3 para R\$ 3,20<sup>1</sup>.

Em reação ao aumento da tarifa, em 3 de junho, manifestantes do Movimento Passe Livre (MPL-SP)<sup>2</sup> queimaram uma catraca em frente a Subprefeitura de M<sup>o</sup>Boi Mirim, na zona sul de São Paulo, em protesto contra o aumento de 20 centavos no transporte da cidade<sup>3</sup>; e, em 6 de junho, diversas manifestações incentivadas pelo Movimento Passe Livre percorreram as ruas da cidade.

Em São Paulo, os primeiros protestos foram realizados em um intervalo de seis dias e não reuniram mais de 10 mil pessoas. Em 13 de junho, outras 10 cidades aderiram às manifestações e, no dia 17, São Paulo parou: 200 mil pessoas foram às ruas. Já no dia 20, as manifestações atingiram seu auge e 150 municípios sediaram protestos. Segundo publicação do portal de notícias G1 São Paulo, em 21 de junho<sup>4</sup>, mais de 1,25 milhão de pessoas participaram do ato do dia 20. No país, a população foi às ruas para protestar em pelo menos 353 municípios<sup>5</sup>. Houve, ao todo, pelo menos 490 protestos em três semanas, isto é, mais de 22 por dia.

A ideia do passe livre “ganhou sustentação após o movimento visitar o projeto Tarifa Zero, formulado pela Prefeitura de São Paulo no início da década de 1990” (ERMÍNIA

---

<sup>1</sup> Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,onibus-trem-e-metro-vaio-a-r-3-20-apos-ligacao-de-dilma,1034815>>. Acesso em 10/01/2015.

<sup>2</sup> Como mostra o filme *Por uma vida sem catracas, MPL-SP*, os primeiros protestos a favor dos ideais do Movimento Passe Livre ocorreram em 2003, em Salvador (Revolta do Buzu) e em 2004 e 2005, em Florianópolis (Revolta da Catraca). Houve também a influência da Ação Global dos Povos e das campanhas contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) em 2000.

<sup>3</sup> Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-06-03/manifestantes-protestam-contralta-da-tarifa-de-onibus-em-sao-paulo.html>>. Acesso em 02/02/2015.

<sup>4</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>>. Acesso em 10/01/2015.

<sup>5</sup> Disponível em <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,epidemia-de-manifestacoes-tem-quase-1-protesto-por-hora-e-atinge-353-cidades,1048461>>. Acesso em 10/01/2015.

MARICATO et al, 2014, p. 16). Após a análise desse sistema, o MPL desfez o véu de argumentos técnicos que acobertava os conflitos sociais e econômicos envolvidos com a gestão do transporte público. Daí em diante:

(...) assumiu-se o discurso do transporte como direito, aliás fundamental para a efetivação de outros direitos, na medida em que garante o acesso aos demais serviços públicos. O transporte é entendido então como uma questão transversal a diversas outras pautas urbanas. Tal constatação amplia o trabalho do MPL, que deixa de se limitar às escolas, para adentrar em movimentos sociais – de moradia, cultura e saúde, entre outros”. (ERMÍNIA MARICATO et al, 2014, p. 16).

De acordo com uma pesquisa nacional realizada pelo Ibope durante as passeatas no mês de junho de 2013, além das reivindicações pelo transporte de qualidade, os brasileiros também se engajaram para debater outras pautas. Os problemas mais citados pelos manifestantes eram “a saúde (78%), a segurança pública (55%) e a educação (52%). Ademais, 77% dos entrevistados mencionaram a melhoria do transporte público como a principal razão dos protestos” (ERMÍNIA MARICATO et al, 2014, p. 82). Assim, a cidade passou a ser usada como uma arma para sua própria retomada: “sabendo que o bloqueio de um mero cruzamento compromete toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema caótico das metrópoles, que prioriza o transporte individual e as deixa à beira de um colapso” (ERMÍNIA MARICATO et al, 2014, p. 16).

Dentre os inúmeros rostos que compunham as manifestações em 2013, um grupo de mascarados, chamados de Black Blocs<sup>6</sup>, se distinguiu dos demais indivíduos por sua aparência e sua ação direta – fator que chamou a atenção da população em geral e também da grande mídia. De acordo com a socióloga Esther Solano<sup>7</sup>, co-autora do livro *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc*, os manifestantes eram:

(...) desde estudantes da USP, estudantes de universidades particulares de médio ou baixo reconhecimento, trabalhadores, até estudantes de escolas públicas de regiões urbanas mais periféricas. Desde aqueles com um discurso definido e muito preciso, até meninos que não sabiam me explicar as causas de sua ação nem de suas reivindicações ou que adotavam as informações postadas em diversas páginas do Facebook como fonte de informação ideológica. Todos eles estavam na rua, de preto e de máscara”. (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 48).

---

<sup>6</sup> Segundo Francis Dupuis-Déri (2014, p. 10), “os Black Blocs são compostos por agrupamentos pontuais de indivíduos ou grupos de pessoas formados durante uma marcha ou manifestação. A expressão designa uma forma específica de ação coletiva, uma tática que consiste em formar um bloco em movimento no qual as pessoas preservam seu anonimato, graças, em parte, às máscaras e roupas pretas. Embora os Black Blocs por vezes recorram à força para exprimir sua tática radical, eles costumam se contentar em desfilar calmamente. O principal objetivo de um Black Bloc é indicar a presença de uma crítica radical ao sistema econômico e político”.

<sup>7</sup> A socióloga foi responsável por uma extensa pesquisa de campo com os adeptos da tática Black Bloc em São Paulo de agosto de 2013 até a Copa do Mundo.

Além da aparência desses manifestantes, que atuavam em grupos de pessoas vestidas de preto e encapuzadas<sup>8</sup>, o discurso dos Black Blocs também saltou aos olhos das pessoas que não conheciam as origens do movimento e que estavam preocupadas com a violência durante as manifestações em São Paulo. De acordo com Solano, os manifestantes consideram como violência aquela que vem do sistema político, que não dá respostas para a população e que mantém altos índices de homicídios e mortes no trânsito. Dessa maneira, os blocos de protesto chamam a atenção para o descaso político e corporativo por meio de ações diretas, isto é, uma violência performática com o objetivo de provocar uma reação social e institucional. Como explica Solano, “a violência é considerada por eles uma forma de expressão, de diálogo, com um poder silencioso e alheio, que não atende as reivindicações de forma pacífica” (2014, p. 78). Para o jornalista Willian Novaes, responsável por entrevistas com manifestantes retratadas no livro *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc*, “a destruição de propriedade a que se dedica não busca causar dano econômico significativo, mas apenas demonstrar simbolicamente a insatisfação com o sistema econômico” (2014, p. 284).

A reação da população e da mídia foi imediata. Ao assistir televisão ou acessar a internet, as pessoas ficavam chocadas com o impacto da ação dos Black Blocs na queima de agências bancárias, na depredação de concessionárias, dentre outros pontos. Solano considera que “num país onde a taxa de 50 mil homicídios por ano é algo natural e não provoca sobressalto ou arrebatamento, todo mundo parou para observar, boquiaberto, a violência Black Bloc, como numa histeria coletiva” (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 81).

Manso acredita que a ousadia do MPL e dos outros coletivos permitiu que uma “pequena nota prevista nos jornais ganhasse mais espaço”. Os noticiários mostravam a discussão que envolvia o direito dos manifestantes de protestar e também o direito do resto da população brasileira de ir e vir. O jornalista afirma que, naquela altura, o preço das tarifas de transporte não chamava a atenção dos jornalistas. Para ele, “havia algo novo acontecendo, mas as palavras e os debates ainda estavam viciados com termos de antigamente” (2014, p. 157).

Mesmo com a cobertura dos grandes veículos midiáticos, um fenômeno menor também tomou conta das ruas. “Em cada um dos protestos, além dos veículos formais, havia cidadãos anônimos com *smartphones*, reproduzindo via *streaming*, filmando, fotografando,

---

<sup>8</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/conheca-estrategia-black-bloc-que-influencia-protestos-no-brasil.html>>. Acesso em 02/02/2015.

opinando”. (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 107). As redes sociais foram as propulsoras de informações gerais sobre os protestos e também permitiram que manifestantes do MPL, do Black Bloc e de outros grupos pudessem se manifestar em contraposição daquilo que era mostrado na televisão e nos jornais. De acordo com o depoimento da integrante do MPL SP, Mayara Vivian, no filme *Por uma vida sem catracas, MPL-SP*, rede social é como o celular para o movimento. Segundo ela, “nós estamos conectados. É a rua, são as pessoas... a gente está junto com elas. Se hoje eu estou num boteco trocando uma ideia com o pessoal ou então nós estamos ajudando os caras a fazer uma mobilização contra um despejo. A gente está conectado”. Assim, foi por meio de publicações, principalmente via Facebook, que pessoas que participavam das manifestações expunham seus relatos sobre os protestos e realçavam a importância do seu grupo e de seus objetivos naquele momento.

Entretanto, apesar de ambos os movimentos de cobertura (oficial) e de divulgação de ideias (extra-oficial), pode-se dizer que a força encontrada na “voz” dos primeiros não era a mesma da voz dos segundos, por mais que as redes sociais tenham influenciado ato de programar os eventos e ações durante o mês de junho de 2013. Para Solano:

Está claro que se a ideia era passar essa mensagem [sobre os ideais do grupo], a mensagem não chega. Por quê? Acusa-se os veículos de comunicação de utilizar uma espiral de definições degradantes e manipular a opinião da sociedade. Impondo o estigma de vândalo ao Black Bloc, estariam impedindo que o discurso sobre a real violência do sistema fosse entendida. Seria, assim, um processo de criminalização, onde os verdadeiros vândalos ficariam na sombra, descarregando seus adjetivos sobre os manifestantes. (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 157).

Segundo o doutor em História Social e jornalista José Arbex Jr., a repressão iniciou-se a partir do momento em que houve uma separação entre os “manifestantes pacíficos” e os “vândalos”. Arbex acredita que isso fez com que as ações de repressão encontrassem respaldo em outros setores da sociedade:

A maneira pela qual a elite brasileira trabalhou foi muito inteligente: classificou a liberdade de expressão como vandalismo. Você tem uma parte da população brasileira que se assustou com aquilo que viu nas ruas. É o susto que a classe média levou e que a mídia soube transformar em convicção<sup>9</sup>.

Na contramão sobre aquilo que o próprio Black Bloc reivindicava como sua identidade, jornalistas e outros profissionais da comunicação propuseram determinados tipos

---

<sup>9</sup> Arbex Jr., José. (2014), “O Estado brasileiro contra os movimentos sociais”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, ano 8, nº 88, p. 19.

de identidade – aceitando-se a má identidade composta tanto pela efetivação dos Black Blocs, quanto pelos receios das camadas privilegiadas da sociedade em relação ao caos social. Levando-se em consideração que a grande mídia influencia o cotidiano do brasileiro – e que, muitas vezes utiliza seus valores e interesses editoriais para contribuir na formação da opinião pública –, tornou-se relevante fazer a análise do material *on-line* (tanto dos jornais quanto das publicações no Facebook) porque suas mensagens contribuíram, em cada meio, com elocuições de outros veículos de comunicação e também da própria população brasileira frente à existência do movimento Black Bloc.

Por conseguinte, tendo em vista a relevância do noticiário on-line do jornal *O Estado de S. Paulo* – quanto a sua circulação e o número de assinantes<sup>10</sup> na cidade – a pesquisa em questão teve como foco verificar qual a posição do jornal (em termos de enfoque, fontes e opiniões) sobre os Black Blocs. Por meio da análise das matérias do período de agosto à novembro de 2013 foi necessário identificar se houve uma imposição de identidade ao grupo. Em comparação ao discurso midiático, também foi realizada uma análise das mensagens publicadas pelo grupo na página oficial do Facebook (Black Bloc SP<sup>11</sup>) no período de outubro à dezembro de 2013 – quando a mídia e os movimentos sociais passaram a debater com mais intensidade sobre os desdobramentos do que havia ocorrido em junho daquele ano.

A partir da metodologia empregada, que será discutida em seguida, a pesquisa conta com sete capítulos. O primeiro contém uma breve cronologia sobre as manifestações que ocorreram em junho de 2013 e quais os principais acontecimentos naquele período, para que seja possível entender o que instigou as manifestações e como os protestos envolveram desde São Paulo até todo o país. O segundo apresenta como os Black Blocs apareceram durante as manifestações, qual o seu discurso, quais as suas ações e motivações, assim como qual a recepção da mídia para com estes manifestantes. O terceiro contextualiza qual a origem das ideias dos Black Blocs e quais as principais ações desse grupo ao redor do mundo. O quarto mostrará um breve histórico sobre o jornal *O Estado de S. Paulo*. O quinto trará a análise das notícias publicadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* sobre o manifestante do Bloco Negro. O sexto terá uma análise das publicações dos manifestantes Black Blocs em sua página oficial do Facebook. Por fim, a sétima parte contém as considerações sobre a análise dos resultados.

---

<sup>10</sup> No total, a circulação média do jornal *O Estado de S. Paulo* em abril de 2014 foi de 242 mil exemplares diários, incluídos os assinantes que também recebem a edição digital. Mais informações em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estado-e-lider-em-circulacao-em-sao-paulo-imp-,1171231>>. Acesso em 29/01/2015.

<sup>11</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/pages/Black-Bloc-SP/183027485203077>>. Acesso em 29/01/2015.

## 2. Metodologia

Para cumprir os objetivos propostos, considera-se como *corpus* da pesquisa as notícias publicadas no portal de notícias do jornal *O Estado de S. Paulo* e os *posts* publicados na página oficial do Black Bloc SP durante o período de agosto a dezembro de 2013, época em que a mídia e os movimentos trataram com mais intensidade dos desdobramentos das manifestações de junho de 2013.

Em relação à metodologia utilizada, esta pesquisa segue uma linha analítica e interpretativa. Inicialmente foi feita a coleta de informações (imagens e textos) no portal de notícias do jornal *O Estado de S. Paulo* e na página oficial do Black Bloc SP durante o período já citado. Após a coleta de informações, foi feita a análise do material obtido. A análise inicial foi realizada por meio do uso de formulários (Formulário A para as notícias do jornal e Formulário B para as publicações dos Black Blocs no Facebook). Cada um segue os determinados critérios:

<b>Formulário A</b>	<b>Formulário B</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Data de análise;</li> <li>• Editoria (geral ou Brasil);</li> <li>• Data da matéria;</li> <li>• Local da matéria;</li> <li>• Título/Subtítulo;</li> <li>• Definição/como o Black Bloc e seus atos são apresentados:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção da frase;</li> <li>- Ordem da frase;</li> <li>- Conotação das palavras-chave;</li> </ul> </li> <li>• Infográfico e descrição;</li> <li>• Resumo da notícia;</li> <li>• Foto (tamanho, descrição, legenda);</li> <li>• Trechos importantes;</li> <li>• Observações.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Data de análise;</li> <li>• Data da publicação;</li> <li>• Descrição do texto;</li> <li>• Foto (tamanho);</li> <li>• Definição/como o Black Bloc e seus atos são apresentados:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção da frase;</li> <li>- Ordem da frase;</li> <li>- Conotação das palavras-chave;</li> </ul> </li> <li>• Trechos importantes;</li> <li>• Observações.</li> </ul>

Para a análise secundária, a técnica de pesquisa utilizada foi baseada nos livros *Análise de Conteúdo* de Laurence Bardin e *Métodos de Pesquisa para Internet* de Suely Frago,so,

Raquel Recuero e Adriana Amaral. A técnica de análise de conteúdo envolveu a categorização dos termos relacionados à representação do Black Bloc, sua quantidade, sua frequência de aparição durante os textos do jornal e do Facebook e também suas conotações.

Já o livro *Métodos de Pesquisa para Internet* permitiu encontrar abordagens para coleta e análise de dados no Facebook e no portal de notícias do jornal. Ao mostrar a importância dos processos de seleção de notícias – que, nesta pesquisa, foi feita a partir da tag “Black Bloc” no sistema de busca do portal de notícias do jornal *O Estado de S. Paulo* – e de informações nos *posts* do Facebook – que, neste caso, foram selecionados a partir de publicações que viessem ao encontro da descrição do manifestante e de sua identidade – as autoras auxiliaram no entendimento sobre a relevância de se restringir de maneira adequada o universo da pesquisa. Além disso, o livro também auxiliou no entendimento de como a internet desempenha não só o papel de lugar em que as informações são publicadas, mas também de instrumento de disseminação de ideias.

Para complementar esta pesquisa, o livro *Redes de Indignação e Esperança*, de Manuel Castells, mostra como as redes sociais tiveram papel importante em diversos protestos no mundo, como no Egito, na Síria e na Islândia. O teórico permite que o pesquisador compreenda como a internet e, mais especificamente, o Twitter, o Facebook e o YouTube contribuíram para que as pessoas expusessem suas ideias sobre liberdade e direito à democracia. Assim, *Redes de Indignação e Esperança* mostra-se essencial para evidenciar como movimentos sociais conseguiram burlar aquilo que a mídia tradicional divulgava em prol do bem estar e pelos direitos de suas populações. Em relação às representações sociais e a identidade, o livro *O Poder da Identidade*, de Manuel Castells, traz uma perspectiva sobre o que é considerado como a identidade pessoal e como é o processo de criação e desenvolvimento de identidades.

Vale ressaltar que também foi necessário realizar o levantamento de livros que tratam da história dos Black Blocs ao redor do mundo (*Black Blocs*, de Francis Dupuis-Déri e *Urgência das Ruas: Black Blocs, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*, do coletivo Ned Ludd), assim como de livros sobre os protestos em todo o Brasil (*Cidades Rebeldes*, organizado por Emília Maricato e outros autores), para a contextualização dos eventos, suas motivações e como estes ganharam força com o seu reconhecimento através do tempo.

### 3. Manifestações em São Paulo

Em 14 de maio de 2013, o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), e o prefeito Fernando Haddad (PT) anunciaram que haveria um reajuste da tarifa do transporte público e o valor seria indicado em junho. Naquela época, o aumento da tarifa já havia sido adiado, porém, em 22 de maio, após a negociação da diminuição de impostos com a presidente Dilma Rouseff, Alckmin e Haddad revelaram o novo valor do transporte em São Paulo: R\$ 3,20. No dia 3 de junho, reagindo ao aumento, o MPL-SP e outros manifestantes queimaram uma catraca em frente a Subprefeitura de M<sup>o</sup>Boi-Mirim, zona Sul de São Paulo. Essa primeira ação desencadeou diversas outras em prol dos ideais do MPL e daqueles que lutavam pelo direito a um transporte público decente.

Figura 1 - Primeiro dia de manifestações na cidade de São Paulo



Fonte: Portal Terra – Foto de JacNascimento no Instagram<sup>12</sup>.

No primeiro dia de manifestação em São Paulo, 6 de junho, barricadas de fogo bloquearam as avenidas 23 de Maio e 9 de Julho. O MPL estimou um público de 5 mil

---

<sup>12</sup> Disponível em < <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/sp-internautas-registram-confronto-em-protesto-contra-tarifas-de-onibus,8086dc667be1f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 05/03/2015.

peças e 2 mil policiais militares. Cerca de 50 pessoas ficaram feridas e 15 pessoas foram detidas. Segundo o relato<sup>13</sup> da integrante do MPL SP, Mayara Vivian, foram levadas diversas caixas para serem queimadas durante o ato. Os manifestantes também levaram uma grande faixa de 10 metros por 20 metros com os dizeres: se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar. De acordo com Manso:

Pouco antes do encontro dos dois lados do conflito, os jovens se levantam e fogem pelas laterais da avenida Paulista, deixando os policiais sem ação. A formação militar ficou estática, com homens olhando, sem comando, não sabendo o que fazer. Para piorar, em resposta à ofensiva da PM [Polícia Militar], as barricadas se intensificaram. Sacos de lixo pegando fogo fecham as ruas laterais. Cabines da PM bancadas pelos empresários locais são tombadas. Lixeiras, quebradas. Helicópteros da polícia e da televisão já sobrevoam a área. É quando os policiais se espalham improvisadamente e começa o jogo de pega-pega gigante e violento pela Paulista. (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 156).

A segunda passeata ocorreu no dia seguinte, 7 de junho, e a concentração foi feita no Largo da Batata, Zona Oeste de São Paulo. O ato bloqueou a Marginal Pinheiros no horário de pico. Em resposta ao bloqueio da via, a PM passou a atacar os manifestantes e o confronto se espalhou pela região de Pinheiros. O prefeito Haddad afirmou que pediria ajuda ao governo federal para abaixar a tarifa<sup>14</sup>. O Metrô de São Paulo anunciou que os estragos causados nas estações, durante a manifestação desse dia, causaram prejuízos patrimoniais de R\$ 73 mil. As estações Brigadeiro e Trianon-Masp, da Linha 2-verde, tiveram os vidros de seus acessos quebrados e, como a estação Consolação, foram fechadas para evitar riscos aos usuários. No total, 15 pessoas foram detidas por causa do protesto, dentre elas, o presidente do Sindicato dos Metroviários, Altino de Melo Prazeres<sup>15</sup>. Com o aumento da repressão e com a repercussão em jornais e mídias sociais, as manifestações passaram a ganhar apoio fora de São Paulo e inspiraram outras cidades que também sofreriam com o aumento tarifário (INTERVOZES, 2014, p. 11).

No terceiro ato, realizado no dia 11 de junho, 12 mil manifestantes se reuniram na avenida Paulista para seguir o MPL até o Terminal Pedro II. Nesse dia, um policial que fazia segurança no Tribunal da Justiça, na Praça da Sé, foi espancado. Os confrontos se espalharam, um ônibus foi incendiado na avenida Rangel Pestana e a marcha tentou invadir o Terminal Pedro II. Parte dos manifestantes decidiu retornar à Paulista e, no caminho (subida da avenida

<sup>13</sup> *Por uma vida sem caixas, MPL SP* (2014).

<sup>14</sup> Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,haddad-vai-pedir-ajuda-de-dilma-para-baixa-passagem,1040239>>. Acesso em 10/01/2015.

<sup>15</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/protestos-em-sp-causaram-prejuizo-de-r-73-mil-diz-metro,3a701c328df1f310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 05/03/2015.

Brigadeiro Luís Antônio), ônibus e lojas foram pichados. No Masp (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand) houve um novo ataque da polícia com algumas pessoas feridas e outras 20 foram presas. O Ministério Público de São Paulo (MP-SP) convidou organizações civis contrárias ao aumento da tarifa de transporte público para uma reunião<sup>16</sup> o dia 12 de junho.

Figura 2 - Ônibus, lojas e o metrô foram depredados em meio aos protestos em São Paulo



Fonte: Portal Estadão – José Patrício<sup>17</sup>.

No dia seguinte, os resultados das manifestações repercutiram em Paris. Estudantes munidos de cartazes com os dizeres “Alckmin, o vândalo é você”<sup>18</sup> esperaram o governador Geraldo Alckmin em frente ao Hotel Matignon em que ele se reuniria com o primeiro ministro Jean-Marc Ayrault para debater sobre a candidatura da cidade de São Paulo como sede da Expo 2020<sup>19</sup>. Os manifestantes permaneceram por pouco tempo diante do hotel. A polícia francesa impediu a continuação do ato, alegando que ele não era autorizado pela prefeitura de Paris – uma norma local determina que os protestos que impedem a circulação

<sup>16</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/sp-manifestantes-farao-reuniao-com-governo-sobre-aumento-nas-passagens,01043f96e653f310VgnVCM4000009bceeb0aRCRD.html>>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>17</sup> Disponível em <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,paulistano-fica-refem-de-tiros-e-de-bombas-em-ato-por-reducao-da-tarifa,1042161>>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>18</sup> O cartaz foi em resposta à declaração do governador, que havia chamado os manifestantes de “baderneiros e vândalos”. Alckmin disse à imprensa francesa que “é intolerável a ação de baderneiros e vândalos destruindo o patrimônio público. Eles devem pagar por isso”. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/em-paris-brasileiros-fazem-protesto-e-chamam-alckmin-de-vandalo.html>>. Acesso em 11/02/2015.

<sup>19</sup> Alckmin esteve em Paris acompanhado do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, e do vice-presidente da República, Michel Temer, para apresentar a candidatura da cidade.

das pessoas sejam previamente autorizados pela prefeitura parisiense<sup>20</sup>. Já no Brasil, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, pede para que a Polícia Federal acompanhe as manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro. Quanto à reunião entre o Ministério Público de São Paulo e os manifestantes, os líderes do MPL afirmam “não ter mais controle sobre os participantes dos protestos” (FIGUEIREDO et al, 2014, p. 16). Depois de duas semanas de manifestações, um dos principais comentaristas políticos da Globo, Arnaldo Jabor, deu sua sentença na edição noturna do Jornal da Globo:

Mas, afinal, o que provoca um ódio tão violento contra a cidade? Só vimos isso quando a organização criminoso de São Paulo queimou dezenas de ônibus. Não pode ser por causa de 20 centavos. [...] No fundo, tudo é uma imensa ignorância política. É burrice misturada a um rancor sem rumo (FONSÊCA, 2013, p. 19).

Fonsêca (2013, p. 19) ainda afirma que “o jornalista ainda qualificou os manifestantes como alimentadores de uma “ilusão”, uma “caricatura violenta da caricatura de um socialismo dos anos 1950”, e qualificou, numa frágil ironia com a principal reivindicação daquele momento: “esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos”. Entretanto, no dia seguinte, houve o marco tanto da massificação final dos protestos quanto de uma indicativa mudança de rota editorial dos meios de comunicação, e, em especial, das redes televisivas (FONSÊCA, 2013, p. 20).

---

<sup>20</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/em-paris-brasileiros-fazem-protesto-e-chamam-alckmin-de-vandalo,069366d2ef93f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 05/03/2015.

Figura 3 - Jornalista fotográfico Sérgio Silva, da Agência Futura Press, sofreu lesões no olho e fratura na órbita



Fonte: Portal Terra – Foto do arquivo pessoal para divulgação<sup>21</sup>.

A quarta manifestação ocorreu em 13 de junho. Cerca de 50 pessoas foram detidas antes mesmo do início da marcha. Depois de seu início, na praça Ramos de Azevedo, a PM impediu que os manifestantes chegassem à avenida Paulista por meio de ataques às pessoas que se encontravam na rua da Consolação – antes mesmo de qualquer ato de depredação por parte dos manifestantes. Policiais agrediram pessoas em bares ou indivíduos que tentavam fugir pelo metrô. Também foram registrados casos de agressão contra a imprensa. O jornalista Fernando Borges, do portal Terra, foi detido e o repórter Vagner Magalhães foi agredido; o repórter Piero Locatelli, da revista Carta Capital, foi preso; a Folha de S. Paulo informou que sete de seus jornalistas foram atingidos durante as manifestações; o fotógrafo Sérgio Silva, da agência Futura Press, teve o olho atingido por uma bala de borracha; o fotógrafo Filipe Araújo, do jornal Estado de S. Paulo, foi atropelado por uma viatura<sup>22</sup>. No geral, 105 pessoas foram feridas. Tendo em vista as agressões, os manifestantes criaram um *tumblr* chamado “O que não sai na TV”<sup>23</sup>. Por meio desse *site* qualquer pessoa poderia publicar textos, imagens, *links*, citações e áudio para mostrar os abusos recorrentes durante os protestos em São Paulo. Segundo Fonsêca (2013, p. 20-21), as cenas de ação policial na cidade foram a justificativa subentendida para o *mea culpa* público de Arnaldo Jabor, no mesmo Jornal da Globo, numa

<sup>21</sup> Disponível em < <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/fotografo-atingido-em-protesto-tem-chance-minima-de-recuperar-visao,5f3ddfb49e24f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 04/03/2015.

<sup>22</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/confira-a-cronologia-e-os-principais-acontecimentos-dos-protestos-em-sp.html>>. Acesso em 11/02/2015.

<sup>23</sup> Disponível em <<http://oquenaosainatv.tumblr.com/>>. Acesso em 05/03/2015.

sequência que indiciava o reposicionamento de praticamente todos os outros meios de comunicação. No relato de Jabor:

À primeira vista esse movimento parecia uma pequena provocação inútil que muitos criticaram erradamente, inclusive eu. [...] O Brasil parecia desabitado politicamente. De repente, reapareceu o povo. [...] Se tudo virar batalhas campais, a coisa se destrói. Se virar um movimento abstrato, genérico demais, tudo se esvai. É preciso uma política nova se reinventando com objetivos concretos. Se tudo correr bem, estamos vivendo um momento histórico, lindo e novo. Os jovens terão nos dado uma lição. Democracia já temos. Agora, temos que formar uma república. (FONSÊCA, 2013, p. 20-21).

No âmbito governamental, o governador Geraldo Alckmin defendeu a ação policial e o prefeito Fernando Haddad criticou a PM. Além das reações nacionais, 27 cidades no mundo fizeram manifestações pacíficas em defesa dos participantes das ações em São Paulo<sup>24</sup>.

Em 14 de junho, o prefeito Haddad convidou o MPL para reunião; enquanto isso, o governador Alckmin defendia a ação policial. Ambos descartaram a revisão do aumento da tarifa. Depois da ação truculenta da PM, a sociedade civil tomou partido em defesa das manifestações<sup>25</sup>. Uma pesquisa do Instituto Datafolha mostrou que a maioria dos paulistanos defendia os protestos contra o reajuste da tarifa do transporte público. O levantamento, realizado antes das manifestações do dia 13 de junho, constatou que 55% dos entrevistados apoiavam o movimento, enquanto 41% declararam ser contrários. O restante se disse indiferente aos acontecimentos. Para 78% das pessoas, porém, os manifestantes “foram mais violentos do que deveriam”. Outros 15% acharam que os manifestantes agiram “na medida certa”. Quanto às ações da polícia, 47% dos paulistanos disseram que os policiais foram “violentos na medida certa”, enquanto outros 40% condenaram as ações dos PMs. Em relação à tarifa do transporte público, 67% das pessoas consideraram alto contra 29% que consideraram adequado<sup>26</sup>.

No dia 15 de junho, o fotógrafo Sérgio Silva, da agência Futura Press, recebeu alta do hospital. Ele foi atingido no olho esquerdo por um tiro de bala de borracha disparado pela PM durante um protesto em São Paulo. Segundo o relato da esposa de Sérgio, a jornalista Kátia Passos, o estado do fotógrafo era bastante grave. “Os médicos acham que, mesmo se fizesse

---

<sup>24</sup> Disponível em <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,europa-e-eua-tem-atos-de-apoio-a-protestos,1043246>>. Acesso em 24/01/2015.

<sup>25</sup> Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,repessao-da-pm-em-sp-faz-apoio-a-protestos-crescer,1042783>>. Acesso em 24/01/2015.

<sup>26</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294919-maioria-da-populacao-e-a-favor-dos-protestos-mostra-datafolha.shtml>>. Acesso em 03/05/2015.

agora uma cirurgia, pode até piorar a pequena acuidade visual que ele ainda tem. Mas a chance de ele recuperar (a visão) é mínima, disse Kátia em entrevista ao Portal Terra<sup>27</sup>.

Figura 4 - Repórteres fotográficos reclamam pela falta de segurança para exercer profissão



Fonte: Portal Terra – Fernando Borges<sup>28</sup>.

Em 16 de junho, aproximadamente 50 profissionais da imprensa (a maioria repórteres fotográficos) protestaram contra a violência policial aplicada aos jornalistas durante as manifestações na cidade<sup>29</sup>. O Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo (SJSP) estimou que pelo menos 12 repórteres foram agredidos e dois foram presos arbitrariamente no dia 13 de junho. A PM “liberou” o uso do vinagre<sup>30</sup> para os próximos protestos e anuncia uma reunião com o MPL – normalmente o vinagre era utilizado pelos manifestantes e pelos jornalistas para diminuir a sensação de ardência nos olhos e na garganta provocado pelas bombas de gás lacrimogêneo. O governo do estado de São Paulo anunciou que não pretendia usar a “Polícia Militar, tropa de choque ou balas de borracha nas manifestações convocadas

<sup>27</sup> Disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/fotografo-atingido-em-protesto-em-sp-deixa-o-hospital,11e4fcd85494f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>28</sup> Disponível em < <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/cerca-de-50-profissionais-participam-de-ato-pela-liberdade-de-imprensa-em-sp,6941cbfe04e4f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>29</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/cerca-de-50-profissionais-participam-de-ato-pela-liberdade-de-imprensa-em-sp.html>>. Acesso em 11/02/2015.

<sup>30</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/sp-policia-militar-libera-uso-de-vinagre-em-manifestacoes.html>>. Acesso em 11/02/2015.

para o dia 17 de junho” (FIGUEIREDO et al, 2014, p. 17). O governo do estado de São Paulo também convidou os manifestantes do MPL, que pretendiam estudar um possível processo contra o Estado de São Paulo por causa da repressão policial aos manifestantes<sup>31</sup>, para uma reunião. Fora do Brasil, houve manifestações lideradas por estudantes e imigrantes brasileiros em Washington (Estados Unidos), Berlim (Alemanha) e em Dublin (Irlanda).

Já em 17 de junho, a Polícia Militar estimou a presença de 65 mil pessoas no quinto ato, porém, o MPL e setores da imprensa calcularam que o público tenha passado dos 100 mil. Alguns manifestantes passaram a pedir para que as bandeiras de partidos, como PSOL, PCB e PSTU – que acompanhavam o MPL desde o início – fossem abaixadas<sup>32</sup>. A marcha pacífica partiu do Largo da Batata e se dividiu em três frentes: a primeira seguiu pela avenida Faria Lima; a segunda ocupou a avenida Paulista e a última caminhou para a Marginal Pinheiros, de onde seguiu para o Palácio dos Bandeirantes<sup>33</sup>. Lá houve uma tentativa de invasão do Palácio dos Bandeirantes por um grupo de 30 pessoas, que foram reprimidas pela PM com bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo. O protesto também foi bastante marcado pelas críticas à cobertura que a Rede Globo fez das primeiras manifestações. Alguns repórteres da emissora tentaram usar microfones sem logo para não serem agredidos. Até mesmo a equipe do jornalista Caco Barcellos foi expulsa a gritos e não conseguiu gravar no local<sup>34</sup>. Diferentemente do início, o governador Geraldo Alckmin afirmou que os protestos “fortalecem a democracia”. A presidente Dilma disse que os protestos eram “legítimos”. Já o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, em sua página do Facebook, que as manifestações não poderiam ser encaradas como “coisa de polícia, mas sim de mesa de negociação” (FIGUEIREDO et al, 2014, p. 17). O prefeito Haddad não comentou as ações.

---

<sup>31</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/sp-apos-libertacao-do-ultimo-detido-mpl-estuda-processar-estado,42a6f7cfe4a4f310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>32</sup> No filme *Por uma vida sem catracas, MPL-SP* (2014), a integrante Mayara Vivian afirma que houve a participação de algumas pessoas com bandeiras de partidos durante as manifestações. Entretanto, ela explica que essas pessoas não queriam promover os partidos da mesma forma outras queriam apenas aparecer e não lutar pela causa.

<sup>33</sup> Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/09/uma-cronologia-das-manifestacoes/>>. Acesso em 11/02/2015.

<sup>34</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/sp-protesto-leva-milhares-as-ruas-mas-grupo-ataca-palacio-dos-bandeirantes,9ce1df48ed55f310VgnVCM5000009cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 05/03/2015.

Figura 5 - Grupo tenta invadir a Prefeitura de São Paulo



Fonte: Portal Estadão – Leandro Mantovani<sup>35</sup>.

A noite de 18 de junho foi marcada por um caos em São Paulo<sup>36</sup>. O sexto protesto contra o aumento da tarifa ocorreu em meio à destruição e saques nas ruas do centro histórico da cidade. Manifestantes tentaram invadir a sede da prefeitura paulistana, saquearam lojas, queimaram uma cabine da PM e um furgão da TV Record. A polícia reagiu com cassetetes e gás de pimenta. No Conselho da Cidade, o prefeito Fernando Haddad se reuniu com manifestantes do MPL e sinalizou, pela primeira vez, a possível alteração do valor da passagem. Cerca de 50 mil pessoas participaram do ato e jornalistas também foram atacados durante o protesto. A presidente Dilma disse que ouvia “as vozes das ruas pelas mudanças” (FIGUEIREDO et al, 2014, p. 17).

Finalmente, em 19 de junho, as Prefeituras de São Paulo e do Rio de Janeiro, assim como o governo paulista, decidiram revogar o aumento da tarifa do transporte público. O governador Geraldo Alckmin e o prefeito Fernando Haddad anunciaram que as tarifas, que tinham sido reajustadas de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, voltariam para os valores anteriores na segunda-feira seguinte. O preço da integração também voltaria para o valor de R\$ 4,65 depois

<sup>35</sup> Disponível em < [http://blogs.estadao.com.br/estadao-urgente/protestos-ocorrem-em-75-cidades-e-terao-seguranca-reforcada/?doing\\_wp\\_cron=1425574810.0272130966186523437500](http://blogs.estadao.com.br/estadao-urgente/protestos-ocorrem-em-75-cidades-e-terao-seguranca-reforcada/?doing_wp_cron=1425574810.0272130966186523437500)>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>36</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Hs1gQta6uNE>>. Acesso em 24/01/2015.

de ter sido reajustado para R\$ 5,00<sup>37</sup>. O MPL manteve a manifestação marcada para o dia 20 de junho e também disse que esse seria um protesto festivo<sup>38</sup>.

Figura 6 - Protestos se espalham por todo o país



Fonte: Portal Estadão – Fábio Motta<sup>39</sup>.

Em 20 de junho, mais de um milhão de pessoas vão às ruas em 75 cidades. Em São Paulo, o “protesto festivo” foi interrompido pela ação de manifestantes que pediram para que bandeiras de partidos fossem baixadas. Em Brasília, a polícia reprimiu uma tentativa de invasão ao Itamaraty. No Rio de Janeiro, 22 pessoas ficaram feridas no confronto entre manifestantes e policiais. Em Ribeirão Preto, um manifestante morreu atropelado. A presidente Dilma anuncia um “pacote” de medidas para os jovens com “a promessa do reforço do programa Ciência Sem Fronteiras, ampliação do acesso à universidade, programas sociais, dentre outras medidas” (FIGUEIREDO et al, 2014, p. 18).

<sup>37</sup> Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/haddad-e-alcmin-anunciam-reducao-das-tarifas-para-r-3-em-sp,fc2b18f9d2e5f310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>38</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NTob7td8eMo>>. Acesso em 24/01/2015.

<sup>39</sup> Disponível em <<http://infograficos.estadao.com.br/public/cidades/protestos-de-junho/>>. Acesso em 05/03/2015.

Depois do debate com seus ministros, em 21 de junho a presidente Dilma Rouseff falou por 10 minutos em rede nacional e propôs cinco pontos para melhorar a saúde, a educação, os transportes, assim como uma constituinte para a reforma política<sup>40</sup>. Em meio a protestos violentos ainda por todo o País, o MPL anunciou sua retirada das ruas.

#### 4. Black Blocs em São Paulo

O termo Black Bloc surgiu de maneira confusa na imprensa nacional. Como mostra a matéria de 8 de agosto na revista Carta Capital, “nas capas de jornais e na boca de âncoras televisivos, [os Black Blocs] eram a „minoría baderneira“ em meio a „protestos que começaram ordeiros e pacíficos“<sup>41</sup>. Outras manchetes também chamaram a atenção do público. Por exemplo, “„Black Bloc influencia protestos no Brasil“ (G1 Globo, 12 de julho de 2013) e “„Para especialistas, ideário black bloc permanece ativo' (Folha de S. Paulo, 4 de agosto de 2013). Mas, quem, afinal, são esses ativistas?

Figura 7 - Movimento punk foi um dos precursores do Black Bloc internacional



Fonte: Eli Siminoni - *Mascarados: A Verdadeira História dos Adeptos da Tática Black Bloc*.

<sup>40</sup> O governo federal desistiu da reforma política por meio de uma assembleia constituinte depois que as ruas se acalmaram. A proposta passou a ser um plebiscito, que depois também foi descartado. As manifestações que continuaram se concentraram no Rio de Janeiro contra a violência da polícia.

<sup>41</sup> Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/revista/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html>>. Acesso em 02/02/2015.

Os Black Blocs apareceram como os “vilões” em meio às manifestações na cidade de São Paulo devido as suas características físicas e ao seu tipo de tática. Reconhecidos por suas roupas pretas e máscaras, os manifestantes usam a estratégia de andar em blocos compostos por grupos de afinidade e aparentam fazer parte de uma massa única<sup>42</sup>. Além do objetivo óbvio de dificultar a identificação policial, “cobrir a fisionomia tem a finalidade mais complexa de se reconhecer como coletivo, como conjunto sem rosto que compartilha uma mesma forma de entender as ruas” (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 88).

Figura 8 - Primeiros mascarados marcam presença nas manifestações de junho em São Paulo



Fonte: André Guilherme – *Mascarados: A Verdadeira História dos Adeptos da Tática Black Bloc*.

Diferentemente do MPL-SP, os Black Blocs fazem o uso de uma tática de desobediência civil e de autodefesa baseado na ação direta, isto é, depredação de símbolos de poder como forma de protesto contra o Estado e o capitalismo<sup>43</sup>. Como sugere Solano (2014, p. 76) a auto-definição dos Black Blocs é simples: “uma forma de protesto, uma estratégia, fundada na violência-espetáculo, na violência comunicativa”. Essas características fazem referência aos Black Blocs internacionais que também estão ligados aos mesmo ideais. Um exemplo disso pode ser verificado no relato do coletivo Ned Ludd, que afirma:

<sup>42</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/conheca-estrategia-black-bloc-que-influencia-protestos-no-brasil.html>>. Acesso em 24/02/2015.

<sup>43</sup> Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/522368-o-black-bloc-e-a-resposta-a-violencia-policial>>. Acesso em 24/02/2015.

Manifestantes que transformam seus corpos em catapultas, que atiram pedras em barreiras num espaço que exige uma outra disciplina (ou uma disciplina), quebrando a rotina e a tranquilidade dos que dirigem e comandam a economia e a política demonstram (pelo menos em certo período e espaço) a ausência daquilo que mantém as coisas em ordem e o capitalismo em vigor: a disciplina. As ruas não são o local determinado no capitalismo para corpos atirarem pedras e nem serem barricadas e não são o local para enfrentamentos econômicos e políticos: as mesas de „negociações“ e o parlamento são os espaços na nossa sociedade para isso. O sinal dado aos homens no poder está auto-organizada indisciplina em massa, a „agitação das massas“, é de que as pessoas começam a não se posicionar mais nos lugares estabelecidos e a não se comportar mais do modo necessário para a continuidade do sistema, por motivo de um desejo, aspiração ou reivindicação. O sinal dado pela indisciplina em massa, que enfrenta o delito e a loucura (a marginalidade), assusta e pressiona muito mais os que estão no poder do que as outras formas de manifestação, por ser já um rompimento com a disciplina do sistema, antecipando a imagem de um rompimento total. (NED LUDD, 2002, p. 11).

Apesar das primeiras impressões concedidas pela grande mídia brasileira sobre esses ativistas, os Black Blocs vinham de uma tradição sobre a maneira mais eficaz de realizar a mudança social por meio do protesto de rua (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 281). Para os Black Blocs, o que está em jogo é o sentido da violência.

Figura 9 - PMs reprimem manifestantes no terceiro ato em São Paulo



Fonte: Mídia Ninja<sup>44</sup>.

Os ativistas dizem que o que fazem não é a violência em si, mas sim, uma performance – é um espetáculo que permite chegar perto de símbolos que chamem a atenção do público. “O discurso é de que a verdadeira violência é a de um sistema político que não dá respostas para a população e que mantém, por exemplo, índices altíssimos de homicídios e de

<sup>44</sup> Disponível em <<http://www.brasildefato.com.br/node/13203>>. Acesso em 05/03/2015.

mortes no trânsito” (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 41). Assim, por meio do próprio debate interno dos adeptos à tática, seria possível seguir duas categorias de violência: “aquela exercida fora da filosofia da tática, que não conduz a uma reflexão, impulsiva, repelida pelos mais politicados; e aquela, simbólica que segue os dogmas teóricos da prática Black Bloc” (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 96).

Os manifestantes do Bloco Negro se firmaram em meio aos protestos de São Paulo para reagir à truculência policial presente nas manifestações – violência considerada legitimada, institucional, “maiúscula”, com a qual as pessoas foram forçadas a conviver durante aquele período. Solano (2014, p. 105) afirma que, além da resposta à violência policial, os atos radicais dos Black Blocs buscavam chamar a atenção para o debate sobre as múltiplas agressões do sistema, que eram cotidianas e, por isso, invisíveis e mais perversas. Com base nas ideias do Black Bloc internacional, os manifestantes passaram a protestar nas ruas e o seu discurso foi se modificando com o tempo:

(...) em São Paulo a ação começou com o discurso Black Bloc internacional, de anti-capitalismo e ataque aos símbolos do capital, mas depois foi se apropriando do discurso das manifestações brasileiras. Ou seja, talvez não tanto [um discurso] contra o capital, mas incorporando as bandeiras e as reivindicações dos protestos: mudanças e melhoria do sistema político de forma geral. O anarquismo é a inspiração, mas, durante as conversas, aparecem muito mais a precariedade do estado brasileiro e a violência institucional do que as ideias anarquistas como motivações de sua presença nas ruas. (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 39).

Esses manifestantes queimaram agências bancárias, quebraram concessionárias e não pouparam lojas de marcas famosas. Munidos de martelos e latas de tinta, arrancaram lixeiras de rua, quebraram vidros de prédios públicos, destruíram caixas eletrônicos, picharam ônibus e viaturas durante os protestos. Alguns levaram até mesmo bombinhas, pedras e rojões para atirar contra policiais<sup>45</sup>.

Como relata Cris<sup>46</sup> (nome fictício), a violência explícita foi o único grito imediato que ele encontrou para reagir contra o sistema que se mostrava à parte da realidade da sociedade brasileira. Para o Black Bloc, “a população dá mais valor para o bem material do que para uma pessoa”. Então, as ações diretas foram uma maneira de incentivar o debate por meio da “quebradeira” (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 196).

---

<sup>45</sup> Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-08-18/apos-protestos-black-blocs-chegam-a-segunda-geracao-no-brasil.html>>. Acesso em 24/02/2015.

<sup>46</sup> Jovem de vinte e um anos, morador de uma das favelas mais violentas da Brasilândia, na periferia da zona Norte de São Paulo. Foi entrevistado por William Moraes para um dos sete perfis publicados no livro *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc*.

Figura 10 - Carros da polícia também foram foco dos Black Blocs



Fonte: Eli Siminoni - *Mascarados: A Verdadeira História dos Adeptos da Tática Black Bloc*.

Vale ressaltar que os Black Blocs também não quiseram entrar em contato com a grande mídia porque não consideravam que a imprensa estava fazendo o seu papel de informar as pessoas. Como aponta Daniel Fonsêca (2013, p. 18), era comum as emissoras mostrarem fragmentos de realidade desconectados do contexto específico e construírem narrativas do ponto de vista do posicionamento das forças policiais. Além disso, era recorrente a divisão entre os manifestantes “bons” e os “maus”, numa tentativa de marginalizar os grupos e, em especial, os adeptos da tática Black Bloc.

#### 4.1. Reações ao fenômeno Black Bloc: da grande mídia ao movimento das redes sociais

A reação da mídia aos ataques dos manifestantes do Black Bloc foi imediata. O professor do Instituto de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Carlos Vainer enfatiza que a mídia e os governos tentaram amedrontar e encurralar os movimentos por causa da preocupação de impedir que os “jovens „irresponsáveis“ e „vândalos“ manchassem a imagem do Brasil num momento em que os olhos do mundo estavam postos sobre o país, devido à Copa das Confederações” (ERMÍNIA MARICATO et al, 2014, p. 37). Para Vainer, a grande mídia deu o tom e o ministro da Justiça [José Eduardo Cardozo] foi até o jornal da principal rede de televisão para colocar a Força Nacional à disposição de governos estaduais e municipais.

Figura 11 - Manifestantes picham muro na região da Berrine em São Paulo



Fonte: Folhapress - Flávio Machado Pereira<sup>47</sup>.

O jornalista e sociólogo, Venício A. de Lima, considera que a primeira reação da mídia foi de condenação pura e simples: “as manifestações deveriam ser reprimidas com rigor ainda maior”. Fonsêca (2013, p. 16) concorda com a mesma ideia e reforça que os manifestantes foram estigmatizados e criminalizados como “baderneiros” e “arruaceiros”. A partir disso, eles viram-se mobilizados para dar respostas e reagir ao problema central que causava a espiral do silêncio<sup>48</sup> da mídia *mainstream*. Como afirma o integrante do MPL SP, Lucas Monteiro<sup>49</sup>, no momento em que a mídia foi reprimida pelas pessoas, ela mudou a sua postura e passou a condenar e criticar a violência policial. O fenômeno das manifestações nas ruas de São Paulo se alastrou e a mídia alterou radicalmente sua avaliação inicial, pois o apoio da população às pessoas que se manifestavam nas ruas aumentava cada dia mais.

[A mídia] passou então a cobrir em tempo real os acontecimentos, como se fosse apenas uma observadora imparcial, que nada tivesse a ver com os fatos que desencadearam todo o processo. O que começou com veemente condenação transformou-se, da noite para o dia, não só em tentativa de cooptação, mas também de instigar e pautar as manifestações, introduzindo bandeiras aparentemente alheias à motivação original dos manifestantes. (ERMÍNIA MARICATO et al, 2014, p. 92).

<sup>47</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml>>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>48</sup> Esta hipótese começou a ser desenvolvida na década de 1960 pela cientista alemã Elizabeth Noelle-Neuman baseada nas suas pesquisas sobre os efeitos dos meios de comunicação em massa. O conceito mostra que aqueles cujas opiniões são minoritárias tendem a se calar em frente a opinião da maioria. A cientista alemã relaciona esse fato à influência dos meios de comunicação de massa na formação da opinião pública.

<sup>49</sup> *Por uma vida sem catracas, MPL-SP*, (2014).

Acompanhando o crescimento do apoio aos protestos, a participação on-line nas redes sociais permitiu que os manifestantes do Black Bloc e de outros grupos disseminassem suas ideias e compartilhassem seus relatos sobre o que vinha ocorrendo nas ruas. Para Manso, os telefones móveis ajudaram a descrever a realidade a partir dos pontos de vista das pessoas nos protestos, o que transformou também todos os presentes em potenciais jornalistas. Além disso, Manso acredita que “cada dono poderia virar protagonista de sua própria notícia, com *selfies* em protestos colocados no dia seguinte na *timeline* do Facebook” (2014, p. 163). Solano complementa dizendo que a internet e, em especial o Facebook, exerceu um papel fundamental para os protestos. Para ela:

O Facebook não é só uma plataforma de convocação, organização e difusão dos eventos mas atua também como fortalecedora da identidade coletiva Black Bloc. Informações sobre a tática, notícias sobre sua atuação em diversos países, sentimentos, experiências, expectativas pessoais de cada um dos adeptos sobre a situação nas ruas, comentários contra a Polícia Militar... Proximidade, horizontalidade, ampla liberdade de expressão, fatores que disseminam ideias coletivas com rapidez e atuam como estimuladores. (MANSO; NOVAES; SOLANO, 2014, p. 109).

Para Fonsêca (2013, p. 22), as mídias alternativas (populares, comunitárias, independentes, livres) mantêm papéis importantíssimos para constituir um pólo mínimo de contraposição à função que cumprem os meios comerciais tradicionais, ainda bem mais fortes em termos de abrangência e audiência. Ele ainda afirma que “os coletivos de comunicação, jornais de bairro, rádio comunitárias, blogs independentes, organizações não-governamentais e assessorias de sindicatos e de centrais estão entre os principais integrantes de redes e de articulações que têm se organizado no país, mesmo antes dos protestos de junho de 2013”.

Figura 12 - A Mídia Ninja foi uma das precursoras na cobertura alternativa das manifestações em junho de 2013



Fonte: *Printscreen* do site Mídia Ninja<sup>50</sup>.

Manuel Castells (2013, p 160-161) considera que o espaço dos movimentos surge a partir da interação entre os espaços ocupados pelos manifestantes nos seus protestos e os espaços dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio. A partir desses dois ambientes cria-se um terceiro: o espaço da autonomia<sup>51</sup>. Esse meio age como força transformadora e desafia a ordem institucional disciplinar, já que os indivíduos passam a reclamar o espaço da cidade para todos os cidadãos. É nesse espaço que o movimento Black Bloc surge para contestar aquilo que lhes é imposto pelo sistema político e econômico vigente. Por meio de seus atos nas ruas, da “quebradeira” em si, essas pessoas conseguem mostrar por quais motivos elas fogem à regra e como essas ideias foram perpassadas, com os anos, de ativista para ativista. Isso é reafirmado pelos sociólogos e especialistas em movimentos sociais, Charles Tilly, Doug McAdam e Dieter Rucht. Os especialistas acreditam que o repertório de ações coletivas – consideradas eficazes e legítimas para a defesa e promoção de uma causa – circula entre períodos e locais diferentes. “Esses repertórios são transformados e disseminados ao longo do tempo e entre fronteiras de um movimento social para o outro, segundo as experiências dos militantes e as mudanças na esfera política” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 47-50).

<sup>50</sup> Disponível em <<https://ninja.oximity.com>>. Acesso em 05/03/2015.

<sup>51</sup> O autor considera esse espaço dessa maneira porque só se pode garantir a autonomia pela capacidade de se organizar no espaço livre das redes de comunicação.

Figura 13 - Página Black Bloc SP traz informações compartilhadas pelo grupo na Internet



Fonte: *Printscreen* da página Black Bloc SP no Facebook

Ao reclamar pelo espaço dos cidadãos, os Black Blocs também puderam mostrar a identidade<sup>52</sup> assumida por eles mesmos. Por meio das redes sociais, eles publicaram mensagens sobre seus ideais, as origens da tática e não deixaram de lado a tentativa de mostrar o seu engajamento frente ao que era divulgado pela grande mídia. Como afirma Castells (2000, p. 24-25), estes atores que estão em posições e condições desvalorizadas/estigmatizadas pela lógica da dominação uniram-se, construindo trincheiras de resistência e sobrevivência com base nos princípios distintos daqueles que sempre permearam as instituições da sociedade. O autor também acredita que a identidade de resistência pode ser o “tipo mais importante de construção na sociedade”, pois ela estimula a resistência coletiva diante da opressão.

Tal como na Espanha, com o movimento 3M, e no Oriente Médio, com a Primavera Árabe, no Brasil, a consciência de milhares de pessoas surgiu de maneira confusa, raivosa e otimista, porque eles eram, ao mesmo tempo, indivíduos e um coletivo durante a ebulição de manifestações em todo o mundo – uma vez que estão “sempre conectados, conectados em rede e enredados na rua, mão na mão, tuítes a tuítes, *post* a *post*, imagem a imagem” (CASTELLS, 2013, p. 179-180). As redes sociais foram decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir assuntos ligados ao movimento de protesto.

<sup>52</sup> Quanto ao conceito de identidade considera-se que, segundo Castells (2000, p. 22), esta é o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas”.

Após esse panorama sobre o Black Bloc em São Paulo, no próximo capítulo conheceremos o surgimento do ideário dos manifestantes, o seu discurso, a origem das ações diretas, assim como seu caráter político e as principais datas em que os ativistas marcaram a história ao redor do mundo.

## 5. Black Blocs no mundo

Não se sabe ao certo quanto o termo Black Bloc foi utilizado pela primeira vez. De acordo com Dupuis-Déri, há algumas considerações a serem levadas em conta quanto a origem. Há pessoas que afirmam que o termo surgiu na década de 1980, quando chamados pela mobilização anarquista de Primeiro de Maio em Frankfurt pediam às pessoas que se juntassem ao movimento Black Bloc. Outros acreditam que o termo originou-se quando a polícia avançou para desmontar a República livre de Wendland – acampamento contra a abertura de um depósito de lixo radioativo em Gorbelen, Baixa Saxônia. Nos dias subsequentes foram feitas manifestações, sendo a mais famosa a “Black Friday”, em que todos vestiam jaquetas de couro preto e capacetes de moto, além de bandanas pretas.

Figura 14 - Imagem de um dos primeiros Black Blocs nos anos 1980



Fonte: COSTA, 2010, p. 15.

O autor ainda afirma que algumas pessoas defendem que o termo apareceu em dezembro de 1980. Quando a polícia de Berlim Oriental decidiu pôr fim nas ocupações, as autoridades autorizaram a polícia despejar outros indivíduos de maneira violenta. Tendo em

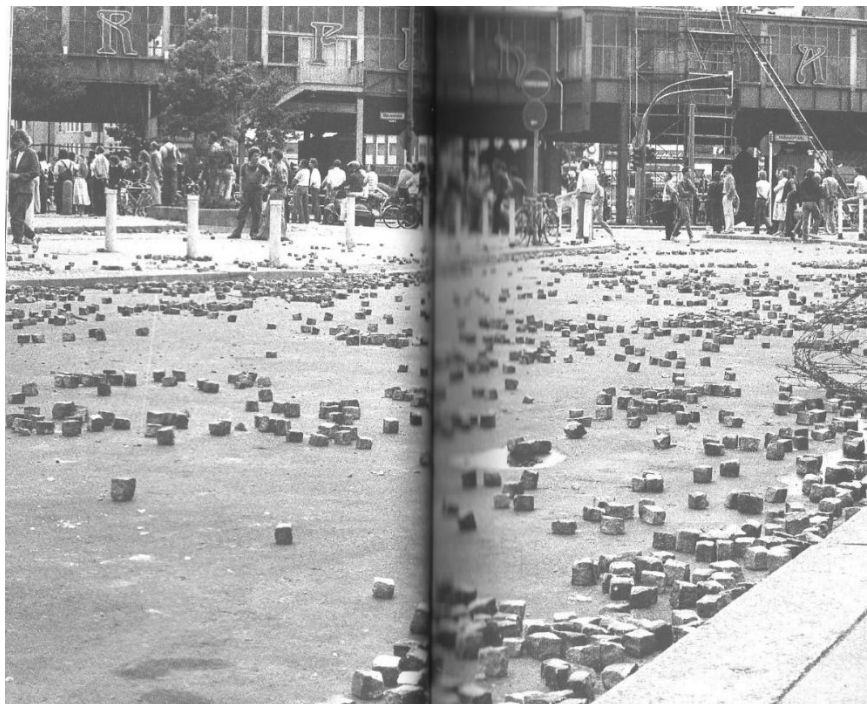
vista essa ameaça de ação brutal, os *Autonomen*<sup>53</sup> surgiram com máscaras e roupas pretas e foram às ruas para defender suas ocupações (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 43).

De acordo com dados levantados no livro *Black Bloc*, de Dupuis-Déri, no livro *Urgência das Ruas: Black Blocs, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*, do coletivo Ned Ludd, e no artigo *A Tática do Black Bloc*, de Jairo Costa, é possível fazer uma breve cronologia sobre o surgimento, as ações e participações de Black Blocs ao redor do mundo.

Segundo Dupuis-Déri, em 1986 um grande Black Bloc se formou em Hamburgo (Alemanha) para defender ocupações na rua Hafertrasse. Aproximadamente 1.500 manifestantes, que tiveram o apoio de outros 10.000, lutaram contra a polícia e salvaram a ocupação.

Em junho de 1987, um grupo de Black Blocs apareceu durante a visita do presidente Ronald Reagan à Berlim Ocidental, Alemanha. “Nessa ocasião, Reagan pronuncia o seu famoso discurso diante do Portão de Brandemburgo, pedindo para que o premiê soviético, Mikhail Gorbachev, derrubasse o Muro de Berlim” (COSTA, 2010, p. 10).

Figura 15 - Milhares se manifestaram durante a visita de Ronald Reagan a Berlim Ocidental



Fonte: DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 48-49.

<sup>53</sup> Segundo Dupuis-Déri, o movimento surgiu na Alemanha e depois se espalhou pela Dinamarca e Noruega. Os grupos autônomos alemães, que praticavam a política igualitária e participativa, expressavam seus ideais políticos por meio de campanhas contra o pagamento de aluguéis e reapropriação de edifícios. Suas origens são variadas: vão desde o marxismo, feminismo radical, ambientalismo, até o anarquismo. Essa diversidade ideológica era vista no geral como uma garantia de liberdade.

Em setembro de 1988, no mesmo local, em protesto contra o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), os manifestantes do Black Bloc atuaram contra essas instituições.

Dupuis-Déri (2014, p. 50) considera que os Black Blocs surgiram pela primeira vez na América do Norte em janeiro de 1991 em uma manifestação contra a primeira Guerra do Iraque. No mesmo ano, em San Francisco, um grupo de mascarados se manifestou no dia do Descobrimento da América ao denunciar os 500 anos de genocídio cometidos contra as nações indígenas. Em Washington, outra marcha foi feita em prol dos direitos das mulheres de mandar em seus corpos.

A tática dos Black Blocs também foi utilizada no início dos anos 1990 por membros da *Anti-Racist Action* (ARA), movimento antiautoritário e antirracista nos Estados Unidos e no Canadá que tinha como foco o confronto com neonazistas e seguidores da Supremacia Branca. Em 22 de setembro de 1993, ativistas da seção de Toronto da ARA foram até Montreal para protestar contra a reunião que seria feita por dois prefeitos franceses da Frente Nacional<sup>54</sup>.

Os Black Blocs ganharam força a partir de 1999. Em setembro desse ano, Praga (República Tcheca) foi ocupada por Black Blocs durante a reunião dos países membros do FMI e do Banco Mundial. De acordo com o relato no livro *Urgência das Ruas: Black Blocs, Reclaim the Streets e os dias de ação global*:

Havia um policial para cada manifestante em Praga – havia menos manifestantes do que se esperava – mas mesmo assim o encontro com o Banco Mundial e FMI foi cancelado após o primeiro dia. Os 13 mil manifestantes se dividiram em três blocos, um rosa (que adotou o estilo *street party Reclaim the Streets* e que conseguiu furar o bloqueio da polícia), o amarelo (que usou a tática de confronto dos Tute Bianche) e o azul (no qual estava o Black Bloc). Os três acessos ao Palácio onde os burocratas capitalistas se reuniam foram obstruídos. O metrô da cidade foi interditado para que os burocratas pudessem ser evacuados do Palácio, já que de noite um deles foi alvejado com uma pedra na cabeça. Outros tantos se apavoraram vendo as barricadas em chamas. No segundo dia a maioria temia sair dos seus hotéis e as festinhas promovidas por empresários e bancos foram ou impedidas ou canceladas. (NED LUDD, 2002 p. 99).

Ainda em 1999, “um Black Bloc de cerca de 1.500 pessoas participou de uma passeata na Filadélfia exigindo a libertação de Mumia Abi-Jamal, um dos fundadores da divisão local

---

<sup>54</sup> O resultado foi um confronto violento com a polícia e perseguições pelas ruas, já que os manifestantes foram atrás de aproximadamente 30 skinheads neonazistas que estavam no local para protegê-lo.

dos Panteras Negras, que havia sido acusado de matar um oficial da polícia em 1981 e condenado à morte”. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 51).

Apenas em novembro do mesmo ano a mídia exibiu a imagem do Black Bloc para todo o mundo durante as manifestações contra a reunião da OMC em Seattle<sup>55</sup>. Nessa ocasião, dezenas de milhares de manifestantes formaram a maior manifestação de protesto desde os anos 1960 nos Estados Unidos. Manifestantes bloquearam cruzamentos do centro de Seattle e praticaram a resistência passiva – na tradição de desobediência civil não-violenta<sup>56</sup> de Gandhi e Martin Luther King Jr – impedindo que os delegados dos governos chegassem ao local de encontro. Em resposta à ação, a polícia foi ao encontro dos manifestantes com “muita bala de borracha, spray de pimenta e gás lacrimogêneo” (NED LUDD, 2002, p. 47). Para Dupuis-Déri (2014, p. 10) desde os acontecimentos em Seattle, em que bancos e lojas de grifes multinacionais tiveram vitrines estilhaçadas e suas paredes cobertas por pichações, a mídia vem filmando os cenários das manifestações com entusiasmo:

A mídia cobriu extensamente a aparição dos Black Blocs em Seattle, ajudando a difundir suas características distintivas: roupas pretas, máscaras nos rostos, e ataques contra alvos econômicos e políticos. Os principais meios de comunicação apresentaram uma visão bastante negativa dos Black Blocs; a discussão sobre suas ações foi mais equilibrada na mídia alternativa, especialmente na rede on-line independente *Indymedia*<sup>57</sup>, onde se podiam ler comunicados do Black Bloc, e ver fotos e vídeos deles em ação. Fascinados por essas imagens, e convencidos pelos argumentos a favor da legitimidade e da eficácia da tática Black Bloc, algumas pessoas passaram a se identificar com essa forma de ação e decidiram organizar seus primeiros Black Blocs na primeira oportunidade. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 52).

Em abril de 2000, os Black Blocs marcaram presença durante a reunião entre o FMI e o Banco Mundial nos Estados Unidos. A reunião não foi impedida, mas muitos funcionários do FMI e do Banco Mundial tiveram de dormir no serviço, com medo de não conseguirem chegar ao local de trabalho no dia seguinte.

Em setembro de 2000, os manifestantes mascarados marcaram presença durante a Ação Global dos Povos e depredaram o andar térreo da sede da Bovespa.

---

<sup>55</sup> O evento ficou conhecido como A Batalha de Seattle.

<sup>56</sup> Segundo o professor de Antropologia da London School of Economics, David Graeber, “muitos jovens que formaram o famoso Black Bloc de Seattle eram, na verdade, ativistas ambientais que estiveram envolvidos em táticas de subir e se prender em árvores para impedir que fossem derrubadas e que operavam em princípios puramente gandhianos”. Só em seguida eles descobriram que, nos Estados Unidos da década de 1990, manifestantes não-violentos poderiam ser brutalizados, torturados e mesmo mortos sem qualquer objeção da imprensa nacional. Assim, eles mudaram de tática”. Disponível em <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=160>>. Acesso em 03/03/2015.

<sup>57</sup> O *Indymedia* foi uma “proposta de mídia independente levada a cabo pelos próprios ativistas e que iria se espalhar em pouco tempo por várias cidades e países do mundo, inclusive no Brasil”. (Ned Ludd, 2002, p. 49).

Figura 16 - Cerca de segurança depois de ser quebrada por Black Blocs em Quebec



Fonte: DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 194.

Em abril de 2001, os Black Blocs participaram de atos contra a Cúpula das Américas em Quebec, Canadá. Segundo o relato do Coletivo Barricadas, o crescente apoio ao Black Bloc ficou claro em Quebec:

(...) já que foi recebido com aplausos por onde passou e recebeu palavras de incentivo e comemoração, fosse de moradores locais ou de outros manifestantes. Isso era em grande parte devido ao fato de que quase toda a atenção e energia estavam voltadas para o perímetro da cerca, que muitas pessoas já vinham pensando em derrubar. E mesmo as táticas militantes (molotovs, pedras e confronto direto) eram super bem recebidas. (NED LUDD, 2002, p. 146).

Sobre a questão da imprensa, o coletivo ainda afirma que parecia que os jornalistas só estavam interessados em pesquisas e em evitar repetir as desinformações que a polícia passava. Para eles, isso apenas aconteceu a partir do momento em que os manifestantes mostraram que mentiras e desinformações não seriam toleradas. Essa mesma ideia também estava nítida para os Black Blocs, que muitas vezes se negavam a tirar fotos, faziam parar filmagens e evitavam qualquer veículo midiático que cruzasse o caminho (NED LUDD, 2002, p. 145).

Figura 17 - Black Bloc nas ruas de Gênova durante a Cúpula do G8



Fonte: COSTA, 2010, p. 10.

Em junho de 2001, manifestações foram feitas contra o Conselho Europeu em Gotemburgo, Suécia. No mês seguinte, os Black Blocs protestaram contra a Cúpula do G8 em Gênova, Itália. Para o antropólogo e ativista Jeffrey Juris, o objetivo da ação dos manifestantes era “produzir mensagens concretas que desafiam o capitalismo global e o Estado”, além de gerar identidades radicais (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 117). Mas a estratégia de criminalização da tática foi colocada em voga:

A primeira estratégia de criminalização em Gênova foi a transmissão de uma imagem de caos generalizado que cobre com uma cortina de fumaça o que na verdade está em jogo. A segunda é pôr toda a ação de destruição de propriedade no mesmo saco. A terceira é pôr toda a ação de confrontação debaixo da marca “Black Bloc”. Assim se constrói o mito, o inimigo público. (NED LUDD, 2002, p. 185).

Durante as ações em Gênova, a polícia tentou controlar os tumultos com jatos de água e gás lacrimogêneo. Em resposta, os ativistas passaram a atirar pedras. No meio da confusão, um grupo com rostos cobertos por máscaras avançou na direção de um jipe da polícia paramilitar italiana. Um dos ativistas, Carlo Giuliani, de 23 anos, tentou atirar um extintor de incêndio no veículo, mas dois tiros foram disparados, um dos quais acertou Giuliano na cabeça. O motorista ainda manobrou e atropelou o rapaz<sup>58</sup>.

Em junho de 2003, os Black Blocs participaram de atos em Genebra e Lausanne. De acordo com Costa (2010, 14-15), o movimento foi fortemente criticado por ativistas pela paz

<sup>58</sup> A morte de Giuliani provocou uma gigantesca passeata pelas ruas de Gênova, mais violência dos manifestantes e também da polícia. Além disso os protestos se alastraram pela França, Alemanha, Holanda, México e Brasil. Mais informações em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-genova-em-2001-ativista-foi-morto-em-manifestacao-contra-globalizacao-10337170>>. Acesso em 03/03/2015.

e também por membros do próprio Black Bloc. Já em setembro de 2003, cerca de cem anarquistas turcos organizados em Black Blocs marcharam contra o “sistema e a guerra” nas ruas de Ancara. Ao fim do evento, queimaram suas bandeiras antes de se dispersar. Vale lembrar que em 2005, Black Blocs apareceram durante protestos contra a reunião do G8 na Escócia.

Figura 18 - Ativista Carlo Giuliani no protesto em Gênova



Fonte: COSTA, 2010, p. 14.

Em 2007, os mascarados participaram de ações contra a Cúpula de Líderes da América do Norte em Montebello, Canadá. No mesmo ano, um bloco de milhares de pessoas marchou contra o G8 em Heilingendamm/Rostock, Alemanha. Janelas de bancos foram quebradas, uma viatura de polícia vandalizada, um escritório da Caterpillar foi incendiado – porque haviam sido utilizados equipamentos da Caterpillar para deslocar comunidades palestinas à força em territórios ocupados por Israel – e 400 policiais foram feridos.

Em 2008, Black Blocs atuaram durante a cúpula da União Europeia (UE) sobre a imigração em Vicgny, França. No mesmo ano, ocorreram manifestações tumultuosas em toda a Grécia – com a participação de muitos contingentes de Black Blocs – após a morte de Alexandros Grigoropoulos, de 15 anos, nas mãos da polícia ateniense no bairro de Exarchia. Foram feitas passeatas em solidariedade no bairro de Kreuzberg, em Berlim, e em Hamburgo, onde um Black Bloc de algumas dezenas de pessoas gritava: “Grécia, foi assassinato! Resistência em toda parte” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 14-15).

Em 2009, protestos contra a reunião do G20 no City (centro financeiro de Londres) marcaram o momento na Inglaterra. Em Pittsburgh, Estados Unidos, também houve protestos contra o G20. Já na França houve protestos contra a Cúpula da OTAN, em Estrasburgo, e em Poitiers, manifestantes quebraram vitrines da loja da companhia telefônica Bouygues Telecom.

Figura 19 - Protesto contra as Olimpíadas de 2010 em Vancouver



Fonte: DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 104.

Em fevereiro de 2010, mascarados apareceram durante uma manifestação como parte da campanha “No Olympic Games on Stolen Native Land” (Nada de Jogos Olímpicos em território roubado dos nativos) em Vancouver, Canadá. Já em maio, eles participaram da marcha do Primeiro de Maio em Zurique, Alemanha. Em Toronto, os Black Blocs estiveram nas reuniões realizadas para preparar as mobilizações contra a Cúpula do G20:

No dia seguinte à maior manifestação contra o G20 em Toronto, o jornal Toronto Star publicou a manchete “Behind the Black Bloc G20 Violence” (Por trás do Black Bloc: Violência no G20). Um dia depois, o mesmo jornal publicou a matéria intitulada “Who is the Black Bloc?” (Quem é o Black Bloc?). Quando o Black Bloc surgiu pela primeira vez no Egito, em janeiro de 2013, a notícia foi publicada pela mídia canadense, francesa, alemã, britânica, japonesa, israelense, espanhola, suíça, tunisiana e norte-americana. (DUPUIS-DÉRI, 2014, 18-19).

Em março de 2011, Black Blocs participaram das mobilizações antiausteridade em Londres, Inglaterra. Em maio, um pequeno grupo de Black Blocs se mobilizou contra o G8

em Deauville na França. Em junho, um grande Black Bloc ligado ao movimento “No TAV” (*Treno ad Alta Velocità*, ou, Trem de Alta Velocidade, em tradução livre) apareceu contra a construção de uma linha de trem de alta velocidade no Vale de Susa, Itália; em Roma, Black Blocs atacaram diversos bancos e dezenas de policiais foram feridos. Em setembro, um grupo do Bloco Negro participou da passeata anual em defesa dos direitos humanos em Tel Aviv, Israel. “O Occupy Movement, que havia acampado em diversas cidades do Ocidente no segundo semestre de 2011, convocou manifestações em outubro do mesmo ano” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 16-17). Assim, em Oakland, Estados Unidos, Black Blocs compareceram às manifestações do Occupy, onde foram realizadas ações contra o Chase Bank, Bank of America, Wells Fargo, Whole Foods Market e contra o escritório do presidente da Universidade da Califórnia.

Em 2012, foram vistos Black Blocs durante a maior e mais longa greve estudantil na história do Quebec, Canadá. Em março, eles foram vistos durante uma geral contra as reformas na lei trabalhista na Praça da Catalunha em Barcelona, Espanha. No mesmo mês, Black Blocs apareceram em manifestações em massa contra a posse do novo presidente do México e outros manifestantes atuaram durante toda a onda de protestos contra as políticas de austeridade na Grécia.

Figura 20 - Manifestante se prepara para arremessar pedras contra policiais no Egito



Fonte: AFP – Mohammed Abed<sup>59</sup>.

Em janeiro de 2013 o Black Bloc apareceu com forte atuação nos protestos da Praça

---

<sup>59</sup> Disponível em <<http://noticias.band.uol.com.br/galeria/?ID=1000006590#foto6>>. Acesso em 07/03/2015.

Tahrir, no Cairo, Egito. Além disso, eles também marcaram presença no combate e resistência ao exército do, até então presidente, Hosni Mubarak. Por fim, Dupuis-Déri (2014, p. 11) afirma que publicações sobre desobediência civil, justificativas para o uso da força em protestos e críticas à violência do sistema estatal capitalista fizeram parte de publicações nas redes sociais em diversas cidades do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro.

#### 6. Histórico do jornal *O Estado de S. Paulo*

O jornal *O Estado de S. Paulo* é uma das publicações mais antigas da cidade que ainda continua em circulação. Em 4 de janeiro de 1875, o jornal circulava pela primeira vez com o nome *A Província de S. Paulo*. Segundo Faria e Lattanzi (2013, p.1) “esse jornal assumiu desde o princípio o compromisso com os interesses da elite agrária, combatendo o centralismo político e administrativo estabelecido pelo Poder Moderador durante o Império”. Apenas em janeiro de 1890, depois do estabelecimento das novas nomenclaturas para as unidades da federação da República, o jornal recebeu o seu nome atual.

O jornal foi fundado por 16 pessoas reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense. Sua proposta, como diário republicano, foi feita durante a realização da Convenção Republicana de Itu com o objetivo de combater a escravidão e a monarquia.

Em 1875, havia dois outros jornais diários de porte: o *Correio Paulistano*, fundado em 1853, e o *Diário de São Paulo*, fundado em 1865. *A Província* foi relevante na época por ser o primeiro grande jornal ligado ao ideário republicano e abolicionista. Sua tiragem inicial era de dois mil exemplares, sendo que a população da cidade era estimada em 31 mil pessoas. De acordo com o histórico disponibilizado pelo jornal na internet, “pode-se dizer que a partir de então o jornal foi crescendo com a cidade e influenciando cada vez mais a evolução política do país, com a enorme responsabilidade de ser o principal veículo da mais republicana das cidades brasileiras”<sup>60</sup>.

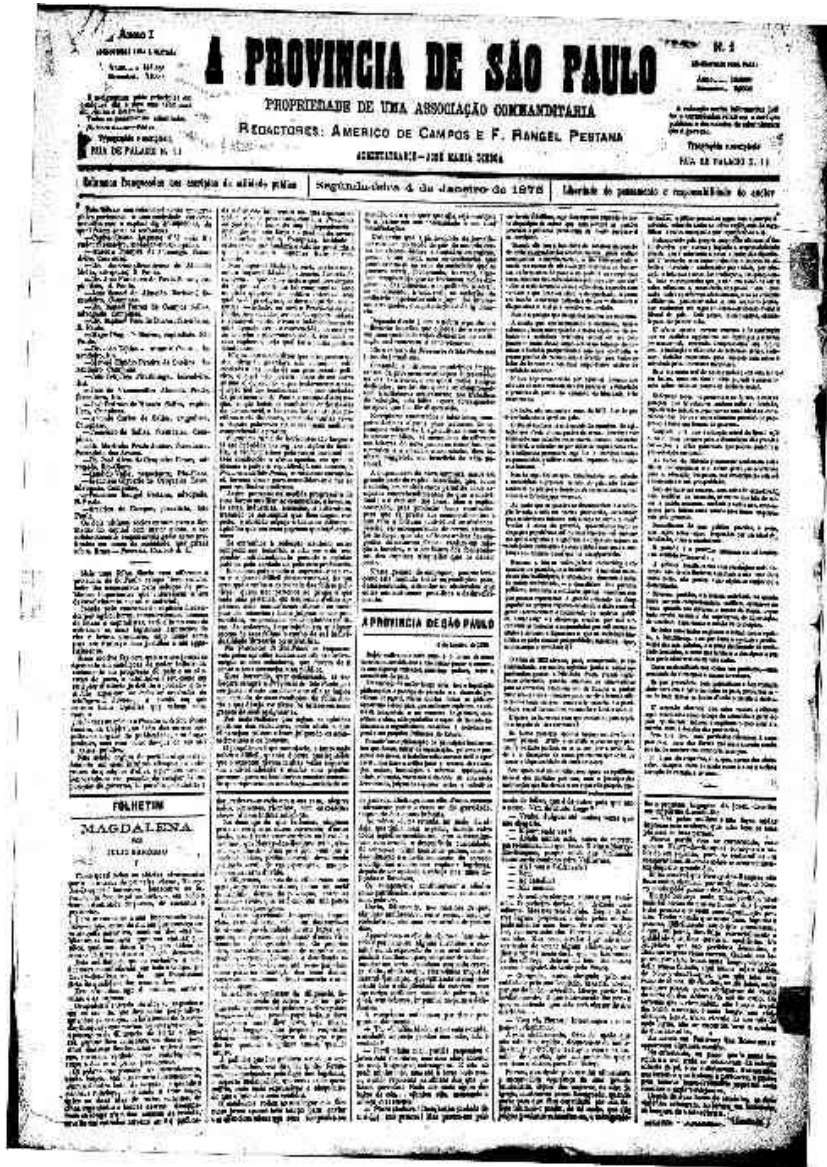
No início de 1888, *A Província* atingiu a marca de quatro mil assinantes. Em janeiro de 1890, o jornal já tinha o nome de *O Estado de S. Paulo* e sua tiragem havia dobrado para oito mil exemplares. Em 1896, a tiragem não conseguiu ultrapassar os 10 mil exemplares devido às limitações do equipamento gráfico. Porém, uma nova máquina foi adquirida e a tiragem pulou para 18 mil exemplares durante a campanha de Canudos, quando eram aguardadas as reportagens enviadas por Euclides da Cunha<sup>61</sup> através do telégrafo.

---

<sup>60</sup> Disponível em <<http://site.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>>. Acesso em 13/03/2015.

<sup>61</sup> Meses antes da proclamação da República, Euclides da Cunha, então um jovem redator republicano expulso do Exército passa a colaborar com O Estado, sob o pseudônimo de Proudhon.

Figura 21 - Capa do jornal *A Província de S. Paulo*



Fonte: Acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>62</sup>.

No ano de 1902, Júlio Mesquita – redator desde 1885 e um dos 16 fundadores do jornal – tornou-se o único proprietário. A evolução do jornal acompanhou o crescimento de São Paulo, que havia aumentado em dez vezes nos 35 anos posteriores à chegada da ferrovia na cidade. Ainda no mesmo ano, Júlio Mesquita e Cerqueira César lideraram a primeira

<sup>62</sup> Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18750104-1-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em 13/03/2015.

dissidência republicana e traçaram uma linha de oposição aos governos estadual e federal. De acordo com Faria e Lattanzi:

(...) a imprensa republicana se encarregava de difundir a noção de que o novo regime promoveria a modernização do país, civilizando-o de cima para baixo. Mesmo quando não é possível identificar uma relação direta de dependência econômica entre os diários e o poder constituído, verifica-se uma sintonia ideológica na qual os jornais pretendem atuar como intérpretes dos anseios da sociedade (FARIA; LATTANZI, 2013, p. 4-5).

O jornal se colocou ao lado dos contestadores do sistema eleitoral conhecido como “bico-de-pena”<sup>63</sup> durante todo o transcorrer posterior da República Velha até 1930. Em 1909, o jornal apoiou a candidatura de Ruy Barbosa à presidência da República na “Campanha Civilista”, em oposição a Marechal Hermes, militar e candidato oficial. Em 1924, após a Revolução que ocupou São Paulo por 23 dias, Júlio de Mesquita foi preso por ter feito contato com revolucionários.

Em 1926, o jornal apoiou a fundação do Partido Democrático em São Paulo, em oposição ao PRP, detentor do governo estadual e federal.

Já em 1930, *O Estado de S. Paulo* apoiou a Aliança Liberal e também a candidatura de Getúlio Vargas à presidência – em oposição a Júlio Prestes, candidato oficial do PRP. No mesmo ano, o jornal alcançou a tiragem de 100 mil exemplares e lançou um suplemento aos domingos com grandes destaques às fotografias.

Em 1932, o jornal e o Partido Democrático formaram uma aliança com alguns setores do PRP e articularam a Revolução Constitucionalista que, depois de derrotada, culminou com o primeiro exílio da família Mesquita em Portugal. No ano seguinte, Getúlio Vargas convidou Armando de Salles Oliveira, que era genro de Júlio Mesquita (já falecido), para ser interventor federal em São Paulo. Armando Salles colocou como condição para aceitar o posto a anistia aos envolvidos com os atos de 1932 e a convocação de uma Assembleia Constituinte. Com a aceitação por parte de Vargas, Francisco Mesquita e Júlio de Mesquita Filho e outros expatriados voltaram ao país.

---

<sup>63</sup> Caracterizado pelo voto em aberto e manipulação fraudulenta.

Figura 22 - Edição do jornal em 1940



Fonte: Acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>64</sup>.

O jornal sempre manteve uma linha de apoio à democracia representativa e à

<sup>64</sup> Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19400407-21650-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em 13/03/2015.

economia de livre-mercado. Em 1964, *O Estado de S. Paulo* apoiou o movimento militar que tirou o presidente João Goulart do seu cargo. De acordo com o *site* do jornal, este “entendia que a intervenção militar deveria ser transitória”. Assim “quando se evidenciava que os radicais de extrema direita aumentavam sua influência, objetivando a perpetuação dos militares no poder, O Estado retirou seu apoio e passou a fazer oposição”<sup>65</sup>.

O Grupo Estado aumentou seu envolvimento com São Paulo ao lançar o *Jornal da Tarde* em 1966. Em 1968, o jornal passou a ser censurado<sup>66</sup> pelo regime militar. As notícias proibidas passaram a ser substituídas por poemas de Camões e receitas culinárias.

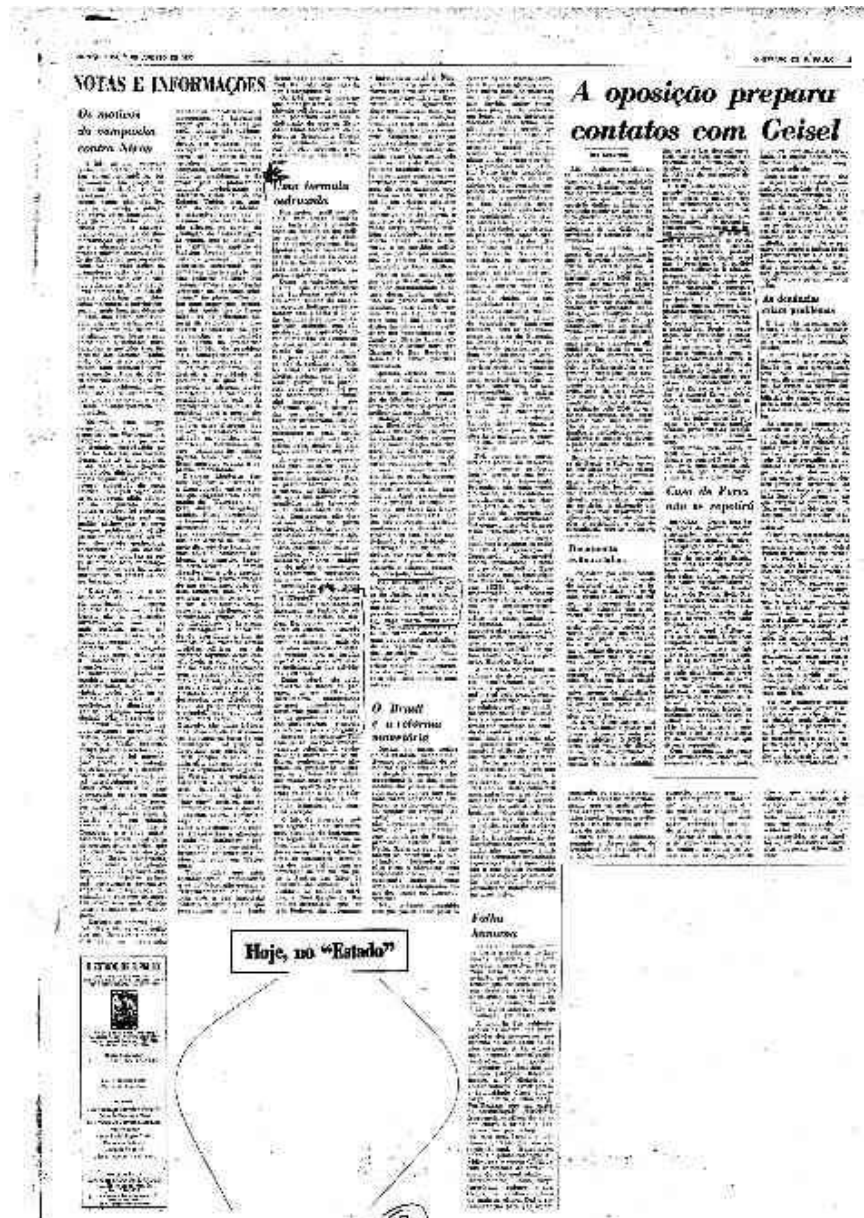
Em fevereiro de 1967, a tiragem do jornal ultrapassou os 340.000 exemplares. Já em 1968, *O Estado de S. Paulo* foi impedido de circular por ordem de ditadura militar. Júlio de Mesquita Filho faleceu em 12 de julho e Francisco Mesquita em 8 de novembro. Apesar dos problemas naquele período, surgiu em janeiro de 1970 a *Agência Estado* e em 1972 o *Estúdio Eldorado* começou seus trabalhos.

---

<sup>65</sup> Disponível em <<http://site.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>>. Acesso em 17/03/2015.

<sup>66</sup> O período de censura só terminou em 1975 no governo do general Ernesto Geisel (1974-1979).

Figura 23 - Página da edição censurada em 1973



Fonte: Acervo do jornal O Estado de S. Paulo<sup>67</sup>.

Em 3 de setembro de 1974, Júlio de Mesquita Neto recebeu o prêmio Pena de Ouro da

<sup>67</sup> Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730802-30167-nac-0003-999-3-cen>>. Acesso em 13/03/2015.

Liberdade<sup>68</sup> em nome dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*. Em 1975, o jornal *O Estado de S. Paulo* completou 100 anos de existência e comemorou apenas 95 anos – ignorando outros cinco anos em que foi dirigido pela ditadura de Getúlio Vargas (1940-1945).

Em agosto de 1981, *O Estado* e o *Jornal da Tarde* ganharam, em última instância, uma ação contra a União pelas perdas sofridas com a apreensão de edições de 1973, quando ambos os jornais foram proibidos de noticiar a renúncia do ministro da Agricultura, Cirne Lima, no governo Médici (1969-1974).

---

<sup>68</sup> Prêmio outorgado pela Federação Internacional de Editores de Jornais.

Figura 24 - Primeira página da edição de 1991



Fonte: Acervo do jornal O Estado de S. Paulo<sup>69</sup>.

Em janeiro de 1992, a Agência Estado foi incorporada oficialmente e adquiriu a broadcast<sup>70</sup>. Em setembro de 1993, o logotipo do cabeçalho do jornal passou a ser azul. Em

<sup>69</sup> Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19911028-35803-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em 13/03/2015.

<sup>70</sup> De acordo com o site da agência, o *broadcast* “combina informações e funcionalidades que suprem as suas necessidades independente do segmento que você opera ou acompanha, com um sistema flexível, preciso e confiável que transmite, em tempo real, dados dos diversos mercados nacionais e internacionais, além de notícias e análises integradas em uma única solução”. Disponível em <<http://institucional.ae.com.br/aebroadcast>>.

maio de 2000 houve a fusão entre os *sites*<sup>71</sup> da agência e dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*.

Em janeiro de 2003, o portal Estadão superou a marca de um milhão de visitantes mensais e consolidou sua posição como um dos jornais de maior consulta em jornalismo no Brasil.

Em um panorama sobre a representação do jornal para o Brasil, podemos considerá-lo como um dos veículos de Comunicação mais antigos que ainda estão em funcionamento. No total, a circulação média d' *O Estado de S. Paulo*, em abril de 2014, foi de 242 mil exemplares diários, incluídos os assinantes que também recebem a edição digital<sup>72</sup>. Além dos números que mostram a representatividade do jornal, assim como a relevância dele para os seu público, podemos notar que esses são resultados de um longo período de mudanças e do envolvimento de sua linha editorial com o conservadorismo político e o liberalismo econômico.

#### 7. Análise da cobertura do jornal *O Estado de S. Paulo*

A análise da cobertura do jornal *O Estado de S. Paulo* será realizada em duas partes. A primeira tratará de uma análise descritiva em aspectos mais gerais sobre fatores que compunham o formulário de categorização das notícias, como editorias, categorias temáticas e foco das matérias. A segunda tratará de uma análise interpretativa das matérias com a apresentação dos assuntos das mesmas e uma leitura aprofundada de trechos relevantes que propõem um tipo de identidade ao manifestante Black Bloc. Como afirma Laurence Bardin, com ambas as leituras sobre o conteúdo veiculado no portal de notícias do jornal será possível:

(...) compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura 'à letra', mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes, ou de significados (manipulados), outros 'significados' de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. (BARDIN, 2009, p. 43).

---

Acesso em 18/03/2015.

<sup>71</sup> O resultado foi o *site* [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br) que foi utilizado como fonte das amostras para a pesquisa.

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estado-e-lider-em-circulacao-em-sao-paulo-imp-,1171231>>. Acesso em 17/03/2015.

Após a pré-análise<sup>73</sup> do conteúdo disponível no portal de notícias do jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>74</sup>, foram escolhidas 25 matérias que compreendem o conjunto de textos no formato de notícia publicados de agosto à novembro de 2013. As matérias foram escolhidas a partir do sistema de busca do *site* com a *tag* “Black Bloc”. As notícias escolhidas foram publicadas no segundo semestre do ano de 2013<sup>75</sup> e fazem parte da amostra, porque tratam dos desdobramentos das manifestações de junho e de ações dos Black Blocs na cidade. Para iniciarmos a análise em aspectos mais gerais, podemos listar os seguintes números referentes a cada mês:

Tabela 1 - Quantidade de matérias analisadas no segundo semestre de 2013

<b>Mês</b>	<b>Quantidade de matérias</b>
Agosto	5
Setembro	3
Outubro	13
Novembro	4
<b>Total</b>	<b>25</b>

A partir dos números acima é possível notar que as publicações no portal de notícias foram constantes e tiveram um pico no mês de outubro. Dentre essas matérias, 20 textos foram publicados na editoria geral do jornal – que corresponde às notícias relacionadas apenas à cidade de São Paulo –, enquanto cinco textos foram publicados na editoria Brasil.

<sup>73</sup> Segundo Bardin (2009, p. 126), “desde a pré-análise devem ser determinadas operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados”.

<sup>74</sup> Disponível em [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br).

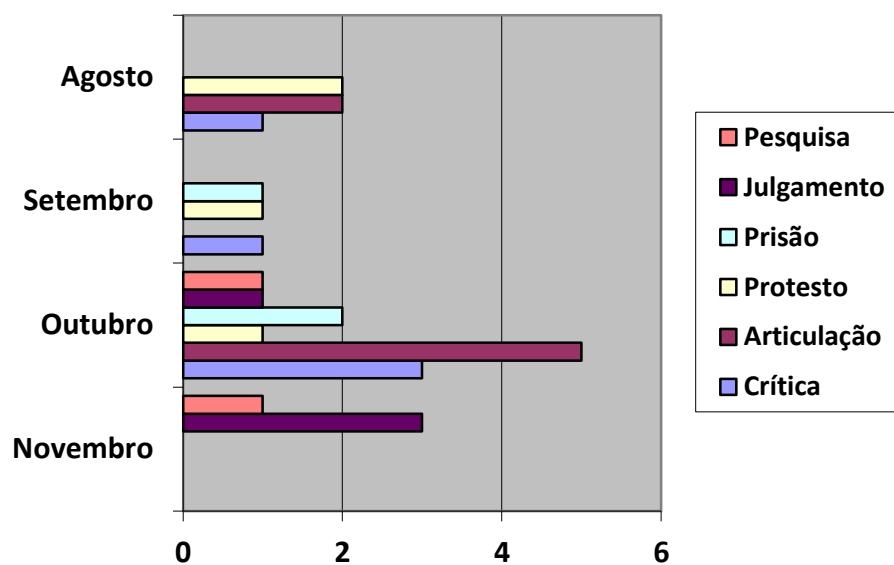
<sup>75</sup> Não houve matérias publicadas no portal de notícias durante o mês de dezembro que pudessem fazer parte da amostra analisada nesta pesquisa.

Tabela 2 - Relação entre meses e editorias analisadas no segundo semestre de 2013

Mês	Editoria geral/São Paulo	Editoria Brasil
Agosto	5	0
Setembro	1	2
Outubro	11	2
Novembro	3	1
Total	20	5

Esses números indicam uma maior quantidade de textos no âmbito regional (São Paulo) do que no âmbito nacional (Brasil). Podemos compreender que o enfoque das matérias foi predominantemente voltado para os acontecimentos em São Paulo, sendo que outros assuntos do âmbito nacional não representaram números comparáveis aos primeiros.

Em relação aos assuntos abordados nas matérias, podemos listar seis categorias principais baseadas nos conteúdos veiculados pelo portal de notícias do jornal *O Estado de S. Paulo*: de crítica (política, governamental ou de especialistas); de articulação dos Black Blocs; de descrição dos protestos; de prisões; de julgamentos; e de pesquisas relacionadas ao apoio ou rejeição aos Black Blocs. Segundo a análise das 25 matérias, podemos encontrar os seguintes números em cada categoria:

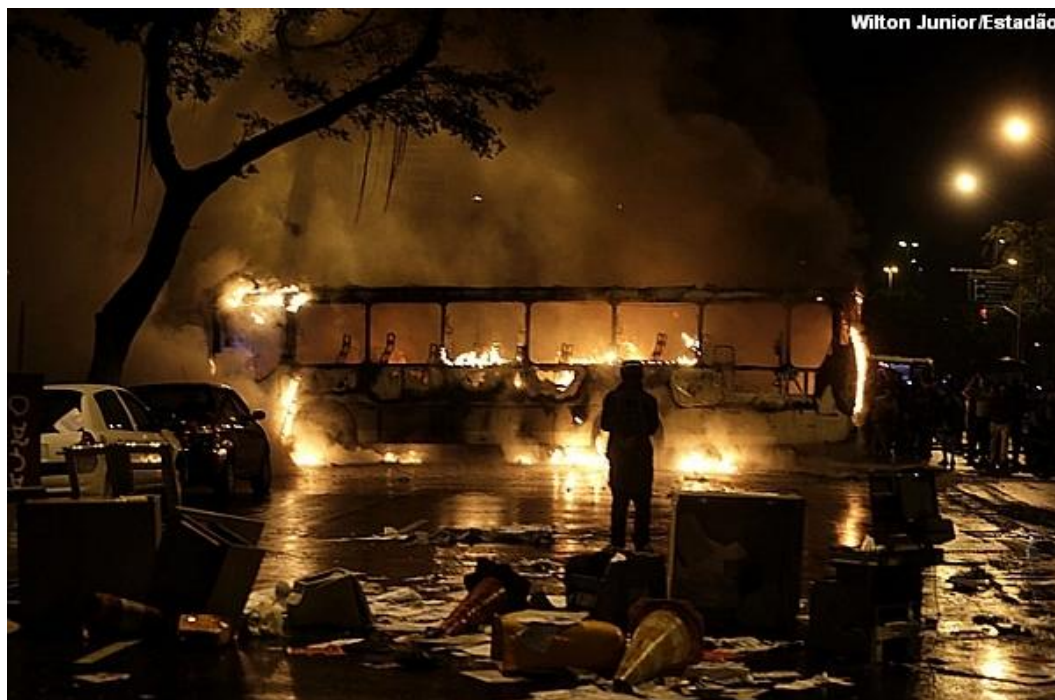
Gráfico 1 – Categorias temáticas das matérias do jornal *O Estado de S. Paulo*

Unidades: Quantidade de matérias da amostra – N: 25.

Podemos perceber que 28% das matérias tratam de assuntos ligados à articulação dos Black Blocs em São Paulo, isto é, à organização de protestos e planos para outras mobilizações; 20% das matérias fazem críticas às ações dos mascarados, sendo elas provenientes do próprio governo, de partidos políticos específicos ou de especialistas no assunto; 16% das matérias fazem descrições sobre os protestos em si, pontuando depredações e agressões entre Black Blocs e policiais; 16% das matérias também tratam dos julgamentos feitos com pessoas suspeitas de atos de depredação; 12% das matérias tratam de prisões de Black Blocs; e 8% das matérias trazem pesquisas sobre a aceitação ou rejeição do ideário Black Bloc por parte da população brasileira.

Em relação ao uso de fotos e infográficos, podemos perceber que, de 25 matérias, apenas uma fez o uso do recurso fotográfico. A matéria, publicada na editoria Brasil no dia 7 de outubro de 2013, trata de “atos violentos” que ocorreram em São Paulo e no Rio de Janeiro. Apesar de não ter legenda, a foto tem tamanho médio e mostra um ônibus pegando fogo e a imagem de um vulto preto olhando o automóvel ser tomado pelas chamas. Também é possível ver restos de coisas caídas no chão próximas ao vulto preto.

Figura 25 - Foto publicada na matéria do dia 07 de outubro de 2013

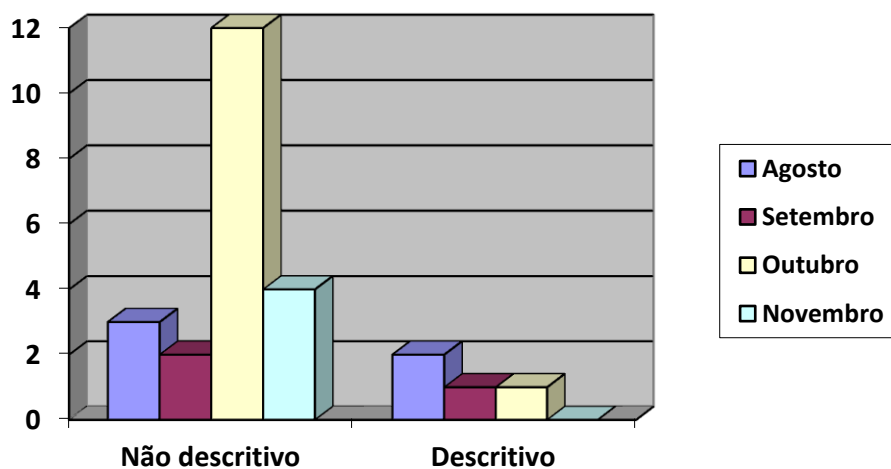


Fonte: Portal Estadão – Wilton Junior<sup>76</sup>.

<sup>76</sup> Disponível em < <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,apos-ato-de-professores-mascarados-depredam-centro-de-rio-e-sao-paulo,1083145>>. Acesso em 07/03/2015.

Outro elemento de caracterização geral relevante para a compreensão da dinâmica das publicações do jornal *O Estado de S. Paulo* diz respeito aos números de matérias “com foco descritivo de um ato” e “sem foco descritivo”. De acordo com as análises realizadas, 16% das matérias têm foco descritivo de um ato e 84% das matérias não têm foco descritivo. Podemos compreender que, depois da motivação nos protestos de junho, no segundo semestre de 2013 houve uma diminuição do número de atos dos Black Blocs em São Paulo e, conseqüentemente, um declive na proporção de matérias que descreviam as ações de protesto na cidade. As matérias “não descritivas” correspondem, assim, à maioria de publicações sobre julgamentos de pessoas consideradas suspeitas em manifestações, prisões, organização dos Black Blocs em São Paulo, pesquisas sobre o apoio ou rejeição aos atos dos Black Blocs ou críticas por parte de governo, partidos políticos ou especialistas na área quanto às ações dos mascarados.

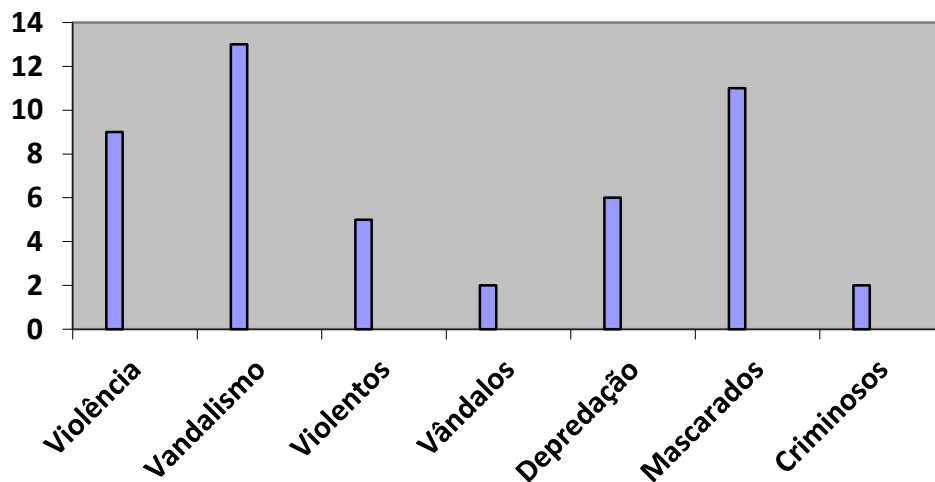
Gráfico 2 – Quantidade de matérias com foco descritivo e não descritivo



Unidades: Quantidade de matérias da amostra – N: 25.

Com base nesses critérios de análise apresentados por Bardin foi possível analisar as matérias publicadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, categorizar termos relacionados à representação do Black Bloc e verificar a frequência de uso de expressões específicas.

Gráfico 3 – Frequência de aparição de termos nas matérias



Unidades: Quantidade de matérias da amostra – N: 25. Considera-se que mais de um termo pode ter aparecido na mesma matéria.

Os termos listados acima foram categorizados segundo o número de vezes em que apareceram nas 25 matérias analisadas. Esses termos caracterizam as ações dos Black Blocs e os próprios indivíduos, daí a necessidade de verificar qual a frequência em que apareceram durante os textos da amostra. Podemos observar em primeiro lugar o termo vandalismo, que apareceu em 13 matérias; em segundo lugar está o termo mascarados, em 11 matérias; em terceiro lugar está o termo violência, em 9 matérias; em quarto lugar está o termo violentos em 5 matérias; em sexto lugar estão os termos vândalos e criminosos em 2 matérias cada.

Após a breve descrição geral sobre a amostra, mostraremos como foi realizada a análise interpretativa do conteúdo desse material. Bardin indica formas metodológicas que se aplicam aos discursos para se fazer uma leitura diferente daquela “leitura normal” feita por uma pessoa leiga:

O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo<sup>77</sup> oscila entre dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial

<sup>77</sup> De acordo com Bardin (2009, p. 44), a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem (...) Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura „normal“ do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião”. (BARDIN, 2009, p. 11).

Bardin (2009, p. 30) ainda afirma que esse ato de leitura é um “„tornar-se desconfiado“ relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjetivo, destruir a intuição em proveito do „construído“, rejeitar a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais”. Sendo assim, a atitude de “vigilância crítica” significa dizer não à “leitura simples do real” e forjar conceitos operatórios, definir planos de investigação e aceitar o caráter provisório de algumas hipóteses.

Na análise interpretativa, as notícias foram divididas segundo suas datas de publicação e suas respectivas manchetes para explicitar, de acordo com a cronologia dos fatos, quais os temas tratados nas notícias *on-line* e quais as conotações das expressões e termos utilizados pelos jornalistas ao falarem sobre os Black Blocs e suas ações em São Paulo.

## 7.1. Análise interpretativa do conteúdo

### 7.1.1. Black Blocs organizam novo protesto em São Paulo

A primeira notícia analisada é datada de 1º de agosto de 2013. A matéria traz informações sobre um protesto que ocorreria em frente da prefeitura de São Paulo. Esse protesto seria um ato de apoio e de questionamento sobre o desaparecimento de Amarildo Souza, além da renúncia do governador Geraldo Alckmin.

A notícia segue o formato do *lead* (quem, quando, onde, porque, como) e também há o uso de frases na ordem direta (sujeito, verbo e predicado). Nesse caso, o jornalista em questão repete a palavra “vandalismo” duas vezes no texto. Na primeira ocorrência, o jornalista diz que a prefeitura está com grades a sua volta para “evitar o vandalismo no protesto que acontece em frente à sede do poder municipal”. Na segunda ocorrência, fala-se apenas que os Black Blocs são anarquistas que “utilizam o vandalismo como postura política”. Essa repetição das palavras pode ter o caráter de enfatizar a ideia de que os Black Blocs seriam apenas “vândalos”. Além disso, ao caracterizá-los dessa forma, subentende-se também que o indivíduo em questão não reflete sobre os seus atos. A mínima descrição feita sobre o grupo também pode reduzir a identidade deles a apenas um grupo de anarquistas sem consciência política, social ou histórica sobre suas atitudes.

### 7.1.2. Black Blocs já se articulam em 23 Estados do País

A segunda notícia analisada é datada de 3 de agosto de 2013. A matéria traz informações sobre as próximas ações dos Black Blocs em 7 de setembro, Dia da

Independência do Brasil. De acordo com o jornalista, seria feito um “badernaço” nacional e a articulação dos manifestantes vinha sendo feita pela página do Black Bloc Brasil, que tinha quase 40 mil seguidores.

A notícia segue o formato do *lead* e também há o uso de frases em ordem direta. Diferentemente da notícia do dia 1º de agosto, nessa o jornalista usa a palavra “depredação” em vez de “vandalismo”. As palavras têm uma conotação diferente, pois a primeira caracteriza o ato de quebrar, de depredar, enquanto a segunda impõe, mesmo que implicitamente, um juízo de valor<sup>78</sup> sobre a ação do Black Bloc.

Em um outro trecho da matéria, o jornalista diz: “A moda da violência e da anarquia acabou pegando mais do que as outras, contagiando rapidamente a nova geração de jovens”. A palavra moda tem a conotação de tendência, de algo que, como um tênis ou uma roupa, pudesse ser utilizado por aqueles que fazem parte da “nova geração de jovens”. Essa “nova geração de jovens”, então, seria subjugada como seguidora de tendências, como se eles não fossem politizados.

No final da matéria o jornalista afirma: “A violência, no entanto, costuma escurecer qualquer bola de cristal”. Mesmo sem ter feito nenhum juízo de valor durante a matéria, o jornalista faz o fechamento do texto com essa frase. Parece que, de qualquer forma, ele quer mostrar que encara a violência como um fator que obscurece qualquer tentativa de saber se o movimento evoluirá no futuro.

### 7.1.3. PSTU foi o primeiro partido a criticar Black Blocs abertamente

A terceira notícia analisada também é de 3 de agosto de 2013. A matéria traz informações sobre o primeiro partido político que critica os Black Blocs. O PSTU diz que o movimento não representa o resto, porque eles entram nas manifestações e provocam os policiais. Além disso, eles dão a entender que a reação da polícia foi legítima ao enfrentar com violência as pessoas, já que eles foram provocados pelos Black Blocs anteriormente.

O jornalista faz um recorte do documento que trata da crítica do PSTU e põe as aspas para mostrar a posição do partido com relação ao Black Bloc. As expressões utilizadas pelo PSTU julgam os Black Blocs sem sequer mencionar os objetivos sociais e políticos deles. Chamam os manifestantes de “pequeno grupo” que usa uma “ação distinta” e “atacam de

---

<sup>78</sup> De acordo com a definição no dicionário Michaelis, juízo de valor trata de uma “apreciação subjetiva, que revela as preferências pessoais de cada pessoa, segundo suas tendências e influências sociais a que está submetida”. Em relação à Filosofia, o juízo de valor “designa os julgamentos não diretamente procedentes da experiência, ou de elaboração pessoal, em oposição aos julgamentos de realidade, próprios do conhecimento objetivo, ou da ciência”.

forma provocativa os policiais”. Por meio do uso dessas expressões, o partido julga os Black Blocs sem mencionar as questões sociais, históricas e políticas que fazem parte da tática. Por exemplo, não se menciona as intenções dos Black Blocs nas manifestações de destruição do patrimônio de transnacionais e de grandes empresas, e de não machucar pessoas ou quebrar pequenos comércios.

#### 7.1.4. Black Bloc e PM entram em confronto

A quarta notícia analisada é datada de 6 de agosto de 2013. A matéria é descritiva e traz as principais ocorrências sobre um ato na Marginal Tietê. Também é pontuada a ação dos Black Blocs em direção à Editora Abril. Tendo em vista o caráter descritivo, podemos pontuar alguns trechos dessa matéria:

“Os manifestantes se concentraram às 18 horas no Largo da Batata, em Pinheiros, zona oeste da cidade, e diziam que o ato seria „pela democratização da mídia e contra a revista Veja””. O jornalista pontua qual o discurso dos Black Blocs que agiram naquele dia. Isso se repete na frase “uma das faixas dos manifestantes trazia os dizeres: „Fora Dilma, fora Alckmin, fora Cabral e fora PM””.

“Ainda no Largo, houve discussão entre os próprios Black Blocs. Enquanto alguns concediam entrevista à TV Brasil – que era acompanhada pela imprensa em geral –, outros os xingavam, acusando-os de terem se vendido à „grande mídia””: Nesse ponto da matéria, o jornalista mostra a contradição existente dentro do próprio Black Bloc. Pode-se considerar que, mesmo que fossem organizados para agir contra a “grande mídia”, cada manifestante agia de uma determinada forma.

“A situação ficou crítica quando os Black Blocs voltaram para a Marginal, recolheram dezenas de pedras e começaram a lançá-las contra a editora Abril, atingindo dessa vez a guarita – que, por ser blindada, não foi danificada – e veículos da Polícia Militar. Os PMs lançaram bombas de efeito moral, houve corre-corre e o grupo se dispersou dentro do bairro. Até as 21 horas, não havia informações sobre feridos”: Nesse caso, a matéria pontua que os manifestantes lançaram pedras contra uma guarita blindada. Indica muito mais a “violência” contra um objeto do que a violência de reação dos policiais que jogaram bombas de efeito moral contra os Black Blocs.

“Desesperado, um senhor que não quis se identificar, e que estava dentro de um táxi preso no trânsito, reclamava que precisava chegar ao hospital para ver o filho. O veículo não conseguiu romper o bloqueio dos manifestantes”: Nesse último caso, o jornalista afirma que uma pessoa, que não estava na manifestação, encontrava-se “desesperada” e “que precisava

chegar ao hospital para ver o filho”. É claro o papel do jornalista de entrar em contato com diversas fontes para desenvolver a sua matéria. Mas, nesse caso, qual o objetivo de se mostrar um “indivíduo desesperado” que precisava “romper o bloqueio dos manifestantes”? Pode-se pensar que esse parágrafo quis culpar ainda mais a ação dos manifestantes, que estariam bloqueando a saída dessa pessoa. Vale ressaltar, também, que o jornalista não contactou nenhum manifestante durante o protesto para uma fala na sua matéria – o que ocorre, de forma padronizada, em diversas notícias que ressaltam que tentaram falar com o “indivíduo tal”, mas este não quis se manifestar.

#### 7.1.5. SP volta a registrar protesto violento

A quinta matéria é datada de 30 de agosto de 2013. A notícia mostra a dimensão dos atos de centrais sindicais na cidade de São Paulo, que pararam o trânsito na cidade. Apesar disso, o foco vai para o “protesto violento” dos Black Blocs que danificaram a sede da TV Globo.

Quanto à expressão “protesto violento” podemos considerar que a manifestação é considerada dessa forma porque houve a depredação da sede de uma das maiores redes de TV no Brasil. É considerado violência contra o patrimônio, sendo que nenhuma pessoa foi ferida.

Em “ato das centrais sindicais com 1,5 mil pessoas na avenida Paulista não teve tumulto, mas Black Blocs danificaram a sede da TV Globo”, podemos considerar que a conjunção “mas” contrapõe toda a grande dimensão do ato das centrais sindicais que levou muitas pessoas às ruas. O foco vai para o fato de que eles “danificaram” a sede da rede Globo.

Na descrição dos atos podemos analisar o seguinte trecho: “Dois atos, com cerca de 1,5 mil pessoas, fecharam a avenida Paulista das 15h às 18h, sem tumulto. Os líderes, ligados a centrais sindicais, fizeram questão ainda de condenar ações de grupos anarquistas, como os Black Blocs. Já 200 mascarados foram suficientes para realizar, à noite, atos de vandalismo”. Nele há, novamente, a contraposição entre o alto número de pessoas que protestaram ao lado das centrais sindicais e o fato de que “apenas 200 mascarados foram suficientes para realizar atos de vandalismo”. A palavra “vandalismo” faz juízo de valor sobre o ato do Black Bloc, que, na realidade, depredou a sede da rede Globo. O termo também foi usado em: “Na Paulista, a polícia também “escoltou” um grupo de mascarados que decidiu descer a rua Augusta, às 20h. Não foi registrado vandalismo”.

“As divisões vistas nos protestos de rua desde junho – „com“ e „sem violência“ - voltaram a ser notadas nas manifestações realizadas nesta sexta-feira em São Paulo”. Esse

trecho enfatiza a ideia do bem contra o mal. O violento Black Bloc que é repreendido até mesmo pelas centrais sindicais, que estariam do lado do bem.

Ainda sobre a descrição do protesto também podemos observar o seguinte trecho da matéria: “No caminho, houve pichações. Ao chegar na frente da emissora, começaram as depredações. O grupo atirou esterco no logotipo da Globo e quebrou pelo menos dez holofotes dos jardins ao redor”. Em nenhum momento o Black Bloc entrou em atrito com pessoas. Os jornalistas pontuam os atos dos manifestantes, considerados violentos, que picham, depredam e até mesmo jogam esterco no logotipo da rede Globo. Eles pontuam até mesmo o número de holofotes que foram quebrados nos jardins da sede da rede Globo. Entretanto, não há nenhuma menção sobre quais os motivos que levaram os manifestantes irem até o local ou qual a posição política dos Black Blocs. O que aparece na notícia é apenas um tipo de “violência” contra algo que não é um indivíduo.

Por fim, o jornalista também pontua que agências foram quebradas, a polícia não agiu em nenhum momento e que eles acompanharam o grupo, que hostilizava motoristas, no trecho: “Duas fachadas de agências bancárias nas proximidades também foram depredadas. A PM não agiu em nenhum momento e só acompanhou o grupo, que chegou a hostilizar motoristas”. Podemos entender que a PM estava fazendo o seu papel de acompanhar os manifestantes, mas, apesar disso, os Black Blocs hostilizaram as pessoas. Há uma contraposição entre o “pacífico policial” e o “Black Bloc baderneiro”.

#### 7.1.6. Nove seguem presos após manifestações em SP

A sexta matéria é datada de 8 de setembro de 2013. A notícia mostra que, pelo menos, nove pessoas continuaram presas em São Paulo depois de manifestações na cidade. Eles foram detidos e poderiam responder por suposto “dano ao patrimônio”. Além disso, a notícia também traz informações sobre os atos dos Black Blocs, o confronto com a polícia e os casos de atropelamento de manifestantes e ausência de ajuda dos policiais. Com base na notícia, podemos analisar o seguintes trechos:

“Nos protestos, que começaram na avenida Paulista e seguiram para o centro, pelo menos nove agências bancárias tiveram os vidros quebrados ou pichados”: Pontua-se o número de depredações feitas durante as manifestações. O ato de descrever as perdas, depois das manifestações, é recorrente. Mostra-se diversas vezes que objetos e grandes empresas foram depredadas.

“Na frente do prédio da Câmara Municipal, no viaduto Jacareí, no centro, policiais militares e manifestantes mascarados entraram em confronto. Após um grupo arremessar

algumas pedras em sua direção, PMs revidaram com dezenas de bombas de gás lacrimogêneo, apesar de haver crianças e idosos no viaduto. A reportagem flagrou policiais militares jogando pedras nos Black Blocs. Um rapaz de 19 anos teve o olho direito atingido por uma bomba”: Diferentemente do que se viu em outras notícias, nesta, além de tratar das ações dos Black Blocs, o jornalista mostra que os policiais revidaram nas ações com gás lacrimogêneo, mesmo sabendo que havia crianças e idosos no local. Mostra-se a incoerência e truculência dos atos dos policiais, que resultaram no ferimento de um rapaz.

Outros trechos da matéria também tratam dos excessos dos policiais. Como por exemplo: “A primeira, um homem de 30 anos, foi atingida por um Corsa em alta velocidade – o motorista supostamente fugia do protesto. A vítima quebrou o pé direito e ficou com ferimentos nas pernas, sangrando”; e “A outra vítima, um homem de 28 anos, caiu de uma viatura da PM, que disparou após ser cercada por um grupo de manifestantes que pediam socorro para o primeiro atropelado. No momento em que a viatura arrancou, o homem continuou sobre o capô do carro da polícia protestando por ajuda. Mesmo assim, a viatura não parou. Na hora em que o carro dobrou para a Praça João Mendes, o manifestante caiu no asfalto, ferindo-se”. Deve-se levar em conta que as ações dos PMs de atirar pedras e também de lançar bombas perto de crianças e idosos não está de acordo com o manual de segurança durante as manifestações. No caso de tentativa do controle da situação, seria necessário que os policiais atirassem de determinada distância e na perna dos manifestantes. E não da maneira relatada na matéria.

#### 7.1.7. “Atos violentos de Black Blocs são brincadeira de criança perto dos que são cometidos por PMs”, diz historiador

A sétima notícia é datada de 20 de setembro de 2013. A matéria traz a opinião de diversos intelectuais sobre as manifestações em junho e o que poderia acontecer no futuro deles se continuassem tomando as mesmas atitudes. Eles também comentam os atos dos Black Blocs e repelem as atitudes da PM. A partir das informações das matérias, podemos analisar:

No trecho “as ações violentas de parte dos chamados Black Blocs merecem capítulo especial porque „evidenciam a desafeição e o despreço que eles têm pelas cidades em que moram, fazendo lembrar as explosões de raiva das periferias parisienses e londrinas“. „Se as respostas a esse tipo de ação forem o 'pau puro', como recomendam os conservadores, não teremos dado um passo para a compreensão do fenômeno””: O especialista fala sobre a

necessidade de compreender aquilo que é considerado como “fenômeno”, por ser diferente das manifestações pacíficas.

“Feita a ressalva, penso que depredações descriteriosas não contribuem para aumentar a audiência dos 'enraivecidos”’: De acordo com a fala do especialista, é possível compreender que o uso da expressão “depredações sem critérios” não leva em conta o caráter político e ideológico das ações dos Black Blocs. Considerá-los como pessoas “enraivecidas” propõe também um caráter de uma pessoa que não reflete sobre os seus atos e age apenas por meio da raiva.

“Há desde o cara que está realmente querendo fazer arruaça, sem nenhuma ideologia por trás, o que está querendo se aproveitar da situação para saquear e o que quer destruir aquilo que considera os pontos nodais do Estado. Tenho a impressão de que isso contribuiu para um certo esvaziamento. Mas não dá para dizer apenas que são vândalos sem entender a razão. Nesse grupo há uma diversificação de atuação bastante diferenciada. Há aqueles que são conscientes de que estão fazendo um gesto político”: A partir da fala do especialista, tem-se a ideia de que o grupo é heterogêneo e que há motivações políticas e ideológicas. Também ressalta-se a ideia de que não é possível chamá-los de “vândalos”, tendo em vista que há manifestantes conscientes do gesto político e uma minoria que se aproveita da situação.

Outros trechos da notícia que tratam da ação policial também podem ser destacados: “„A polícia tem errado sistematicamente, seja por excesso, seja por deficiência no uso da força”, afirma Carvalho. Para Dulce, a ação tem sido lamentável. „É uma polícia muito classista. Acho que a violência do Estado tem um efeito mais perverso. Uma repressão forte assusta e também dá um sentimento de indignação. Ela intimida, mas produz uma revolta muito grande, sobretudo nos jovens. Ninguém foi para a rua protestar contra os Black Blocs, mas pode ir contra a PM”, diz ela, citando a manifestação ocorrida na Favela da Maré, na zona norte do Rio, após a chacina de nove moradores no fim de junho”.

“Aarão Reis conta que acha graça quando se diz que policiais são 'despreparados'. „Ao contrário, eles são preparadíssimos para bater e matar. Está no DNA da PM, fundada lá no século XIX para pegar, bater e matar escravos. Na tradição autoritária de nossa República, a coisa só fez piorar. Agravou-se ainda mais durante a ditadura e os governos democráticos conciliaram e alimentaram o processo””.

“Para ele, uma sociedade democrática não pode ter uma polícia 'militar'. „Enquanto persistir esse conceito, continuaremos convivendo com matanças e massacres. Perto dos que são cometidos pelos PMs, os atos violentos dos 'homens de preto' (Black Blocs) são

brincadeira de criança. Finalizo com uma pergunta: quantas pessoas já foram feridas ou mortas pelos 'homens de preto'? Quantas a PM feriu e matou?"".

As citações acima mostram uma unanimidade quanto à desaprovação da ação da política. Diferentemente das outras seis matérias anteriores, em que há diálogo apenas com a polícia e a pontuação de seus atos durante as manifestações, nesta é possível notar que há a preocupação de se mostrar visões de diversos intelectuais. Estes apontam visões distintas sobre a questão do Black Bloc e de suas ações, mas, entram em acordo quanto abordam os excessos cometidos pela polícia durante as manifestações.

#### 7.1.8. Protesto de Black Blocs provoca tensão em evento do PT

A oitava notícia é datada de 28 de setembro de 2013. A matéria mostra que manifestantes Black Blocs apareceram durante um evento realizado pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Não houve atrito direto manifestantes e pessoas que participavam do evento, houve apenas troca de xingamentos. A polícia também agiu com bombas para retirar os manifestantes do local.

“Assim como comerciantes que baixavam suas portas, organizadores do encontro fecharam as do salão para evitar mais problemas, enquanto os manifestantes eram dispersados pela tropa de choque”: Nesse trecho, o ato de “evitar problemas” é ligado diretamente com a presença dos Black Blocs. Há um contraponto entre Black Bloc (problema) e a presença dos policiais (que resolveriam esse problema).

“O evento do PT que lançou a candidatura do ex-prefeito de Osasco Emídio de Souza à presidente estadual do partido terminou em clima de tensão, na noite desta sexta-feira, 27, após o conflito entre a Polícia Militar e um grupo de black blocs em frente ao local da festa, na rua da Liberdade, região central da capital paulista”: O “clima de tensão” também é conectado com a presença dos Black Blocs. Entretanto, como a própria notícia mostra, os Black Blocs não depredaram nada (caso tivessem feito isso, os resultados seriam pontuados, como normalmente é feito nas matérias citadas), mas entoaram palavras de ordem.

#### 7.1.9. Após ato de professores, mascarados depredam centro de Rio e São Paulo

A nona notícia é datada de 7 de outubro de 2013. A matéria trata dos atos ocorridos em São Paulo e no Rio de Janeiro. As informações são sobre os atos violentos dos Black Blocs no Rio de Janeiro. Em São Paulo, fala-se sobre a manifestação de alunos e professores que terminou em confronto com a polícia depois da ação de um grupo de Black Blocs.

Podemos analisar alguns trechos desta notícia de acordo com a imagem proposta pelo veículo de informação aos manifestantes mascarados:

“Os atos corriam pacificamente, até a intervenção de grupos Black Bloc”: Ao utilizar a preposição “até”, os jornalistas contrapõem a ideia de bem estar e mal estar. A presença dos Black Blocs é vista como algo que só poderia terminar em “vandalismo”.

“A falta de policiais, porém, pode ter estimulado o vandalismo”: Quanto ao uso da palavra “vandalismo”, isso ocorre quatro vezes durante a matéria. Os jornalistas fazem juízo de valor sobre as atitudes dos Black Blocs, que são entendidos apenas como “vândalos”, isto é, que causam baderna e são despolitizados. Há a contraposição entre o bem (policiais) e o mal (Black Blocs). Isso também ocorre no trecho: “Diante de uma Polícia Militar (PM) impassível, dezenas de mascarados atiraram coquetéis molotov dentro da Câmara carioca”.

“Ao longo da Rio Branco, a principal via do centro carioca, praticamente todos os prédios foram atacados por 200 mascarados”: Os Black Blocs também são chamados de mascarados pelo menos seis vezes durante a notícia. Ao mesmo que se faz uma caracterização do indivíduo que usa a máscara, o termo mascarado pode ser entendido como “aquele que não quer ser identificado”. Mas, o jornal não explica por quais motivos eles têm a atitude de cobrir o rosto ou usar as máscaras – que tem conexão com as origens do Black Bloc fora do Brasil.

Nessa notícia quantifica-se diversas vezes o número de vidraças, placas, lojas e carros que foram depredados. Podemos perceber isso nos seguintes trechos da matéria:

“Diante de uma Polícia Militar (PM) impassível, dezenas de mascarados atiraram coquetéis molotov dentro da Câmara carioca. O Clube Militar teve a portaria e o 1.º andar incendiados. Um grupo queimou um ônibus e manifestantes apedrejaram o Consulado dos Estados Unidos”.

“Ao longo da Rio Branco, a principal via do centro carioca, praticamente todos os prédios foram atacados por 200 mascarados. Portarias de vidro, jornaleiros, bancos, lanchonetes, galerias, nada escapou. Às 21h, na esquina com a Rua 7 de Setembro, uma patrulha da PM foi escorçada a pedradas pelos manifestantes. A bandeira do Estado do Rio, hasteada numa agência do Banco do Brasil, foi arrancada e substituída por um pano preto, sem que os policiais interferissem”.

“Uma vez que o confronto começou, o grupo pacífico se dispersou, enquanto os mascarados passaram a depredar placas, lojas e carros, perseguidos por PMs e integrantes da Tropa de Choque. A polícia utilizava bombas de efeito moral e gás pimenta para dispersar o grupo”.

Assim, a necessidade de se falar sobre a depredação parece ser muito mais relevante na notícia do que explicar por quais motivos os manifestantes estão lá. Também não se fala nem ao menos em tentativa de conversa ou contato com o Black Bloc durante a matéria para tratar das questões que levaram os manifestantes a agir no local.

#### 7.1.10. Alckmin quer investigação rigorosa para punir vandalismo

A décima notícia é datada de 8 de outubro de 2013. A matéria mostra a reação do governador do Estado de São Paulo quanto às ações dos Black Blocs nas manifestações. Ele diz que a polícia age de acordo com a proteção da liberdade de manifestantes pacíficos e também não admite o que ele chama de “vandalismo”.

Podemos destacar que a expressão “vandalismo” é repetida oito vezes durante o texto. Além da fala do governador do Estado de São Paulo, ela também está presente no próprio título da notícia. Faz-se um julgamento sobre os atos dos Black Blocs, que são considerados “vândalos” por depredarem.

A matéria também traz noções de divisão entre o bom manifestante e o mau manifestante. Isso pode ser visto no seguinte trecho: “„Ele evitou responder diretamente se defende maior rigor na operação policial e maior punição de protestantes que agirem com vandalismo, se restringindo a comentar que o trabalho de investigação da polícia está sendo feito e que a orientação é para a polícia proteger os manifestantes e „garantir o direito de livre manifestação“. Além disso, por meio da fala do governador, mostra-se uma divisão entre os policiais (que vão agir em prol dos bons manifestantes) e os maus manifestantes (que quebram, que são “vândalos”). Isso também pode ser verificado no trecho: “A polícia está agindo e vai agir com rigor na defesa da lei, na proteção das pessoas. É preciso separar, manifestação legítima, em que a polícia protege os manifestantes para que eles possam exercer sua liberdade de expressão. Outra coisa é vandalismo, depredação, isso é inaceitável”.

Outro trecho relevante a ser comentado é o seguinte: “Na noite de ontem, manifestação de alunos e professores na Praça da República terminou em confronto com a polícia e atos de vandalismo, após atuação de um grupo de mascarados Black Bloc”. O grupo de mascarados é considerado como o fator que “explode” em meio à manifestação e que gera a violência. Da mesma maneira que as matérias anteriormente analisadas, nesta não há questionamentos sobre o que influencia o pensamento e o ideário Black Bloc, muito menos sobre os atos dos policiais de dissipar os manifestantes com bombas de gás.

#### 7.1.11. Casal preso é enquadrado na Lei de Segurança Nacional

A décima primeira matéria analisada é datada do dia 8 de outubro de 2013. A notícia traz informações sobre um casal que foi preso por suposta participação em atos de depredação em São Paulo. Eles foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional, sancionada em 1983, na fase final da Ditadura Militar. Nesta matéria, a expressão “atos de vandalismo” foi utilizada para caracterizar as ações dos supostos participantes dos protestos de Black Blocs. A expressão faz juízo de valor e supõe que, se os acusados são Black Blocs, eles também são “vândalos”.

Apesar de ser uma notícia sobre a acusação de duas pessoas, não há contato com os advogados dos envolvidos. Há apenas a pontuação das acusações. Isso pode ser visto em: “O casal também enquadrado por formação de quadrilha, incitação ao crime, dano qualificado, pichação de monumento urbano e posse ilegal de arma de fogo de uso restrito - na mochila de Caporelli, foi encontrada uma bomba de gás usada”.

#### 7.1.12. PM mantém 5 pessoas presas após protesto em SP

A décima segunda matéria analisada é datada de 8 de outubro de 2013. De acordo com a notícia, depois de protestos dos Black Blocs no centro de São Paulo, a Secretaria de Segurança Pública informou que cinco pessoas continuavam presas. Segundo o balanço parcial da polícia, nove pessoas foram detidas. A matéria trata de maneira breve as ocorrências numa manifestação. O trecho relevante de análise pode ser visto em: “De acordo com a PM, seis soldados e duas pessoas que estavam na manifestação ficaram feridos. A Polícia Militar constatou depredações em ao menos nove bancos da região central, nas avenidas Rio Branco, Duque de Caxias e Ipiranga. Também foram alvo do vandalismo outros 16 pontos em avenidas da cidade”. Apesar de mencionar os feridos na manifestação, a notícia foca na listagem sobre caixas de bancos, entre outros pontos, que foram depredados na cidade. Há também o uso dos termos “depredação”<sup>79</sup> e “vandalismo”<sup>80</sup>, que parecem se confundir, apesar de suas diferenças quanto aos seus respectivos significados.

---

<sup>79</sup> De acordo com o dicionário Michaelis, depredação é o “ato de invadir violentamente a propriedade alheia, e ali praticar roubo ou causar quaisquer outros danos materiais graves”.

<sup>80</sup> De acordo com o dicionário Michaelis, vandalismo pode ser considerado “destruição do que é respeitável pelas suas tradições, antiguidade ou beleza”. Os vândalos são aqueles que “comentem atos funestos às artes, às ciências e à civilização”. São “bárbaros, sem cultura, selvagens, destruidores”.

#### 7.1.13. Jovem enquadrada na Lei de Segurança Nacional nega depredação de viatura em protesto

A décima terceira matéria analisada é datada de 10 de outubro de 2013. A notícia fala sobre a soltura de uma moça que havia sido presa como suspeita por atos de depredação na manifestação em São Paulo. O texto mostra como ela foi presa, por quais motivos foi indiciada, mas o foco é o relato/esclarecimento da própria moça que foi postado no Facebook<sup>81</sup>.

Podemos abordar a menção aos “atos de vandalismo” que ocorre duas vezes no texto. A expressão faz uma ligação entre atos de depredação e as ações dos Black Blocs. Ela ocorre em: “A jovem presa por suposta participação em atos de vandalismo no centro de São Paulo na segunda-feira, 7, se manifestou nesta quinta-feira em seu perfil no Facebook, após ser solta na quarta do Centro de Detenção Provisória (CDP) do Belém, na zona leste da capital”. E também em: “Eles forma presos em flagrante na esquina das Avenidas Ipiranga e São João, em meio aos atos de vandalismo promovidos por mascarados após protesto pacífico realizado pelos professores na noite de segunda-feira”.

Podemos apontar também o uso do *post* no Facebook para tratar de acontecimentos que já haviam sido noticiados pelo jornal. O jornalista coloca a mensagem da moça na rede social para mostrar o relato da mesma quanto aos acontecimentos de 8 de outubro, em que acusaram-na de participar de “atos de vandalismo”. Dois trechos da matéria marcam o relato. Eles são: “Não quebrei nada, não depredei nenhum patrimônio público, não bati/quebrei/atirei pedras em carro, loja ou estabelecimento público algum” e “Se cometi algum crime nessa noite, foi o de acreditar com toda minha fé que a única arma que pode mudar algo é a da arte”.

Assim, podemos considerar a publicação na rede social como foco da matéria. Podemos perceber, assim, a importância da expressão via internet/redes sociais para abordar assuntos como a prisão de pessoas de maneira injusta em que o acusado em questão não ganha espaço nos jornais para poder se retratar.

#### 7.1.14. Foco de grupo será atos na Copa, diz manifestante que pratica tática Black Bloc

A décima quarta matéria analisada é datada de 10 de outubro de 2013. A notícia traz informações sobre as futuras ações dos Black Blocs. Depois de conversar com uma manifestante, o jornalista mostra que o foco do grupo será a Copa do Mundo. De maneira

---

<sup>81</sup> Esta notícia faz um esclarecimento sobre a prisão de uma das pessoas citadas na 11ª matéria analisada nesta pesquisa.

distinta das demais matérias já analisadas, o jornalista traz as motivações dos manifestantes e tenta explicar, por meio da fala manifestante entrevistada, quais serão os planos para futuras ações dos Black Blocs. Para isso, podemos citar os seguintes trechos:

“Eles estão mais agressivos e jogam coquetéis molotov contra os policiais ,porque não estão sendo ouvidos”. No início da matéria, o jornalista faz referência às características dos atos dos Black Blocs e também refere-se aos motivos que levam os manifestantes atuarem de uma forma específica.

“Nessa quarta-feira, 9, horas antes de começar o ato na Avenida Paulista, ela conversou com a reportagem de um telefone público. Foi a condição para a entrevista, um dia após o governo paulista anunciar ofensiva contra os mascarados”: Dentre as poucas matérias que entram em contato com os Black Blocs, esta mostra que é possível fazer isso e obter informações sobre futuras ações.

“A jovem diz que a ofensiva do governo não vai diminuir a intensidade das „ações diretas“. A estratégia será dobrar os cuidados com a segurança. „Sair do Facebook, evitar agir diante de câmeras e andar em grandes grupos“”: Por meio de entrevista, a manifestante comenta quais são as possíveis ações no futuro. Caracteriza a voz do manifestante na matéria.

De maneira distinta daquela predominante nas notícias do portal, essa matéria faz contato com uma manifestante. Não há o uso de expressões como “atos de vandalismo”, “vândalos”, entre outras. Essa notícia surge como uma das poucas que trata do assunto “Black Bloc”, situa em quais condições estão os manifestantes, como é a reação do governo às ações deles e quais serão os próximos projetos dessas pessoas.

#### 7.1.15. Após passar duas noites na prisão, „Baderna“ morreu

A décima quinta matéria analisada é datada de 13 de outubro de 2013. Dentre as notícias sobre os Black Blocs, esta mostra uma entrevista com um manifestante chamado Humberto. Ela trata do envolvimento do rapaz com os protestos, o que realmente ocorreu quando ele foi preso e como ele saiu mudado da prisão.

Por meio de uma narrativa diferente daquela que normalmente aparece nas notícias do portal, essa caracteriza o rapaz e suas atitudes após a prisão. Isso pode ser visto em: “Humberto Baderna morreu. Sobrou um rapaz franzino, de 1,60 metro, alguns quilos mais magro, de bigode e a cabeleira raspados por outros detentos antes de ganhar a liberdade provisória às 23h30 de quarta-feira. Suspeito de ter virado uma viatura policial em meio aos protestos dos professores paulistas, Humberto Caporelli, de 24 anos, saiu do Centro de Detenção Provisória de Belém 2 a pé, sem um tostão no bolso”. Diferentemente da estética e

atitudes do Black Bloc, agora ele é apenas “um rapaz franzino, magro”. Também vale ressaltar que o jornalista começa a matéria dizendo que “Humberto Baderna morreu”. Isto é, aquela pessoa ligada ao movimento Black Bloc não era mais a mesma.

O personagem dessa notícia traz informações sobre seu próprio envolvimento com os Black Blocs. Ele diz: “Estão querendo falar que sou líder do movimento. O Black Bloc é uma ação para se descaracterizar. Sempre andei de preto. Mas só estava como black bloc mesmo em Campinas, no 7 de setembro”.

Ele também aborda os acontecimentos daquela época. Podemos observar isso nos seguintes trechos:

“A gente já tinha saído da manifestação. Foi na Ipiranga com a São João, igual a música do Caetano. Mas foi a minha cara. Eu era o terrorista da imagética. Estava do lado do escudo, tirando foto. A minha arma não era uma pedra, era a câmera. Desde junho, eles estavam buscando um rosto. Vinha um policial ruim e me descia o coro, e vinha um policial bom e dizia: 'a gente quer te descomplicar, a gente quer nome'. Isso aqui não é gangue, é insatisfação popular”.

“Os caras já sabiam: 'Ó, o maluco que tombou o carro da polícia'. Os caras tinham respeito. O chão lá é frio. O colchão é sujo. A comida, a humilhação, a perda de esperança. Tanto que chamam aquilo de castigo”.

Essa pode ser vista como a primeira entrevista pingue-pongue<sup>82</sup> entre o ex-manifestante que tinha contato com a tática dos Black Blocs e o jornal<sup>83</sup>. Mesmo que seja uma das primeiras iniciativas em entrar em contato com o Black Bloc, a conversa entre jornalista e entrevistado não é aprofundada. Ela poderia tratar da tática em si, do caráter ideológico e de outros fatores que envolvem o engajamento dos Black Blocs. Mas, a entrevista tem a intenção de humanizar o manifestante que foi preso do que mostrar que ele fez parte de um movimento com formação e caráter ideológicos distintos de outros movimentos de protesto.

#### 7.1.16. Raiva une 2ª geração de Black Blocs em São Paulo

A décima sexta notícia analisada é datada de 13 de outubro de 2013. Podemos considerá-la como a primeira notícia que trata da identidade do Black Bloc e que mostra entrevistas com cinco manifestantes para obter mais informações sobre suas perspectivas na

---

<sup>82</sup> Segundo Luiz Amaral (Técnicas de jornal e periódico; Rio, Tempo Brasileiro, 1987) podem-se distinguir dois tipos de entrevista: a de informação ou opinião (quando entrevistamos uma autoridade, um líder ou um especialista) e a de perfil (quando entrevistamos uma personalidade para mostrar como ela vive, e não apenas para revelar opiniões ou para dar informações).

<sup>83</sup> Na entrevista da 14ª análise, não são colocadas perguntas e respostas, no formato pingue-pongue, como foi feito nesse caso.

tática. Além disso, a matéria traz dados históricos sobre o Black Bloc e também entrevista especialistas na área.

Inicialmente podemos abordar as expressões utilizadas pelo jornalista ao tratar do manifestante Black Bloc. Algumas delas são “encapuzados”, “massa heterogênea”, “jovens mascarados”, “coadjuvantes”, “ativistas” e “adeptos da tática Black Bloc”.

No primeiro caso ele trata de uma característica estética do manifestante Black Bloc, que é encapuzado para não ter sua identidade mostrada ao público. Nesse caso, o encapuzado faz parte da explicação sobre o porquê das pessoas esconderem suas identidades.

No segundo caso, o jornalista trata o Black Bloc como pertencente a uma “massa heterogênea” para explicar que eles são, antes de tudo, pessoas diferentes, com profissões distintas, mas que podem ser, desde o pedreiro, até o universitário. O jornalista também usa o termo para explicar que mesmo sendo uma “massa heterogênea” eles se unem em blocos devido à afinidade com a tática.

Já no terceiro caso, o jornalista trata de caracterizá-los como mascarados para mostrar uma característica da estética Black Bloc, que tem motivos para esconder sua identidade devido aos perigos de ser exposto ao público.

No quarto caso, o termo mostra que os Black Blocs faziam parte de toda trama das manifestações, sendo uma parte que compunha os protestos e que permitiu que os “atores principais”, como o MPL, conseguissem chegar aos seus objetivos. A expressão é utilizada em: “Eles têm entre 15 e 25 anos, são de classe média baixa, estudaram em geral em escolas públicas e universidades privadas. Formam, no entanto, uma massa heterogênea, integrada por professores, analistas de sistema, ecologistas, ex-presidiários e internos da Fundação Casa. A maioria conheceu os protestos somente depois que o Movimento Passe Livre (MPL) foi para as ruas, nas manifestações de junho, que acompanharam como coadjuvantes”.

No quinto caso, os Black Blocs são chamados de “ativistas”, pois é mostrado o engajamento dos manifestantes. Muitos deles são Black Blocs e ao mesmo tempo lutam pela causa ambiental, pela educação, etc. O termo aparece na fala de uma socióloga, pesquisadora do tema: “Nos últimos dois meses, eles conversaram com cerca de 20 ativistas, que conheceram nas manifestações. “Nosso objetivo é compreender o papel da violência nos protestos. Ela faz parte das ações policiais e dos manifestantes. Isso diz algo a respeito de São Paulo e do Brasil”, diz Esther, de 30 anos, que é espanhola. “Não adianta simplesmente fingir que o fenômeno não existe. Pode mostrar algo que ainda não sabemos”.

No sexto e último caso, ao chamá-los de “adeptos da tática”, o jornalista mostra que os Black Blocs não são um grupo que age sem discernimento. Eles fazem parte de grupos de

afinidade que agem em blocos e que são adeptos de uma tática que tem origem histórica e política fora do Brasil. O uso da expressão pode ser vista em: “Esse dia ficou marcado como a primeira manifestação convocada pelos adeptos da tática Black Bloc, grupo que prega a destruição de bancos, lojas, lanchonetes como forma de se manifestar politicamente”.

Por fim, podemos analisar que o jornalista não conecta os manifestantes às expressões de “baderna”, “vandalismo” e “violência sem motivo”. Ele mostra os atos dos Black Blocs como uma forma de se manifestar politicamente, como podemos observar na última frase citada acima. Além disso, por meio da fala dos Black Blocs, o jornalista traz quais são suas motivações e também os seus futuros planos para outras manifestações. Podemos observar esses fatores nos seguintes trechos: “„Somos contra a violência contra pessoas. Mas, no caso da polícia, eles representam o Estado que age contra nós de forma violenta“, explica um integrante” e em “„novos protestos vão ocorrer. O nosso foco é a Copa do Mundo e a Olimpíada“, diz uma black bloc”.

#### 7.1.17. Em evento no Rio, Lula critica Black Blocs

A décima sétima notícia analisada é datada de 18 de outubro de 2013. A matéria mostra como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criticou a ação dos Black Blocs nas manifestações. Ele esteve no Rio de Janeiro para o lançamento do Mapa Estratégico do Comércio 2014-2020 da Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro. O ex-presidente não mencionou o nome do grupo, mas fez referências aos atos de pessoas que usavam máscaras. Como podemos observar em sua fala: "Fiz muito movimento de rua, mas nunca coloquei uma máscara porque nunca tive vergonha do que fiz".

A matéria enfoca na participação do político no evento, mas, ainda assim, traz expressões como “manifestantes mascarados” e “atos de vandalismo”. No primeiro caso, há apenas a caracterização do manifestante que aparece como aquele “sem identidade”, não há explicações sobre os motivos que levam os manifestantes a usar as máscaras. Já o segundo reafirma uma ideia que foi intensamente utilizada nas matérias do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao julgar os atos dos manifestantes como “vandalismo”, o jornalista faz um juízo de valor das ações dos Black Blocs, em vez de tratar dos atos como de depreciação.

#### 7.1.18. Maioria dos paulistanos desaprova o Black Bloc

A décima oitava notícia analisada é datada de 27 de outubro de 2013. A matéria traz uma pesquisa do Datafolha sobre a aceitação dos paulistas com os Black Blocs. A notícia

mostra que mais de 80% das pessoas (entre 16 e 25 anos) são contra eles e entre os mais velhos (60 anos) a desaprovação é de 98%.

O primeiro trecho de análise fala sobre uma agressão contra um PM: “A pesquisa foi feita na sexta-feira, mesmo dia em que „black blocs” agrediram o coronel da Polícia Militar Reynaldo Simões Rossi durante uma manifestação do Movimento Passe Livre no centro de São Paulo”. Fala-se sobre a agressão cometida pelos Black Blocs contra o policial, mas o jornalista não menciona os atos de violência excessiva dos policiais contra os manifestantes. Podemos considerar que esse trecho evidencia o fato da agressão Black Bloc contra PM: trata os manifestantes como maus atores durante um protesto e os PMs como aqueles que sofrem com os atos violentos.

Em outro trecho fala-se que “ente os jovens de 16 a 24 anos, 87% desaprovam as ações dos manifestantes que confrontam a polícia e provocam depredações”. Entretanto, o jornalista não menciona o motivo dos manifestantes confrontarem a polícia e depredarem. Deixa-se de lado as questões políticas que motivam os Black Blocs.

#### 7.1.19. PMs comandados por coronel agredido usam a internet para isolar Black Blocs

A décima nona matéria analisada é datada de 27 de outubro de 2013. A notícia traz informações sobre PMs que tentavam se aproximar de “manifestantes conscientes” para sugerir que eles se distanciassem dos Black Blocs. A partir dessa matéria podemos analisar os seguintes trechos:

“Estratégia é utilizar as redes sociais para se aproximar dos manifestantes „conscientes” e sugerir que se distanciem dos mais exaltados nas ruas”: O jornalista mostra uma contraposição entre manifestantes “conscientes” e “exaltados”. Há a ideia de um bem contra um mal. Fator que é repetido inúmeras vezes nas matérias sobre as ações dos Black Blocs.

“A Polícia Militar de São Paulo decidiu enfrentar integrantes radicais dos protestos de rua antes mesmo de as manifestações começarem”: O jornalista mostra os Black Blocs como integrantes radicais devido às ações diretas. Mas, o que é ser radical? Nesse contexto, o radical aparece como aquele que vai de encontro com os atos pacíficos.

“A estratégia vem sendo conduzida pelo Comando de Área Centro, divisão da PM cujo comandante, o coronel Reynaldo Simões Rossi, foi espancado por mascarados durante passeata do Movimento Passe Livre, na sexta-feira. A ideia é conversar com manifestantes na concentração e incentivar que eles se distanciem e isolem elementos mais exaltados - normalmente black blocs”: Primeiramente, o comandante é mostrado como aquele que foi

sujeito a um ato dos Black Blocs. Ele vira vítima das ações de um grupo, daí o uso do verbo espancar. O termo “elementos exaltados” é usado devido a uma escolha de vocabulário por parte do policial em questão.

“Neste sábado, após as agressões ao tenente-coronel Rossi, o porta-voz do Centro de Comunicação Social da PM, major Mauro Lopes, afirmou que o Estado de São Paulo dará uma „resposta muito forte a esses bandos de criminosos“, em uma referência aos black blocs”: O coronel não falou claramente que os criminosos eram os Black Blocs, mas o jornalista faz a explicação para reforçar a ideia de que os criminosos são os integrantes do Bloco Negro.

“O coronel Reynaldo Rossi disse anteontem, enquanto se recuperava das agressões, que as postagens são uma tentativa de aproximar os manifestantes tidos como mais conscientes dos policiais, isolando anarquistas”: Os manifestantes conscientes são todos os outros, além dos Black Blocs. Nesse ponto o jornalista distancia mais uma vez o bem e o mal. O manifestante consciente é diferente e distanciado do anarquista.

#### 7.1.20. Livro explica a relação entre o Passe Livre e os Black Blocs

A vigésima matéria analisada é datada de 29 de outubro de 2013. A notícia enfoca no lançamento do livro *Vinte Centavos: a Luta contra o Aumento* (Veneta), livro de Marcelo Pomar, fundador do MPL de Florianópolis, do filósofo Pablo Ortellado, da socióloga Elena Judensnaider e de Luciana Lima. O livro esclarece como houve relação entre o MPL e os Black Blocs. Além disso, também mostra a origem das manifestações e como elas foram se desenvolvendo com o tempo.

Explica-se quais eram os enganos recorrentes nos noticiários quando os jornalistas falavam sobre os Black Blocs e também é explicada o que é a tática dos Black Blocs. Podemos ver isso em: “Nesses cinco meses de protestos, os noticiários costumam separar os manifestantes entre os "democráticos" e os "vândalos, que se infiltram em passeatas pacíficas para iniciar o quebra-quebra". Trata-se de um engano. A chamada "tática black bloc", que prega ataques ao patrimônio e reação à ofensiva da Polícia Militar nas passeatas, foi fundamental para o sucesso das manifestações de junho convocadas pelo Movimento Passe Livre (MPL)”. Outro ponto é que o jornalista mostra como foi a atitude dos manifestantes durante os protestos. Podemos observar em: “Outra tática era fazer protestos colados, separados por dias, em grandes avenidas, para atrapalhar o cotidiano, desnortear as autoridades e chamar a atenção da imprensa. Deu certo”.

Essa é a primeira matéria que trata dos Black Blocs fora do âmbito de julgamento. A matéria enfoca no lançamento de um livro sobre o movimento e os protestos que ocorreram

em junho de 2013. Isso mostra uma diferenciação na cobertura sobre o assunto, já que passa a buscar outras formas para entender as ações da tática.

#### 7.1.21. Governo Dilma quer abrir diálogo com Black Blocs

A vigésima primeira matéria analisada é datada de 29 de outubro de 2013. A notícia mostra que o Ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência gostaria de abrir diálogo com os Black Blocs. A matéria é repleta de citações do discurso do ministro sobre o desejo de falar com os manifestantes e a importância do diálogo, em vez da simples repressão. Entretanto, eles ainda mostram muito do preconceito com os Black Blocs. Não há nenhuma fala de nenhum Black Bloc sobre uma possível conversa.

Primeiramente podemos falar sobre o uso da expressão “fenômeno social”. Utiliza-se essa expressão para descrever um movimento social, que tem ações que vão de encontro com outras pacíficas. Além disso, o “fenômeno” pode ser descrito dessa forma devido à dimensão do uso da tática no Brasil.

Na fala do ministro podemos observar uma incoerência. Mesmo que haja uma tentativa por parte do governo na conversa com os Black Blocs, é possível reconhecer na matéria ideias que estigmatizam o manifestante. “O ministro reconheceu que a população acabou se tornando refém da violência dos black blocs e justificou que „o próprio esvaziamento das manifestações demonstrou isso“”. Na fala do ministro, ele subentende que o esvaziamento das manifestações ocorreu somente pela ação dos Black Blocs. Mas, o esvaziamento foi muito mais amplo e não pode ser generalizado a uma causa. O uso do termo “refém” explicita a ideia que o ministro também quer passar sobre a figura do Black Bloc. “Refém” é aquele que tem que sobreviver em meio às ações de “bandidos”.

O próprio ministro assume que é aparente o que ele entende como a linguagem do Black Bloc. Ele ainda enfatiza que os Black Blocs só se manifestam por meio da “destruição e da negação”. Podemos observar isso em: “„Que a linguagem aparente - e insisto, aparente - é muito da destruição, da negação. Agora, nós precisamos de alguma forma ter uma ponte, nós estamos buscando com muita força esse diálogo, para que a gente possa achar uma saída eficaz porque só reprimir não resolve“, afirmou”. O ministro ainda afirma que os Black Blocs não querem um contato aparente, enquanto o governo “se esforça para conseguir diálogo”. Contrapõe as ações do governo, de conversa, e uma ação violenta do Black Bloc.

Outro trecho da matéria traz a fala do ministro dizendo que acredita que o grupo “não apresenta diálogo e não se identifica”: “O ministro comentou ainda que tem havido dificuldade no contato porque „é um grupo que não se apresenta para o diálogo, não se

identifica". „A nós causa um grande espanto“. Apesar disso, a matéria não mostra em nenhum momento uma fala do Black Bloc sobre esse pedido de conversa. A matéria ainda complementa com a fala de que “a nós isso causa um grande espanto” o que mostra um contraponto: enquanto o governo tenta falar com os Black Blocs, estes não estariam fazendo contato algum.

#### 7.1.22. PF e Estados identificam Black Blocs

A vigésima segunda matéria é datada de 6 de novembro de 2013. A notícia traz informações sobre a interação das áreas de inteligência das polícias Federal e estaduais na identificação dos acusados de “vandalismo”. Além disso, a matéria também menciona a possibilidade de alterar a lei para punir os Black Blocs.

Primeiramente podemos falar sobre as expressões “acusados de vandalismo” e “atos de vandalismo”. A palavra “vandalismo” aparece três vezes na matéria (contando a linha-fina). Supõe-se uma ligação direta entre os atos de depredação dos Black Blocs com “atos de vândalos”.

Já a expressão “grupos criminosos” aparece duas vezes durante o texto. Da mesma forma que há o uso do termo “vândalos”, o termo “grupos criminosos” menospreza qualquer intenção sócio-política dos Black Blocs. Eles são considerados como possíveis criminosos.

Além dessas expressões, também podemos analisar alguns trechos da matéria em questão:

“O ministro da Justiça ressaltou, no entanto, que não se trata de policiar movimentos sociais, mas sim de evitar excessos”. Há uma contraposição entre movimentos sociais (bem) e Black Blocs (mal/excessos). Isso também ocorre em “queremos proteger a liberdade de manifestação e a população brasileira de pessoas que de forma ilícita se aproveitam da liberdade de manifestação de outros”.

“Questionado pela imprensa estrangeira sobre o temor de violência durante a Copa do Mundo no Brasil, no ano que vem, Cardozo disse que o País tem um plano de segurança pública e vai atuar garantindo a tranquilidade”. Na fala do ministro da justiça, ele traz uma dualidade: garantir a tranquilidade seria algo bom, realizado pelo plano de segurança pública, enquanto as agitações seriam algo ruim, por parte de manifestantes Black Blocs.

Depois de 14 notícias é possível observar que as matérias normalmente opõem: o bem e o mal, a segurança pública e as depredações, o manifestante pacífico e o Black Bloc. Isso aparece como um fator que cria uma narrativa sobre os manifestantes Black Blocs. Essa narrativa é repetida diversas vezes, o que deveria ser ressaltado. Tendo em vista os acessos

diários ao portal do Estadão, notícias como essas reafirmariam diversas vezes as questões duais.

#### 7.1.23. Pesquisa indica 93,4% de rejeição a atos de Black Blocs

A vigésima terceira matéria analisada é datada do dia 7 de novembro de 2013. A notícia traz uma pesquisa que indica alta rejeição aos atos dos Black Blocs. Segundo levantamento CNT/MDA, 91,5% dos entrevistados não consideram “legítima” a ação dos mascarados em protestos. Nessa matéria há o uso das expressões “ações de vandalismo” e “Black Blocs mascarados”. No primeiro caso, esse tipo de ação pressupõe que as pessoas que participaram dos atos, nesse caso os Black Blocs, eram vândalos e não tinham nenhum posicionamento político e histórico. Já no segundo caso, pressupõe-se que os Black Blocs já sejam mascarados. Com o uso do adjetivo mascarados você reforça a ideia do manifestante que cobre seu rosto para não mostrar sua identidade. Entretanto, o ato de cobrir o rosto não é apenas para não ser identificado, mas, para se reconhecer como coletivo, como um conjunto sem rosto que compartilha uma mesma forma de compreender as ruas.

#### 7.1.24. Justiça de SP concede liberdade a estudante que agrediu coronel da PM

A vigésima quarta matéria é datada de 7 de novembro de 2013. A notícia trata da soltura de um estudante que foi acusado de agredir um coronel. No título da notícia (Justiça de SP concede liberdade a estudante que agrediu coronel da PM”) o jornalista dá a entender que o estudante que foi solto havia agredido o coronel da PM. Entretanto, a própria notícia desmente isso, já que o perito acionado pela defesa do estudante disse que o rapaz não agrediu ou depredou o patrimônio. Ele também não foi visto próximo ao policial agredido. Podemos observar isso em: “De acordo com a perícia feita por Molina, além de o estudante não ser visto em cenas de agressão ou depredando o patrimônio público, as imagens não permitem apontar quem agrediu o policial Quem aparece no vídeo é um homem mascarado, sendo que Paulo estaria sem máscara no momento do crime”. Tendo em vista o conteúdo da matéria, a manchete poderia ser “Justiça de SP concede liberdade a suposto agressor de coronel da PM”.

#### 7.1.25. Polícia de SP ouve suspeitos de depredação em protestos

A vigésima quinta matéria analisada é datada de 14 de novembro de 2013. A notícia trata do recolhimento de depoimentos de possíveis manifestantes que tenham agido nas manifestações em São Paulo. Apesar de 80 pessoas terem sido convocadas, até aquele momento, nenhuma delas havia sido indiciada por alinhamento com Black Blocs ou com

algum partido político. No texto é possível indicar o uso da expressão “atos de vandalismo” em: “Segundo advogados que representam parte dos manifestantes, eles não integram o movimento Black Bloc nem promoveram atos de vandalismo”. Mais uma vez é recorrente o uso dessa expressão para designar os atos de depredação nas manifestações em São Paulo. Mesmo que não seja aparente na notícia, esse termo deixa embutido um caráter de que a pessoa que depredou era, na verdade, um vândalo.

#### 8. Análise das publicações da página Black Bloc SP no Facebook

A análise das publicações da página Black Bloc SP<sup>84</sup> no Facebook será realizada em duas partes. A primeira tratará de uma análise descritiva sobre os termos que apareceram com mais frequência nas postagens e sobre o uso das imagens, fotos e figuras para mostrar da identidade assumida por eles na rede social. A segunda parte tratará de uma análise interpretativa sobre os mesmos termos, suas conotações, além das imagens, fotos e figuras presentes nas publicações da página.

Antes de partir para as análises em si, podemos comentar o processo de coleta de dados nas publicações feitas pela internet. Em relação à coleta e análise dos dados na pesquisa sobre as publicações da página Black Bloc SP no Facebook, foi “essencial considerar uma gama de aspectos que vão desde as estratégias de utilização dos ambientes digitais até aspectos de cunho ético em relação à publicização e identificação de informações e dados obtidos” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 50). Desta maneira, para estudar as amostras da pesquisa, foi preciso estudar não apenas quem são os indivíduos, mas também o conteúdo das mensagens trocadas através da rede (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 123).

Quanto ao recorte do material a ser analisado, este ocorreu de acordo com as datas dos *posts* publicados no segundo semestre de 2013, ou seja, de novembro à dezembro de 2013<sup>85</sup>. Havia um extenso número de publicações feitas pela página na rede social, entretanto, os “pesquisadores são obrigados a escolher uma parte da realidade e focar nela sua atenção” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 53). Assim, apenas 37 *posts* integraram a pesquisa, já que eles traziam informações relevantes para a análise da identidade assumida pelos manifestantes Black Blocs. Vale ressaltar que essas publicações fazem parte da amostra,

---

<sup>84</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Black-Bloc-SP/360472354098669>.

<sup>85</sup> Não foram considerados os meses de agosto e setembro pois a página não apresentava postagens para serem analisadas segundo a proposta desta pesquisa.

porque tratam dos desdobramentos das manifestações de junho e de ações dos Black Blocs na cidade.

Para iniciarmos a análise em aspectos mais gerais, podemos listar os seguintes números referentes a cada mês:

Tabela 3 - Quantidade de matérias analisadas no segundo semestre de 2013

<b>Mês</b>	<b>Quantidade de matérias</b>
Outubro	4
Novembro	23
Dezembro	10
<b>Total</b>	<b>37</b>

A partir dos números acima é possível notar que as publicações na rede social tiveram uma pequena expressão em outubro, um pico em novembro e uma considerável diminuição em dezembro. Em relação aos assuntos tratados nos *posts* podemos observar seis categorias principais. Elas são: imagem, ou seja, publicações que tratam da estética do Black Bloc; discurso do manifestante; crítica à mídia, seja ela impressa ou televisiva; crítica à política; crítica ao Estado e suas ações; e crítica à Copa do Mundo.

Tabela 4 - Categorias temáticas das publicações no Facebook

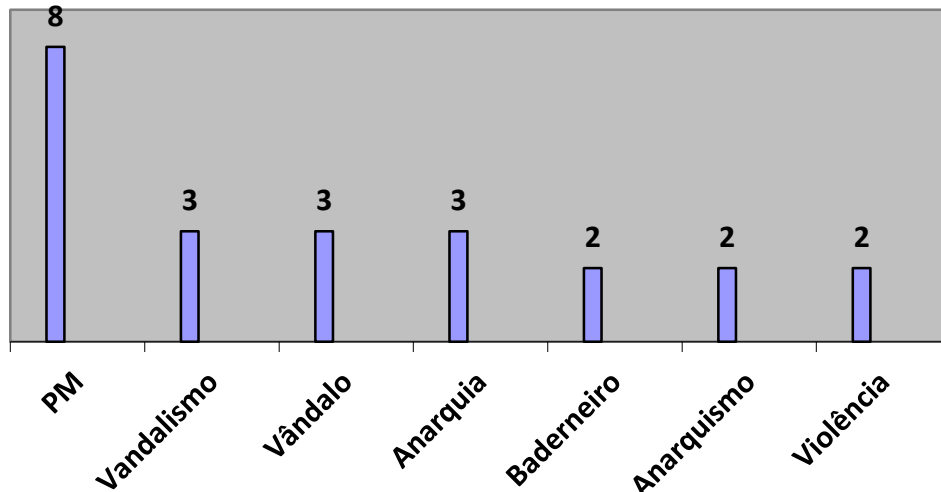
<b>Mês</b>	<b>Outubro</b>	<b>Novembro</b>	<b>Dezembro</b>
Imagem	2	1	1
Discurso	2	10	4
Crítica/Mídia	-	4	2
Crítica/Política	-	3	-
Crítica/Estado	-	3	2
Crítica/Copa	-	2	1
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>23</b>	<b>10</b>

Podemos observar que 43,24% das publicações<sup>86</sup> são sobre o discurso do Black Bloc, 16,21% são sobre críticas feitas à mídia, 13,51% são sobre críticas feitas ao Estado, 10,81% são sobre a imagem assumida pelo Black Bloc na rede social e 8,10% são sobre críticas feitas à política e à Copa do Mundo que seria realizada no Brasil em 2014. Quanto à frequência do

<sup>86</sup> Neste caso, as porcentagens tratam de números aproximados.

uso de determinados termos nas postagens feitas pela página Black Bloc SP, podemos considerar os seguintes dados:

Gráfico 4 – Frequência de aparição de termos



Unidades: Quantidade de matérias da amostra – N: 37. Considera-se que mais de um termo pode ter aparecido na mesma matéria.

Esses termos caracterizam as ações dos Black Blocs e os próprios indivíduos, daí a necessidade de verificar qual a frequência em que apareceram durante os textos da amostra. Em primeiro lugar podemos observar que o termo PM esteve presente em 8 publicações; em segundo lugar podemos observar que o termo vandalismo, vândalos e anarquia apareceram em 3 publicações cada; e em terceiro lugar podemos observar que os termos baderneiro, anarquia e violência apareceram em 3 publicações cada.

Numa perspectiva apontada no livro *Métodos de Pesquisa para Internet*, podemos considerar a inserção da tecnologia na vida cotidiana como um elemento relevante. Isso ocorre porque a rede se torna um elemento da cultura em que há a integração dos âmbitos *online* e *offline* (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 42). Por meio desse ponto de vista, temos a internet como um objeto multifacetado e também passível de apropriações. Assim, podemos observar que as fronteiras da internet, entre online e offline, são fluídas e também interatuam (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 42).

Tendo em vista a característica do pano de fundo da pesquisa, podemos considerar o surgimento das redes sociais uma nova maneira de se entrar em contato com práticas e atores sociais. Ao analisar as publicações na rede social podemos nos aproximar das reflexões sobre

as ações do indivíduo/coletivo e também dos seus termos de ação política via internet. Como essa análise espera-se que o pesquisador liberte-se de suas pré-noções e deixe que dados empíricos lhe forneçam ideias, ou seja, “o campo e sua observação vão fornecer hipóteses e auxiliar a delimitar o problema e construir a teorização” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 84). Assim, por meio da análise interpretativa do conteúdo das publicações feitas no Facebook esperamos obter um novo olhar sobre a identidade reivindicada pelo Black Bloc e sobre o discurso que eles assumem para o seu próprio grupo.

## 8.1. Análise interpretativa do conteúdo

### 8.1.1. Primeira publicação – 11 de outubro de 2013

A primeira publicação analisada é datada de 11 de outubro de 2013. Trata-se de um *post* com uma imagem e uma frase: “O mundo necessita de menos princesas e mais guerreiras”, de Joey Holmes.



Nessa publicação podemos observar a frase: “O mundo necessita de menos princesas e mais guerreiras”. Por meio dessa mensagem é possível compreender que as mulheres que fazem parte do Black Bloc precisam deixar de lado o caráter inocente e frágil, que estaria ligado ao termo “princesa”, para poder agir ao lado dos demais manifestantes como guerreiras, fortes e ativas.

Esse *post* é um dos primeiros sobre a imagem que Black Bloc assume na rede social. A partir desse caso, outras publicações mostram a preocupação com a estética assumida pelos manifestantes. Eles passam a enfatizar e reivindicar sua própria imagem enquanto os meios de comunicação de massa propunham outras ideias sobre a identidade Black Bloc.

### 8.1.2. Segunda publicação – 24 de outubro de 2013

A segunda publicação analisada é datada de 24 de outubro de 2013. Trata-se de um *post* com uma imagem de manifestantes mascarados jogando coquetéis molotov. A breve frase diz: “All cops are bastards”, ou seja, “Todos os policiais são bastardos”, em tradução livre.



O *post* não aborda diretamente a maneira como o Black Bloc é definido, mas, pela imagem, podemos reconhecer o manifestante como aquele que se veste completamente de preto, que usa máscaras, anda em blocos de afinidade e que usa a ação direta, de depredar ou reagir às ações dos policiais. Quanto aos policiais, os Black Blocs também reagem a estas pessoas, pois compreendem que eles são um “braço do estado”. Por isso, chamam os policiais de “bastardos”.

### 8.1.3. Terceira publicação – 24 de outubro de 2013

A terceira publicação analisada é datada de 24 de outubro de 2013. Trata-se de um *post* com uma imagem e explicações sobre os termos “vândalo” e “baderneiro”.

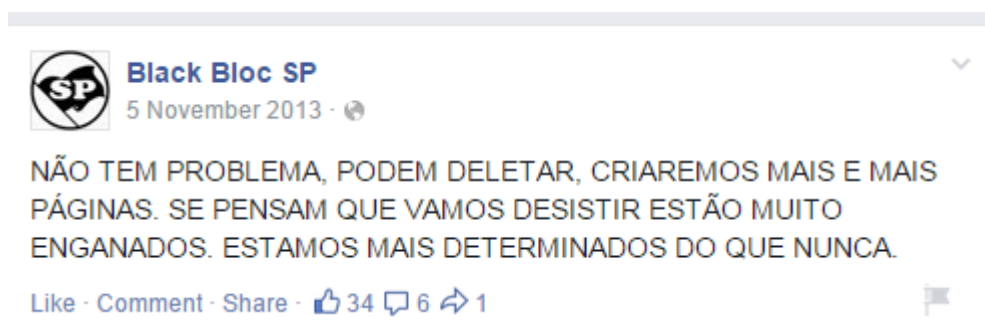




A partir disso é possível compreender que, pelas palavras de Chomsky, os Black Blocs querem explicitar que muitas vezes as pessoas não entendem o que realmente está acontecendo. Muitas vezes a população pode ser manipulada por um determinado tipo de narrativa na TV, rádio e nos jornais. Dessa maneira, elas podem até ter uma consciência sobre o que ocorre nas ruas, mas, na realidade, isso não acontece de maneira aprofundada.

#### 8.1.5. Quinta publicação – 5 de novembro de 2013

A quinta publicação analisada é datada de 5 de novembro de 2013. O *post* traz uma mensagem dos administradores da página no Facebook dizendo que não há problemas se outras pessoas tentarem deletar a conta. Segundo a mensagem, se isso ocorrer, muitas outras páginas serão feitas e eles surgirão mais determinados do que nunca.

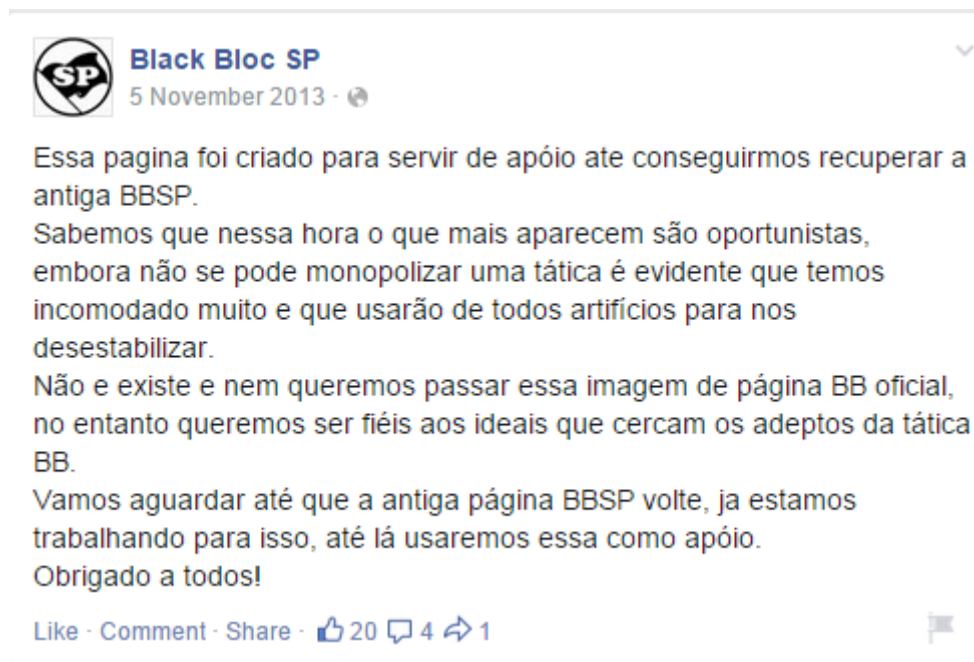


É possível compreender no discurso dos Black Blocs que, não importa o que aconteça, eles voltarão com mais força ainda. A mensagem mostra a insistência no exercício do direito

do manifestante protestar: “Se pensam que vamos desistir estão muito enganados. Estamos mais determinados do que nunca”.

#### 8.1.6. Sexta publicação – 5 de novembro de 2013

A sexta publicação analisada é datada de 5 de novembro de 2013. O *post* traz uma mensagem explicando que a página do Black Bloc SP estava sendo usada até eles conseguirem recuperar a antiga.



Em “temos incomodado muito” e “usarão de todos os artificios para nos desestabilizar”, os responsáveis pela Black Bloc SP mostram que, com a criação da nova página, houve muitas reclamações. O incômodo pode ter sido pela iniciativa de reativar uma página para representar os Black Blocs em São Paulo. A mensagem também diz que as pessoas “oportunistas” usarão artificios para desestabilizá-los. Isso mostra a insistência dos adeptos à tática em mostrar o que está acontecendo e que há pessoas, mesmo que no grupo de Black Blocs, que não estão satisfeitas com a criação da nova página. Já em “queremos ser fiéis aos ideais que cercam os adeptos da tática BB”, os manifestantes enfatizam que querem permanecer fiéis ao discurso dos Black Blocs.

### 8.1.7. Sétima publicação – 6 de novembro de 2013

A sétima publicação analisada é datada de 6 de novembro de 2013. O *post* traz uma extensa mensagem sobre a prisão de um manifestante que era apoiado pelos Black Blocs, assim como uma foto do manifestante com os dizeres “estamos juntos, Piauí” e “#liberdadepiauí”.



A partir da mensagem publicada pela página, podemos analisar alguns trechos relevantes que tratam da imagem do manifestante Black Bloc, do seu discurso, assim como da visão deles sobre as ações da polícia e do Estado:

“Vale ressaltar que nenhuma ação direta foi tomada por parte dos Black Blocs. Durante todo o trajeto não houve nenhum ato, como eles falam, de „vandalismo“”: A mensagem mostra que os manifestantes não se consideram vândalos e que eles acabam recebendo essa caracterização por parte da mídia e polícia.

“O que ocorreu, que também não é nenhuma novidade, é a grande repressão anunciada há dias pelo governo de São Paulo para coibir as manifestações de maneira enérgica e punir, como eles mesmos dizem, os tais „vândalos“”: Nesse trecho, eles expõem a sua recusa à característica repressão policial que vinha ocorrendo nas manifestações. Novamente eles comentam sobre o termo “vândalos” que é dado pelos policiais aos manifestantes.

“Um dos manifestantes soltou um rojão para cima e foi a deixa para que a „PMERDA“ viesse para cima de nós com a sutileza que todos conhecemos: Os manifestantes xingam a Polícia Militar devido à repressão excessiva durante a manifestação. Os Black Blocs ainda ironizam a ação dos PMs que “agiram com a sutileza que todos conhecemos”.

#### 8.1.8. Oitava publicação – 10 de novembro de 2013

A oitava publicação é datada de 10 de novembro de 2013. O *post* critica a matéria veiculada pela revista *Época*, em que Daniela Ferraz, de 31 anos, diz ser integrante dos Black Blocs. A mensagem enfatiza que Daniela teria se juntado à revista para “denegrir a imagem do movimento”. Fala-se, ainda, de que o relato da moça também denegriu a imagem das mulheres que também estão presentes nos atos.



**Black Bloc SP**  
10 November 2013 · 🌐

“DANI A PANTERA BLACK BLOC”

Daniela Ferraz, de 31 anos, mãe e ex-presidiária. Ela agora quebra bancos. “Quando corruptos roubam milhões, nada acontece”  
Quando cumpria pena na cadeia, foi esfaqueada por outra presidiária e diz que ficou com sequelas psicológicas. Com segundo grau completo, Daniela afirma que é anarquista. Ela atua com a ONG Defensoria Social, braço visível e oficial que apoia os Black Blocs.”

As sequelas psicológicas dela são visíveis, pra se sujeitar à essa palhaçada.  
Essa mulher se juntou com a *Época* pra denegrir a imagem do movimento. E denegrir a imagem das mulheres que estão cada vez mais presentes nos atos. Menos mal que ela teve o mínimo de senso do ridículo, coisa que a Veja e esse Leonel Rocha não tem, e não concedeu entrevista se intitulando líder, representante ou porta-voz de ninguém.

Mas insistem em dizer que essa ONG Defensoria Social, financia os adeptos da tática Black Bloc. Eu gostaria MUITO de saber o que uma pessoa tem na cabeça, pra ler uma bosta dessa e acreditar que isso seja verdade.  
Engolir o que nos é jogado é mais cômodo e fácil do que buscar as informações corretas! É tão errado quanto se forçar acreditar que nada está acontecendo pelo simples fato de ter preguiça de ir pra rua.  
Estão nos bombardeando “silenciosamente”. Querem colocar o povo contra o povo.  
A mulher simplesmente saiu da cadeia e resolveu vira adepta da tática Black Bloc? “Ela tem segundo grau completo.” Agora querem nos tirar como presidiários, criminosos e burros, entenderam a malícia da matéria? Como se dissessem “Pelo menos alguém tem 2º grau completo.”

Dani, pare de se expor ao ridículo.  
Leonel Rocha, pare de defecar em suas matérias.  
*Época*, espere por nós!

<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2013/11/dani-b-panterab-dos-black-blocs.html>

A partir da mensagem publicada na rede social, podemos observar qual o ponto de vista dos Black Blocs quanto à veiculação da matéria na revista *Época*, em que uma pessoa se assumiu como participante dos atos e mostrou sua “verdadeira face” para a mídia:

“Essa mulher se juntou com a *Época* para denegrir a imagem do movimento. E denegrir também a imagem das mulheres que estão cada vez mais presentes nos atos”: A

mensagem mostra que os Black Blocs discordavam do relato da mulher à revista e que isso ia de encontro com que os manifestantes faziam.

“Engolir o que nos é jogado é mais cômodo e fácil do que buscar as informações corretas”: Compreende-se que eles julgam erradas as informações veiculadas pela revista e que não deveria haver passividade com uma atitude desse tipo.

“Estão nos bombardeando „silenciosamente“. Querem colocar o povo contra o povo”: Eles se assumem como povo que é “bombardeado silenciosamente” porque há a veiculação e matérias como estas, que não estão em concordância com aquilo que os Black Blocs assumem como tática e discurso.

#### 8.1.9. Nona publicação – 11 de novembro de 2013

A nona publicação analisada é datada de 11 de novembro de 2013. O *post* faz referência a Leonardo Morelli, aposentado de 53 anos, ex-coordenador da ONG Defensoria Social, que assumiu a liderança dos Black Blocs à revista *Época* e que também disse que colaborava com a arrecadação de dinheiro para o movimento.



A montagem feita com a imagem dos personagens Batman e Robin mostra a posição dos Black Blocs com relação ao seu depoimento à revista *Época*. Os Black Blocs não tem liderança, por isso montaram a imagem para contradizer o discurso de Morelli.

#### 8.1.10. Décima publicação – 11 de novembro de 2013

A décima publicação analisada é datada de 11 de novembro de 2013. O *post* traz uma imagem de referência à Copa do Mundo. A imagem também traz a expressão nítida do discurso dos Black Blocs: “Foda-se a Copa. Dê-nos escolas e hospitais no padrão Fifa”.



A mensagem deixa nítido o discurso do Black Bloc que não queria que a Copa ocorresse no Brasil devido aos gastos excessivos. É feita uma crítica ao governo, para que este desse “escolas e hospitais no padrão Fifa”, já que muitos dos gastos não se aproximavam daqueles que deveriam ser feitos em termos de estrutura no Brasil. Também é feita uma crítica à mídia que, com os novos cartazes da Copa do Mundo, comentava todos os dias a aproximação do evento no país.

#### 8.1.11. Décima primeira publicação – 11 de outubro de 2013

A décima primeira publicação analisada é datada de 11 de outubro de 2013. O *post* comenta o caso de Leonardo Morelli ter se assumido como líder dos Black Blocs para a revista Época.



**Black Bloc SP**

11 November 2013 · 🌐

Quem é o "líder" dos black blocs inventado pela Época?

Tão logo a revista Época chegou às bancas, a reação dos administradores da página oficial do Black Bloc SP foi rápida:

"Uma pergunta simples: Quem diabos é Leonardo Morelli? Chega a ser cômico e até mesmo causar ânsia de vômito uma reportagem dessas. Qualquer ser evoluído que possua um polegar opositor e uma massa encefálica com capacidade mínima de raciocínio chegaria a conclusão de que é uma das mais profundas idiotices alguém se expor assim (...) Globo fazendo globisse."

<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/quem-e-o-lider-dos.../>



Quem é o "líder" dos black blocs inventado pela Época

Tão logo a revista Época chegou às bancas, a reação dos administradores da página oficial do Black Bloc SP foi rápida: "Uma pergunta simples: Quem diabos é Leonardo Morelli? Chega a ser..."

DIARIODOCENTRODOMUNDO.COM.BR

Like · Comment · Share · 👍 15 💬 5 ➦ 4

Com o questionamento sobre “quem seria o líder inventado pela Época”, podemos observar a dúvida sobre um grupo que, na verdade, não tem líderes. Assim, podemos considerar que o “surgimento” de um líder seria algo passível de dúvida e, até mesmo, poderia ser considerado como algo inventado pela mídia depois da constante participação dos Black Blocs nos atos de protesto.

Outro trecho importante para a análise dessa possível “criação” de um líder para os Black Blocs é o seguinte: “Uma pergunta simples: Quem diabos é Leonardo Morelli? Chega a ser cômico e até mesmo causar ânsia de vômito uma reportagem dessas. Qualquer ser evoluído que possua polegar opositor e uma massa encefálica com capacidade mínima de raciocínio chegaria a conclusão de que é uma das mais profundas idiotices se expor assim (...) Globo fazendo globisse”. Novamente há uma crítica ao ato de Morelli se assumir como líder dos Black Blocs. A mensagem ainda critica a mídia quando trata da reportagem e também da atitude da Globo em veicular essa “notícia”.

### 8.1.12. Décima segunda publicação – 14 de novembro de 2013

A décima segunda publicação analisada é datada de 14 de novembro de 2013. O *post* mostra uma crítica a realização da Fórmula 1 e da Copa do Mundo no Brasil. Com base na mensagem, podemos analisar os seguintes trechos:



**Black Bloc SP** shared Vanessa Pires's event.  
14 November 2013 · 🌐

**NÃO VAI TER FORMULA!!!**

Manifestação contra a Formula 1 , NÃO QUEREMOS FORMULA 1 E NEM COPA DO MUNDO o que queremos e a construção do hospital em parselheiros.

DIA 23 DE NOVEMBRO VAMOS TOMAR AS RUAS DE NOVO, TODOS JUNTOS CONTRA O SUFOCO, O VANDALISMO DE ESTADO E A EXPLORAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS SOBRE NÓS!

[https://www.facebook.com/events/564745246945756/?ref=3&ref\\_newsfeed\\_story\\_type=regular](https://www.facebook.com/events/564745246945756/?ref=3&ref_newsfeed_story_type=regular)

**Não vai ter Formula 1**

Sunday, 24 November 2013 at 11:00  
Estação Jurubatuba in São Paulo, Brazil  
171 people went

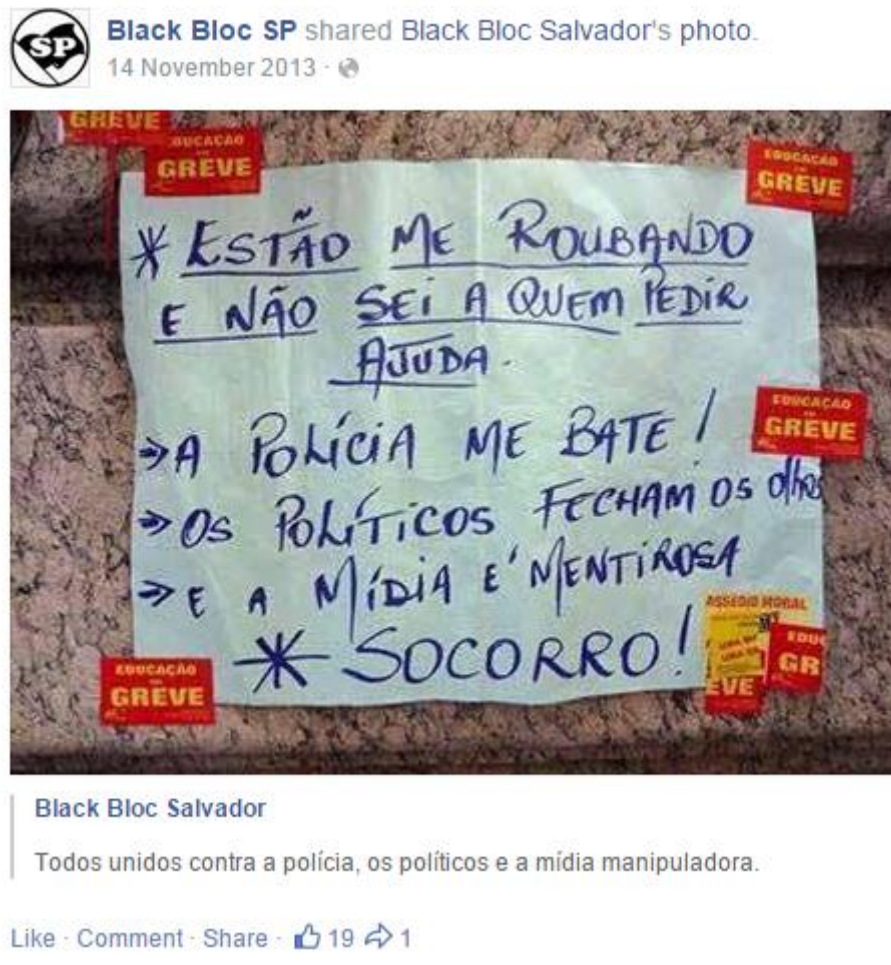
Like · Comment · Share · 🍷 8

“Não queremos Fórmula 1 nem Copa do Mundo. O que queremos é a construção do hospital em Parelheiros”: Os Black Blocs repudiam a realização desses eventos no Brasil, devido aos gastos exorbitantes. Em vez disso, eles sugerem a construção de um hospital.

“Dia 23 de novembro nós vamos tomar as rua de novo. Todos juntos contra o sufoco. O vandalismo de estado e a exploração dos empresários sobre nós!”: Os Black Blocs ainda fazem menção a continuidade das manifestações em prol da luta na rua. “Contra o sufoco”, ou seja, contra o vandalismo que é exercido pelo Estado e pelos empresários sobre todos aqueles que tem que lidar com condições ruins para viver.

## 8.1.13. Décima terceira publicação – 14 de novembro de 2013

A décima terceira publicação analisada é datada de 14 de novembro de 2013. Nesse *post*, a página Black Bloc SP republicou uma imagem da página Black Bloc Salvador. Além da imagem, com o pedido de ajuda, há a seguinte mensagem: “Todos unidos contra a polícia, os políticos e a mídia manipuladora”.



A imagem retrata a seguinte mensagem: “Estão me roubando e não sei a quem pedir ajuda. A polícia me bate! Os políticos fecham os olhos e a mídia é mentirosa! Socorro!”. Essa mensagem caracteriza o discurso dos Black Blocs que também são contra a ação excessiva da polícia, o governo e a mídia. Já em “todos unidos contra a polícia, os políticos e a mídia manipuladora”, podemos notar as palavras de ordem do movimento que reforçam a ideia de que o Black Bloc se une no combate a essas instituições.

#### 8.1.14. Décima quarta publicação – 14 de novembro de 2013

A décima quarta publicação analisada é datada de 14 de novembro de 2013. No *post* podemos notar que a página Black Bloc SP compartilhou o evento “Contra Copa 2014” com o objetivo de dizer que uma matéria da revista *Época*, que criminalizava os adeptos da tática, não deveria ser considerada válida.



**Black Bloc SP** shared **Contra Copa 2014's event**.  
16 November 2013 · 🌐

A matéria de hoje super "importante" é uma extensão de mais um capítulo da época, voltando a criminalizar a tática Black Bloc começa assim: bla bla bla. Termina assim: bla bla bla bla

Nem vou postar o link que da nojo dessa RAÇA!

Então né...

VÃO PRAS PUTAS QUE OS PARIU!!!

Só pra lembrar NÃO, VAI, TER COPA!!!!

QUEREM APOSTAR?

<https://www.facebook.com/events/547489648663354/>



**Primeiro grande ato em 2014 contra Copa**  
Saturday, 25 January 2014 at 17:00  
23,668 people went Join

Like · Comment · Share · 🍷 9 🗨️ 2 ↻ 2

A publicação traz a seguinte mensagem: “A matéria de hoje super „importante” é uma extensão de mais um capítulo da *Época* voltando a criminalizar a tática Black Bloc. Começa assim: blablabla. E termina assim: blablablabla”. Podemos perceber a recusa dos Black Blocs do conteúdo publicado pela revista, já que eles considera que a *Época* criminalizou mais uma vez a tática. Além disso, eles ironizam a matéria com o termo “super importante”.

Em “nem vou postar o link porque não suporto essa raça”, os administradores da página se referem à mídia como “raça”, porque consideram que os veículos de comunicação

estavam reproduzindo as mesmas ideias sobre os Black Blocs. Por fim, com a frase “só para lembrar: não vai ter Copa!”, os Black Blocs se recusam novamente a aceitar a Copa no Brasil, devido aos gastos exorbitantes do evento.

#### 8.1.15. Décima quinta publicação – 16 de novembro de 2013

A décima quinta publicação analisada é datada de 16 de novembro de 2013. O *post* trata do Partido dos Trabalhadores (PT), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e da Rede Globo. Nessa publicação, o Black Bloc SP afirma que “enquanto o brasileiro perde tempo acusando um partido de ser mais corrupto que o outro, estamos sendo roubados de todos os lados”.



A frase “enquanto o brasileiro perde tempo acusando um partido de ser mais corrupto que o outro, estamos sendo roubados de todos os lados” mostra a rejeição por parte do Black Bloc a qualquer partido político.

Em “certo é que não existe lado na política brasileira, somente bandidos que se reúnem para roubar seu povo”, os Black Blocs reafirmaram a ideia de que os manifestantes são contra ambos os partidos políticos citados acima, além de ser contra a Rede Globo, devido ao caráter das notícias veiculadas nos telejornais do canal.

#### 8.1.16. Décima sexta publicação – 16 de novembro de 2013

A décima sexta publicação analisada é datada de 16 de novembro de 2013. Nessa publicação, a página do Black Bloc SP trata de um incêndio que ocorreu em uma favela próxima a Marginal Tietê.



O *post* traz a seguinte mensagem: “Alguns chamam de azar e culpam a falta de chuva. Outros chamam de acidente e culpam as instalações elétricas. Nós chamamos de crime contra pobres e culpamos o Estado”. Esse discurso é característico do Black Bloc. Ao falar da violência, eles mostram que esta vem do Estado e é contra aqueles que estão nas piores situações na cidade.

No outro texto, que se encontra ao lado da imagem, podemos ler: “Quem mora (em São Paulo) sabe da grande especulação imobiliária dessa região”. A mensagem também enfatiza que a especulação imobiliária é outro motivo que leva a destruição de favelas na capital. Isso mostra que os Black Blocs também estão preocupados em mostrar que a busca pelo capital leva a crimes contra as pessoas que são pobres.

#### 8.1.17. Décima sétima publicação – 16 de novembro de 2013

A décima sétima publicação analisada é datada de 16 de novembro de 2013. O *post* comenta sobre o encontro dos Black Blocs em Gênova, Itália, em 2001. A página ainda aborda o ato de “valorizar o sábado” assistindo o documentário, em vez de assistir a partida de futebol do Brasil.

 **Black Bloc SP**  
16 November 2013 · 🌐

Foda-se o jogo do Brasil, valorize seu sábado!

A repressão é parte constitutiva da democracia, sistema de autoridade que necessita de legitimidade e consenso, mas também de controle e redefinição dos limites em que se pode ser um "cidadão livre".  
Muitas vezes se torna necessário tornar o inimigo inofensivo para enfrentá-lo. O encontro do G8 em Gênova em 2001 demonstrou isso da maneira mais feroz.

<http://www.youtube.com/watch?v=fsJwspVqCI>



**Black Block (2011)**  
Sinopse: A repressão é parte constitutiva da democracia, sistema de autoridade que necessita de legitimidade e consenso, mas também de controle e redefinição...

YOUTUBE.COM

Like · Comment · Share · 👍 9 💬 1 ↻ 1

Logo no início da mensagem, o ato de “valorizar o sábado” pode ser visto como um modo de agir consciente. Podemos considerar que seria mais relevante assistir um documentário sobre as ações dos Black Blocs em Gênova, do que os jogos de futebol do Brasil.

A sinopse do documentário também vai ao encontro dos ideais expressados pela página do Black Bloc SP: “A repressão é parte constitutiva da democracia, sistema de autoridade que necessita de legitimidade e consenso, mas também de controle e redefinição dos limites em que se pode ser um „cidadão livre“. Muitas vezes se torna necessário tornar o inimigo inofensivo para enfrentá-lo. O encontro do G8 em 2001 demonstrou isso da maneira mais feroz”. Assim, eles apoiam as ações dos Black Blocs internacionais, como no caso de Gênova.

#### 8.1.18. Décima oitava publicação – 17 de novembro de 2013

A décima oitava publicação analisada é datada de 17 de novembro de 2013. O *post* traz uma imagem explicativa sobre a anarquia nas palavras de Piotr Kropotkin, um dos principais pensadores políticos do anarquismo no fim do século XIX, que também foi considerado fundador da vertente anarco-comunista.



A mensagem é a seguinte: “A anarquia não é a desordem e sim a ordem, pois é a ordem que nasce, não do exercício do poder (isto é, não da ameaça, da força ou da violência), e sim do exercício da liberdade, igualdade e da fraternidade”. A frase mostra conceitos que estão de acordo com os ideais anarquistas do Black Bloc, que tem origem de fora do Brasil.

#### 8.1.19. Décima nona publicação – 17 de novembro de 2013

A décima nona publicação analisada é datada de 17 de novembro de 2013. O *post* traz mensagens em relação aos atos de excesso da Polícia Militar. Além disso, eles dizem: “Cansamos de apanhar. Tropa de choque, o recado foi dado. Segue quem quer, respeita quem tem juízo”.



A frase citada acima mostra a posição dos Black Blocs em relação aos PMs. Eles rejeitam a organização devido aos excessos cometidos pelos policiais e também porque consideram a polícia como um “braço” do Estado.

Além disso, os Black Blocs justificam o ato de depredação como uma resposta aos excessos cometidos pelos policiais. Podemos ver isso no seguinte trecho: “Para toda a ação sempre existirá uma reação. E, nesse caso, uma viatura de cabeça para baixo é só uma resposta do povo aos incontáveis casos de agressão e abuso policial”.

Os Black Blocs também pontuam e questionam as inúmeras agressões dos policiais para justificar suas ações de depredação: “Nessa onda de protestos, quantos manifestantes ficaram cegos pelo uso de „arma não letal“? Quantos não apanharam de maneira gratuita e brutal? Quantas mulheres não se viram igualadas aos homens, em suas condições físicas, e apanharam como tal?”.

Por fim, eles também justificam seus atos com o trecho: “Ação direta foi responsável por várias mudanças políticas ao redor do globo na história”.

#### 8.1.20. Vigésima publicação – 17 de novembro de 2013

A vigésima publicação analisada é datada de 17 de novembro de 2013. O *post* menciona o apartidarismo dos Black Blocs com as cores vermelha e preta, características do anarquismo, assim como com a frase “sejam conscientes”.



Com a mensagem “não seja conivente, seja consciente” podemos entender que a consciência do indivíduo, sobre tudo o que está a sua volta, seria por meio do seu apartidarismo. Além disso, a imagem com o “não vote”, com as cores vermelha e preta, também reforça a ideia de que partido nenhum poderia representar os anarquistas Black Blocs.

#### 8.1.21. Vigésima primeira publicação – 18 de novembro de 2013

A vigésima primeira publicação analisada é datada de 18 de novembro de 2013. O *post* traz uma história em quadrinhos intitulada “Inocência nas manifestações”. Nela o manifestante, que julga o Black Bloc e é flagrado fazendo isso. Depois, ele o Black Bloc lhe diz: “boa sorte com a sua cara de manifestante marcada pela PM e pelo Estado”.



Na história em quadrinhos é possível ver o manifestante pacífico que julga o Black Bloc como “vândalo” e “baderneiro”. Ele ainda questiona o Black Bloc: “Mostra a sua cara. Tá escondendo o quê?”. Depois disso, ao ser flagrado por um policial, o Black Bloc diz: “Boa sorte com a sua cara de “manifestante” marcada pela PM e pelo Estado”. Pode-se compreender que a tática de cobrir o rosto é característica do manifestante. Ele faz isso para não ser identificado, mas, além disso, ele tem a intenção de ser parte do Bloco Negro de manifestantes. Além disso, pode-se ver a atitude de outros manifestantes que julgaram as atitudes dos Black Blocs. Chamá-los de “vândalos” e “baderneiros” foi uma forma reproduzida diversas vezes na grande mídia.

#### 8.1.22. Vigésima segunda publicação – 18 de novembro de 2013

A vigésima segunda publicação analisada é datada de 18 de novembro de 2013. O *post* traz uma imagem de um coquetel molotov e mensagens que fazem parte do discurso dos Black Blocs. A imagem é original da página do Black Bloc Curitiba.



Primeiramente, podemos analisar a frase: “O Black Bloc é contra saques. Somos contra a repressão do Estado corrupto que bate e fere você”. A mensagem explica qual o objetivo do Black Bloc nas manifestações. Eles enfatizam a ideia de que são contra a repressão do Estado que se excede por meio das ações policiais.

Outro trecho traz a seguinte frase: “Liberdade e resistência. Pequeno empresário, não quebramos e não vamos quebrar o seu estabelecimento”. Além de clamar pela liberdade e resistência em seus atos, os Black Blocs explicam que não são contra o pequeno empresário. Eles são contra grandes empresas, transnacionais, entre outras – que representam o monopólio do capital.

#### 8.1.23. Vigésima terceira publicação – 22 de novembro de 2013

A vigésima terceira publicação analisada é datada de 22 de novembro de 2013. O *post* traz uma imagem dos policiais e a “lógica do braço estado”. Eles fazem uma crítica às ações dos policiais militares de “servir e proteger a propriedade privada”. A partir da imagem, podemos analisar os seguintes trechos:



“A lógica do braço estado”: A página do Black Bloc SP mostra resistência aos policiais, que protegem carros, prédios, entre outros, em vez de proteger as pessoas. De acordo com o *post*, a violência presente nas manifestações vem dos policiais.

“Servir e proteger a propriedade privada”: De acordo com o discurso da página do Black Bloc SP, os policiais servem e protegem a propriedade privada, em vez de proteger a população.

#### 8.1.24. Vigésima quarta publicação – 25 de novembro de 2013

A vigésima quarta publicação analisada é datada de 25 de novembro de 2013. O *post* faz referência à fala do escritor José Saramago sobre a “falsa democracia”.



**Black Bloc SP**

25 November 2013 · 🌐

Falsa democracia.

Tudo se discute neste mundo, menos uma única coisa que não se discute... não se discute a Democracia. A Democracia está aí como se fosse uma espécie de santa de altar de quem já não se espera milagres, mas que está aí como uma referência, uma referência: a Democracia. E não se repara que a Democracia em que vivemos é uma Democracia seqüestrada, condicionada, amputada... porque o poder do cidadão, o poder de cada um de nós limita-se, na esfera política, repito, na esfera política, a tirar um governo de que não gosta e a pôr outro de que talvez venha a gostar. Nada mais. Mas as grandes decisões são tomadas numa outra esfera e todos sabemos qual é. As grandes organizações financeiras internacionais, os FMI, as organizações mundiais de comércio, os bancos mundiais, a OCDE, tudo isso... nenhum desses organismos é democrático. E, portanto, como é que podemos continuar a falar de Democracia se aqueles que efetivamente governam o mundo não são eleitos, eleitos democraticamente pelo povo? Quem é que escolhe os representantes dos países nessas organizações? Os respectivos povos? Não! Onde está então a Democracia?

José Saramago

<http://www.youtube.com/watch?v=m1nePkQAM4w>



José Saramago - falsa democracia

"A democracia em que vivemos é uma democracia sequestrada, condicionada, amputada..."

YOUTUBE.COM

Like · Comment · Share · 4 👍 1 💬

A partir da fala do escritos podemos analisar os seguintes trechos que são relevantes quanto ao pensamento do Black Bloc:

“A Democracia está como se fosse uma espécie de santa de altar de quem já não se espera milagres, mas que está aí como uma referência, uma referência: a Democracia”: A mensagem vem ao encontro das ideias dos Black Blocs, já que eles desconsideram o partidatismo, e, por fim, a Democracia vigente.

“Porque o poder do cidadão, o poder de cada um de nós limita-se na esfera política a tirar um governo de que não gosta e a por outro de que talvez venha a gostar. Nada mais”: Novamente, a partir da mensagem pode-se compreender que a insatisfação com o governo faz com que o indivíduo não esteja exercendo seu papel como cidadão em uma verdadeira democracia.

“Como é que podemos continuar a falar de Democracia se aqueles que efetivamente governam o mundo não são eleitos democraticamente pelo povo?”: Fala-se, nesse ponto, sobre o governo e a ausência do poder real da população frente às decisões tomadas pelos governantes.

#### 8.1.25. Vigésima quinta publicação – 26 de novembro de 2013

A vigésima quinta publicação analisada é datada de 26 de novembro de 2013. O *post* traz a foto de um Black Bloc portando uma bandeira em prol do anarquismo e a seguinte mensagem da anarquista lituana Emma Goldman: “Toda tentativa ousada de se fazer uma grande mudanças nas condições existentes, toda a sublime visão de novas possibilidades para a raça humana tem sido rotulada como utópica”.



A imagem faz clara referência as ações dos Black Blocs, que se vestem de preto, são a favor do anarquismo e que atuam em manifestações, mesmo que haja repressão do Estado.

O texto traz a fala da anarquista e pontua que muito das mudanças projetadas em ideias e novas possibilidades foram desconsideradas ou consideradas apenas como utópicas. Isso vai ao encontro do que os Black Blocs usam como discurso, já que eles se mostram na contramão daquilo que é considerado viável pela população.

#### 8.1.26. Vigésima sexta publicação – 28 de novembro de 2013

A vigésima sexta publicação analisada é datada de 28 de novembro de 2013. O *post* mostra uma mensagem da filósofa russa-americana Ayn Rand sobre as injustiças do sistema e

como ele pode estar condenado devido às indiferenças dele para com aqueles que trabalham e que não são reconhecidos como tal.



**Black Bloc SP** added a new photo.  
28 November 2013 · 🌐

 **FRASE DE 1920**

Frase da filósofa russo-americana Ayn Rand (judia, fugitiva da revolução russa, que chegou aos Estados Unidos na metade da década de 1920), mostrando uma visão com conhecimento de causa:

**"Quando você perceber que, para produzir, precisa obter a autorização de quem não produz nada; Quando comprovar que o dinheiro flui para quem negocia não com bens, mas com favores; Quando perceber que muitos ficam ricos pelo suborno e por influência, mais que pelo trabalho, e que as leis não nos protegem deles, mas, pelo contrário, são eles que estão protegidos de você; Quando perceber que a corrupção é recompensada, e a honestidade se converte em auto sacrifício; Então poderá afirmar, sem temor de errar, que sua sociedade está condenada".**

Like · Comment · Share · 👍 8 💬 2 ➦ 4

Por meio da mensagem da filósofa é possível reconhecer o discurso do Black Bloc anarquista. A partir das pontuações da filósofa, pode-se compreender que o Black Bloc reconhece que aqueles que trabalham e que agem de maneira honesta, muitas vezes estão a parte do sistema do capital. Assim, vive-se numa “sociedade condenada”, que, na visão dos manifestantes, violenta o trabalhador muito antes de ele reagir a essas indiferenças do sistema.

#### 8.1.27. Vigésima sétima publicação – 30 de novembro de 2013

A vigésima sétima publicação analisada é datada de 30 de novembro de 2013. O *post* traz a imagem que diz: “movimento social tem causa e não partido”.



A partir do momento em que a página do Black Bloc SP compartilha essa imagem, eles assumem seu caráter apartidário. Eles reforçam a ideia de que o movimento luta pela causa e que esta vai além das siglas repetidas pela mídia.

#### 8.1.28. Vigésima oitava publicação – 6 de dezembro de 2013

A vigésima oitava publicação analisada é datada de 6 de dezembro de 2013. O *post* faz uma alusão à bandeira do Brasil com as cores do movimento anarquista e com o símbolo do movimento no centro da bandeira.



A partir da imagem é possível compreender a visão anarquista por parte da página Black Bloc SP. Numa alusão à bandeira do Brasil, eles fixaram a imagem da anarquia para conseguir chegar a um Brasil que segue essa posição política.

#### 8.1.29. Vigésima nona publicação – 8 de dezembro de 2013

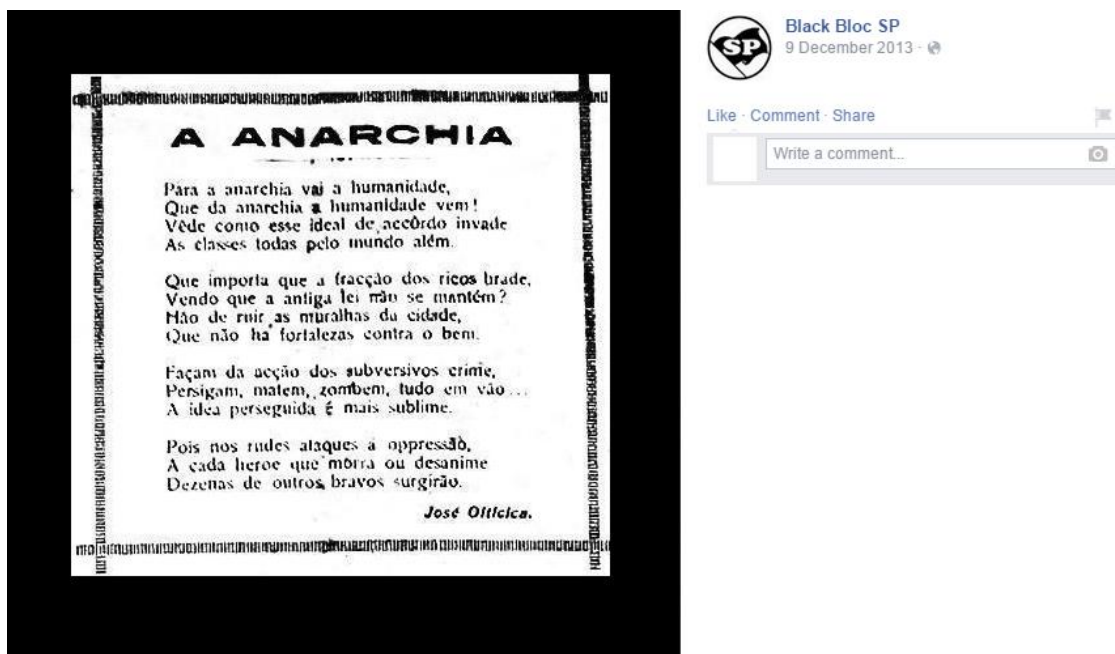
A vigésima nona publicação analisada é datada de 8 de dezembro de 2013. O *post* traz a publicação de uma charge do cartunista Latuff. Nela é possível ver um homem mais velho empunhando a Constituição brasileira e que diz: “Proteste, jovem! Afinal, estamos ou não na democracia?”. O jovem, que segura uma bandeira vermelha, encara os policiais da Tropa de Choque em posição de ataque para cima do manifestante.



A imagem deixa bem clara a situação em que os policiais, ao portar armas e escudos, estavam em posição de ataque para cima dos manifestantes. Isso pode ser visto na frase: “Proteste, jovem! Afinal, estamos ou não na democracia?”. A mensagem ironiza a situação do jovem manifestante que tem como direito o protesto de rua, mas que, em muitos casos, foi abatido pelos policiais.

#### 8.1.30. Trigésima publicação – 9 de dezembro de 2013

A trigésima publicação analisada é datada de 9 de dezembro de 2013. O *post* traz uma imagem do soneto “A Anarquia” de José Oiticica.



É possível perceber que a ideia mais perseguida, nesse caso, a da anarquia dos Black Blocs, poderia ser a mais sublime, já que ela não se resume às ideias cômodas e sem ação. Além disso, na tentativa de reagir à opressão, “a cada herói que morrer ou desanimar, outras dezenas de bravos surgirão”. Pode-se compreender que é na resistência que o movimento cresce e evolui, assim, mesmo que lutando contra opressão, muitas outras pessoas poderão vir para estar ao lado do discurso da anarquia.

#### 8.1.31. Trigésima primeira publicação – 11 de dezembro de 2013

A trigésima primeira publicação analisada é datada de 11 de dezembro de 2013. O *post* traz uma imagem e policiais e a mensagem de que “o vandalismo veste farda”.



Podemos compreender que o “vandalismo”, termo atribuído aos Black Blocs, está, na realidade, embutido nas ações dos policiais truculentos. Como “vandalismo” pressupõe uma ideia de falta de consciência sobre a ação, esta é diretamente ligada à ação excessiva dos policiais, que pôde ser vista durante as manifestações em junho de 2013. A cor vermelha também é utilizada na palavra “farda” para reforçar a ideia de que as pessoas fardadas é que são violentas.

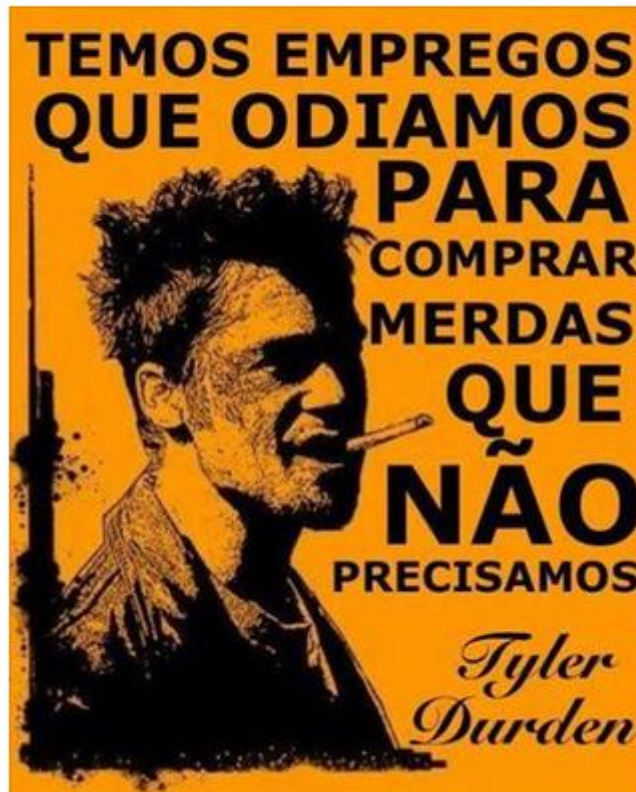
#### 8.1.32. Trigésima segunda publicação – 15 de dezembro de 2013

A trigésima segunda publicação é datada de 15 de dezembro de 2013. O *post* traz a imagem de um personagem (Tyler Durden) do filme *Clube da Luta* e a seguinte mensagem: “Temos empregos que odiamos para comprar merdas que não precisamos”.



Black Bloc SP added a new photo.

15 December 2013 · 🌐

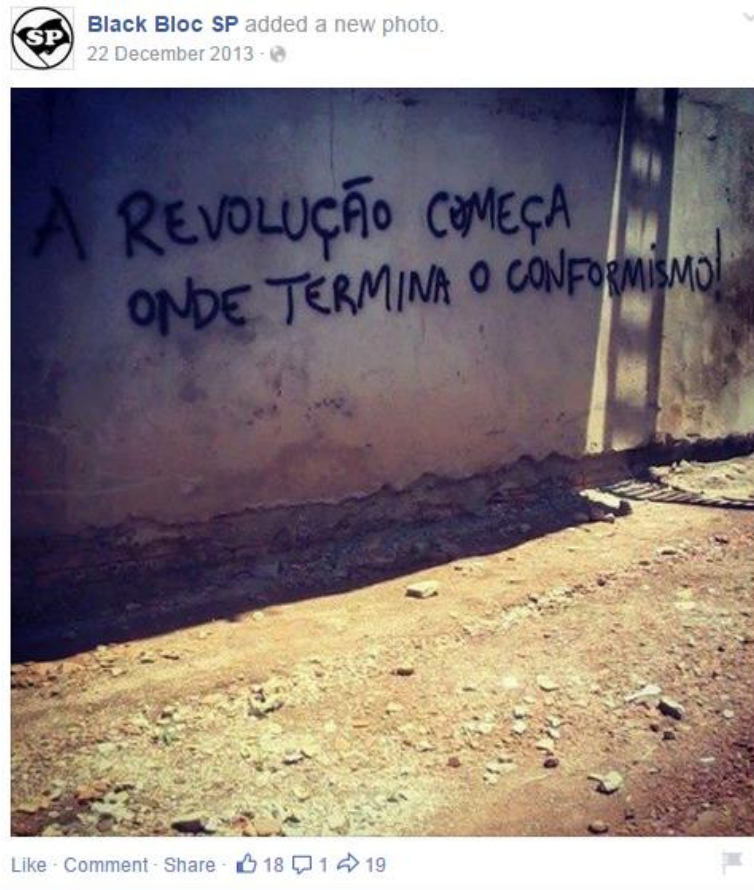


Like · Comment · Share · 👍 26 ➡ 17

A mensagem trata da qualidade dos empregos, assim como sobre o consumismo exagerado das pessoas. Num sistema capitalista em que o ato de consumir é incentivado, o discurso dessa imagem mostra que mesmo que estejamos em empregos ruins, pagamos por mercadorias que são piores ainda. Pode ser uma menção para a reação ao sistema capitalista.

### 8.1.33. Trigésima terceira publicação – 22 de dezembro de 2013

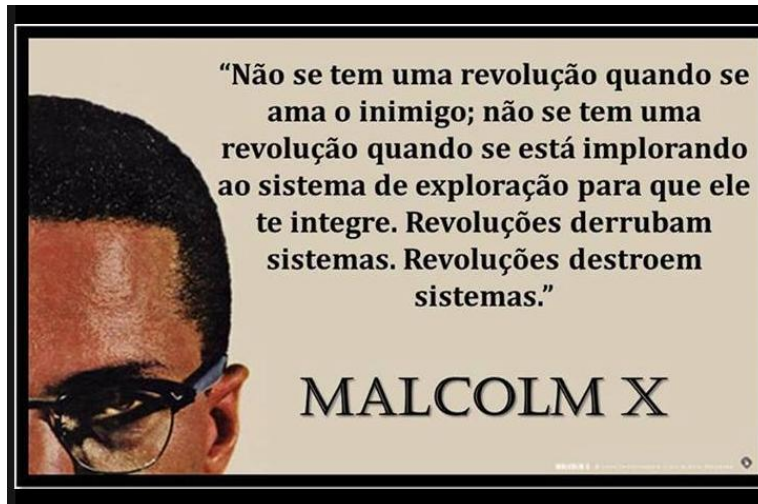
A trigésima terceira publicação analisada é datada de 22 de dezembro de 2013. O *post* traz uma imagem com a seguinte frase: “A revolução começa onde termina o conformismo!”.



A frase vai ao encontro das ideias disseminadas pelos Black Blocs, já que seu discurso abarca atos em reação ao sistema capitalista por meio de ações diretas. Esta é uma das frases que “chama” pela ação do manifestante Black Bloc que vai às ruas. Da mesma forma que outros *posts* este mostra que o incentivo às ações dos Black Blocs nunca para.

#### 8.1.34. Trigésima quarta publicação – 25 de dezembro de 2013

A trigésima quarta publicação analisada é datada de 25 de dezembro de 2013. O *post* traz uma imagem de Malcom X e a seguinte mensagem: “Não se tem uma revolução quando se ama o inimigo; não se tem uma revolução quando se está implorando ao sistema de exploração para que ele te integre. Revoluções derrubam sistemas. Revoluções destroem sistemas”.



Ao tratar da revolução, a mensagem deixa claro o discurso dos manifestantes. É por meio da revolução que é possível destruir um sistema repleto de injustiças. Assim, é necessário enfrentar inimigos e parar de esperar que o sistema te integre. Da mesma forma que nas ações diretas, é por meio de atos de depredar, da violência-espetáculo, que os Black Blocs poderiam dar início à revolução e uma possível destruição do sistema vigente.

#### 8.1.35. Trigésima quinta publicação – 28 de dezembro de 2013

A trigésima quinta publicação analisada é datada de 28 de dezembro de 2013. O *post* traz uma montagem de imagens e a mensagem de que “ricos pagam ricos para convencer a classe média de que pobres estão matando pobres e que isso é a solução para acabar com a violência”.



A mensagem direta mostra a crítica dos Black Blocs à mídia, que muitas vezes dissemina informações ambíguas sobre manifestações e também sobre a realidade na periferia. A crítica também é feita aos meios de comunicação sensacionalistas, que compactuam com a ideia de que a violência entre os pobres deve continuar, já que está seria a única solução para que uns matassem os outros.

### 8.1.36. Trigésima sexta publicação – 29 de dezembro de 2013

A trigésima sexta publicação analisada é datada de 29 de dezembro de 2013. Nesse *post* há uma mensagem contra as afirmações feitas pela jornalista Rachel Sheherazade. A página do movimento Black Bloc ressalta que Sheherazade “prefere ver as coisas de maneira bem rasa” e que “até percebe (as manifestações) mas prefere agir de má fé ocultando a verdadeira realidade das ruas”.



**Black Bloc SP**  
29 December 2013 · Edited ·

Confesso que fiquei embasbacado e iludido quando a vi ela pela primeira vez, aquele comentário desculpem minha ingenuidade mas foi apaixonante da jornalista do SBT, parecia que tinha a opinião tão alinhada e que ela estava chegando pra mostrar o que era um jornalismo de vdd. Não somos santos é claro, que fique bem claro não estamos acima e nem queremos estar das críticas ao contrário, muitas delas fizemos por merecer.

É lamentável cada dia que se passa o papel dessa jornalista que prefere ver as coisas de maneira bem rasa, cada revolta popular trás sempre nas entrelinhas algo bem peculiar mas tão evidente das reivindicações populares que duvido muito que esses que fazem coro não percebem, aliás até percebem mas preferem agir de má fé ocultando a verdadeira realidade das ruas. Tem problema não continuam nos ignorando, fingindo que estão surdos frente as nossas reivindicações. A copa está aí e pode ter certeza que vamos estourar seus tímpanos com a força do nosso barulho, não adianta criminalizar, ser taxativos dizer que somos isso ou aquilo, tentando jogar a opinião pública contra

adianta criminalizar, ser taxativos dizer que somos isso ou aquilo, tentando jogar a opinião pública contra nós.

Nossa insatisfação não se compra com migalhas, continuem a desferir seus golpes baixos, não temos medo.

Rachel Sheherazade que decepção eim! vc se acha intocável, teve todos os méritos pra chegar onde chegou, foi a força da internet que te colocou onde está, aproveite burguesinha escrota pois seus dias de fascistinha estão contados. "A soberba precede a ruína, e a altivez de espírito precede a queda" Nos aguardem...

Like · Comment · Share

13 people like this. Top Comments ·

2 shares

**Sander Freitas** Um comentario dela e basta pra esquecer o tanto de bosta que ela fala diariamente...ta certo...  
Like · Reply · 3 · 29 December 2013 at 03:20

1 Reply

**Haroldo Lago** Ela não passa de uma

Write a comment...

Com base na mensagem publicada pela página podemos analisar os seguintes trechos:

“Prefere ver as coisas de maneira bem rasa”: Segundo o relato na página do Black Bloc SP, as afirmações da jornalista não estão de acordo com o que realmente ocorreu nas ruas. Assim, a mensagem de crítica à mídia e, em especial, à Sheherazade começa com esse primeiro ponto.

“Até percebe (as manifestações) mas prefere agir de má fé ocultando a verdadeira realidade das ruas”: Nesse trecho, a mensagem explicita que há a abordagem sobre as manifestações no noticiário, entretanto, a realidade não é mostrada.

“Não tem problema não. Continuem nos ignorando e fingindo que estão surdos frente as nossas reivindicações”: Mais uma crítica à abordagem “rasa” feita pela jornalista.

“Não adianta criminalizar, ser taxativos, dizer que somos isso e aquilo, tentando jogar a opinião pública contra nós”: A mensagem mostra que, mesmo com os atos de criminalizar os Black Blocs, estes continuariam agindo sem medo da grande mídia.

“Foi a força da Internet que te colocou onde você está. Aproveite burguesinha escrota pois seus dias de fascistinha estão contados”: A mensagem ressalta que foi a força da Internet que levou a jornalista até a posição onde ela se encontra, entretanto, pode ser a mesma força que pode tirá-la do lugar onde ela está.

#### 8.1.37. Trigésima sétima publicação – 30 de dezembro de 2014

A trigésima sétima publicação analisada é datada de 30 de dezembro de 2014. O *post* traz uma foto com uma bandeira escrita: “Fifa go home” (Fifa, volte para casa, em tradução livre).



Na frase, citada acima, é possível ver a intenção do Black Bloc de repudiar a Copa do Mundo e outros grandes efeitos que viriam a ser feitos no Brasil. Esses atos ocorreram mais de uma vez e reforçam a ideia de que os gastos exorbitantes com as obras para a Copa do Mundo deveriam ser, na realidade, destinados à saúde, educação, etc.

## 9. Considerações finais

Tendo como base a cobertura do jornal *O Estado de S. Paulo* e as publicações feitas pela página Black Bloc SP no Facebook durante o segundo semestre de 2013, podemos fazer algumas considerações quanto ao foco, o uso de termos específicos, as fontes e as abordagens sobre violência e, por fim, quanto à caracterização da identidade proposta pelo jornal e a identidade assumida pelo manifestante Black Bloc.

O jornal *O Estado de S. Paulo* teve um enfoque predominantemente voltado para os acontecimentos em São Paulo. Apesar da presença dos Black Blocs também ter sido discutida em âmbito nacional, as notícias publicadas no portal de notícias trataram de descrições do protestos, prisões, julgamentos, assim como de pesquisas de apoio ou rejeição aos Black Blocs e críticas feitas por políticos, especialistas ou por parte do governo em São Paulo. A partir da análise foi possível compreender que, após as manifestações de junho de 2013, o jornal *O Estado de S. Paulo* acompanhou os desdobramentos dos atos daquela época numa tentativa de noticiar quais foram as consequências das Jornadas de Junho.

Podemos ressaltar, na cobertura do jornal, o uso de sete termos que foram repetidos inúmeras vezes: violência, violentos, vandalismo, vândalos, depredação, mascarados e criminosos. Mesmo que a imparcialidade seja um dos pilares para uma reportagem que se aproxime da realidade relatada, os termos refletem um discurso parcial e de condenação ao manifestante Black Bloc. No contexto analisado, esses termos estão ligados às conotações de que o manifestante não tem consciência política, social ou histórica sobre suas atitudes. Um exemplo disso é a matéria de 1º de agosto que resume todo o movimento Black Bloc a uma linha: eles são anarquistas “que utilizam o vandalismo como postura política”. Outro exemplo é de 27 de outubro em que os “bons manifestantes” são aqueles que podem se aproximar de policiais, enquanto os “maus manifestantes” deveriam ser isolados.

Em um número considerável de matérias do *Estado de S. Paulo* repete-se a ideia de bem *versus* mal, entre o policial e o Black Bloc, entre o manifestante pacífico e o Black Bloc com suas ações diretas, entre segurança pública e depredações. Isso aparece como um fator que cria uma narrativa sobre os manifestantes Black Blocs.

Outra característica visível nas matérias são as descrições sobre violência. Podemos considerar a violência como o ato de agredir e machucar uma pessoa. Mas, na cobertura do jornal, a violência é conectada com a depredação de prédios, objetos e agências bancárias. Em 6 de agosto há o seguinte trecho: “A situação ficou crítica quando os Black Blocs voltaram para a Marginal, recolheram dezenas de pedras e começaram a lançá-las contra a editora Abril, atingindo dessa vez a guarita – que, por ser blindada, não foi danificada – e veículos da

Polícia Militar. Os PMs lançaram bombas de efeito moral, houve corre-corre e o grupo se dispersou dentro do bairro. Até as 21 horas, não havia informações sobre feridos”. O jornalista pontua um tipo de violência que seria atirar as pedras contra uma guarita blindada e um carro da polícia. A matéria ressalta a violência contra um objeto em vez de tratar da violência da reação dos PMs contra os Black Blocs. Outro exemplo é de 30 de agosto em uma matéria que trata de um “protesto violento” contra a Rede Globo. Podemos considerar que a manifestação é considerada dessa forma porque houve a depredação da sede de uma das maiores redes de TV no Brasil. Considera-se a violência contra o patrimônio, sendo que nenhuma pessoa foi ferida.

Quanto às fontes, a presença das falas da polícia é muito maior do que a dos manifestantes Black Blocs. Os PMs relataram os resultados das depredações e dos protestos, além de casos de prisões e julgamentos. Um caso peculiar em relação às fontes ocorreu em 6 de agosto citado acima. Num trecho, o jornalista afirma que: “Desesperado, um senhor que não quis se identificar, e que estava dentro de um taxi preso no trânsito, reclamava que precisava chegar ao hospital para ver o filho. O veículo não conseguiu romper o bloqueio dos manifestantes”. Podemos pensar na relevância e a intenção geral do jornalista em fazer um recorte e introduzi-lo na matéria. Não há motivos que levem esse recorte a trazer informações relevantes a não ser a tentativa de culpar ainda mais a ação dos Black Blocs que estavam bloqueando a saída da pessoa. Vale ressaltar, nesse caso, que o jornalista não contactou nenhum manifestante durante o protesto para uma fala na sua matéria – o que ocorre, de forma padronizada, em diversas notícias que ressaltam que tentaram falar com o “indivíduo tal”, mas ele não quis se manifestar.

Os casos em que há o contato com os Black Blocs para compreender a tática são exceção na amostra analisada. De 25 notícias analisadas, apenas seis matérias mostram contatos diretos com os Black Blocs ou são tentativas de explicar quais são as origens da tática, quem faz parte dos grupos de protestos, como eles refletem sobre as ações políticas e sociais e quais os seus objetivos para o futuro.

No caso das publicações da página do Black Bloc SP, podemos observar um enfoque voltado para questões como a estética Black Bloc, o discurso, críticas à mídia, à política, ao Estado e também à Copa do Mundo que seria realizada no Brasil em 2014.

Em relação ao uso de termos específicos, podemos observar que o termo PM esteve presente em oito publicações; os termos vandalismo, vândalos e anarquia apareceram em três publicações cada; e os termos baderneiro, anarquia e violência apareceram em três publicações cada. Diferentemente do caso do jornal, esses termos caracterizam as ações dos

Black Blocs e os próprios indivíduos numa tentativa de desviar dos estereótipos traçados pela mídia. Por exemplo, a publicação de 24 de outubro de 2013 explica as origens dos termos “baderneiro” e “vândalo”; a publicação de 17 novembro trata dos ideais do anarquismo; e a publicação de 18 de novembro mostra que a intenção do Black Bloc não é depredar o estabelecimento de pequenos empresários.

Quanto ao discurso Black Bloc sobre a violência, podemos observar que as publicações abordam a ideia da violência do Estado e dos PMs contra os manifestantes. Em 16 de novembro a página do Black Bloc SP fez um *post* sobre um incêndio que ocorreu em uma favela próxima a Marginal Tietê. Ao falar da violência, eles mostram que esta vem do Estado e é contra aqueles que estão nas piores situações na cidade. Em 6 e 22 de novembro a página também publicou textos e imagens sobre a ação truculenta da polícia contra os manifestantes e como essa violência atingia não só os Black Blocs, mas a população em geral que ia às ruas.

As críticas à mídia, aos grandes eventos e à política marcam algumas das publicações feitas pelo Black Bloc SP. As reclamações condizem com a fala repetida nas ruas durante junho de 2013: eles rejeitavam a ideia de o Brasil ser a sede de um grande evento, enquanto os gastos exorbitantes eram realizados para a construção de estádios; os manifestantes também não estavam de acordo com a política vigente por isso disseram não ser representados pelo Partido dos Trabalhadores (PT) ou o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); por fim, quanto à mídia, a reação dos Black Blocs foi a de rebater aquilo que era repetido nas televisões e nos jornais. Os manifestantes criticaram o posicionamento da Rede Globo, do SBT e também da Revista Época, pois esses veículos disseminavam a ideia de que o Black Bloc era apenas um movimento de “vandalismo” e de “baderna”.

Ao tratar das questões da imagem e do discurso dos Black Blocs na rede social, podemos observar que ambos foram reafirmados diversas vezes durante o período do segundo semestre de 2013. Publicações sobre anarquismo, a explicação de que o Black Bloc não depreda lojas de pequenos empresários, assim como a rejeição à truculência dos PMs tiveram como objetivo reforçar as ideias do que o Black Bloc tem consciência política social e reflexão histórica sobre os acontecimentos.

Dessa forma, os Black Blocs reivindicam sua identidade com características que diferem daquela identidade proposta pelas publicações feitas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. As matérias do jornal repetiram inúmeras vezes termos pejorativos e também se limitaram às mínimas descrições sobre o movimento que era composto por “mascarados”, “violentos” e “anarquistas”. Apesar da necessidade de veicular notícias rápidas e de qualidade

na internet, *O Estado de S. Paulo* peca na qualidade de suas matérias, nas quais não há variedade de fontes, não se contata com os manifestantes ou que não se tenta explicar o que é o Black Bloc e como ele surgiu em São Paulo, em meio às manifestações de junho de 2013. Do total de matérias, apenas 25% delas aprofundam-se na tentativa de compreensão sobre o que é a tática dos Black Blocs. Essa quantidade é ínfima quando comparada com a totalidade de notícias publicadas nos quatro meses analisados.

Enquanto isso, os manifestantes assumem que o movimento tem causa e não partido, que sua estética é baseada naquela que surgiu em Seattle e em Gênova e que o motivo que leva os Black Blocs a depredarem multinacionais e empresas de grande porte é a inconformação com o sistema econômico vigente. Eles também assumem que a violência vem do Estado para o cidadão, o que faz com que o indivíduo esteja sujeito às desigualdades econômicas e sociais.

Tendo em vista ambas as abordagens, foi importante a coleta, análise e interpretação das informações veiculadas pelo jornal e pela página no Facebook. A partir da pesquisa foi possível concluir que houve a construção, a criação de uma terminada imagem sobre o Black Bloc, por parte do jornal, e essa imagem pode ter se mantido até hoje no senso comum daqueles que presenciaram as manifestações de junho de 2013. Mesmo que *O Estado de S. Paulo* tenha publicado matérias que tratavam das origens da táticas e análises sobre estas, ainda assim falta uma abordagem mais aprofundada do tema em suas matérias diárias publicadas no portal Estadao.com.br. A compreensão sobre o Black Bloc, a tática, suas origens e objetivos é importante devido à forma de agir desses manifestantes e também as consequências de suas ações diretas para a história dentro e fora do Brasil. Ao verificar a identidade reivindicada pelo Black Bloc na rede social foi possível compreender a relevância da internet para os movimentos sociais, e também que há outras formas, fora da mídia de massa, de disseminar ideias e estimular a luta pelos direitos dos cidadãos. Por fim, esperamos que por meio destas considerações o jornal, bem como outras mídias, possam compreender a dimensão do Black Bloc para que haja publicações adequadas ao ideal dos manifestantes e que futuras matérias possam trazer outros parâmetros e formatos para que os leitores consigam ter uma interpretação autônoma e crítica sobre o assunto.

## 10. Referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Lisboa: Edições 70, 2009. 281 p.
- BACHSCHMIDT, Carlo A. **Black Bloc**. Itália: Fandango Portobello, 2011. 77 min.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, Volume 2). Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530 p.
- \_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 272 p.
- COSTA, Jairo. **A tática do Black Bloc**. Revista Mortal, nº 0. São Paulo: Editora Estranhos Atratores, 2010, 15 p.
- DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. 1.ed. São Paulo: Veneta, 2014. 284 p.
- FARIA, Fernando Antônio; LATTANZI, José Renato. **O Estado de S. Paulo: um expoente da imprensa conservadora (1889-1929)**. In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social, 2013, Rio Grande do Norte: Associação Nacional de História, 2013, 10 p.
- FIGUEIREDO, Rubens. **Junho de 2013: A sociedade enfrenta o Estado**. 1.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2014. 160p.
- FONSÊCA, Daniel. **Não dá para não ver: as mídias nas manifestações de junho de 2013**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2013. 29 p.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. 1.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p.
- INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Vozes Silenciadas: mídia e protestos: a cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo**. São Paulo: Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2014. 80 p.
- LUDD, Ned. **Urgência das ruas: Black Bloc, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global**. Tradução: Leo Vinícios. 1.ed. São Paulo: Conrad, 2002. 224 p.
- MANSO, Bruno Paes; SOLANO, Esther; NOVAES, William. **Mascarados – a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. 1.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2014. 336 p.
- MARICATO, Ermínia. et al. **Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. 112 p.
- PRONZATO, Carlos. **Por uma vida sem catracas, MPL-SP**. São Paulo: Lamestiza Audiovisual, 2014. 40 min.

## Anexo A – Cronologia

Para compreender a ação dos Black Blocs nas manifestações de junho de 2013 foi necessário entender a origem da tática, quais eram suas ações e como suas ideias foram disseminadas ao redor do mundo. Assim, de acordo com dados disponibilizados no livro *Black Blocs*, de Francis Dupuis-Déri, no livro *Urgência das Ruas: Black Blocs, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*, do coletivo Ned Ludd, e no artigo *A Tática do Black Bloc*, de Jairo Costa, foi possível desenvolver uma listagem das principais datas em que os manifestantes Black Blocs atuaram fora do Brasil.

1980 – Alemanha: autonomistas e anarquistas defendendo ocupações e as universidades contra a ação da polícia e os ataques de grupos nazistas e fascistas. “Nesse cenário, chegou a haver uma ação jurídica contra a 'organização criminosa' conhecida como 'Black Bloc'. Mas a ação da procuradoria perdeu, e as autoridades admitiram que a organização nunca existira” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 43).

1986 – Alemanha: um grande Black Bloc se formou em Hamburgo para defender as ocupações da rua Hafenstrasse. Aproximadamente 1.500 manifestantes, que tiveram o apoio de outros 10.000, lutaram contra a polícia e salvaram a ocupação.

Junho de 1987 – Alemanha, Berlim Ocidental: um grupo de Black Blocs apareceu durante a visita do presidente Ronald Reagan a Berlim Ocidental. “Nesta ocasião, Reagan pronuncia o seu famoso discurso diante do Portão de Brandemburgo, pedindo para que o premiê soviético, Mikhail Gorbachev, derrubasse o Muro de Berlim” (COSTA, 2010, p. 10).

Setembro de 1988 – Alemanha, Berlim Ocidental: em protesto contra o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), Black Blocs participaram da manifestação contra essas instituições.

1991 – EUA: protestos contra a Primeira Guerra do Golfo. “O prédio do Banco Mundial foi alvejado e janelas foram quebradas” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 50).

1991 – EUA, San Francisco: um grupo de mascarados se manifestou durante o dia do Descobrimento da América. Eles denunciaram os 500 anos de genocídio cometido contra as

nações indígenas. Já em Washington, outra marcha foi feita em prol dos direitos das mulheres (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 50).

Setembro de 1993 – Canadá, Montreal: ativistas da seção de Toronto da Anti-Racist Action (ARA), foram até Montreal para protestar contra a reunião que seria feita por dois prefeitos franceses da Frente Nacional. O resultado foi um confronto violento com a polícia e perseguições pelas ruas, já que os manifestantes foram atrás de aproximadamente 30 *skinheads* neonazistas que estavam no local para protegê-lo.

Novembro a dezembro de 1999 – EUA, Seattle: durante as manifestações contra a conferência de ministros dos países membros da OMC. “A polícia dos Estados Unidos vinha usando um spray de pimenta e fazendo prisões contra manifestantes não violentos. Imaginando que eles tomariam a mesma atitude novamente, os black blockers optaram por uma nova tática” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 51-52). Na manhã de novembro daquele ano, a polícia atacou ativistas não violentos que bloqueavam a entrada do centro de convenções desde às 7 horas. Às 11 horas, o Black Bloc entrou em ação num local longe do centro de convenções. “O bloco estilhaçou as janelas de alguns bancos e empresas internacionais e desapareceu antes que a polícia pudesse reagir” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 51-52).

Setembro de 1999 – República Tcheca, Praga: mês em que a cidade foi ocupada durante a reunião dos países membros do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Abril de 2000 – EUA, Washington: reunião entre o FMI e o Banco Mundial foi marcada pela presença de Black Blocs nos Estados Unidos. Foram feitas prisões em massa e os direitos de diversos manifestantes foram violados. A reunião não foi impedida, mas muitos funcionários do FMI e do Banco Mundial tiveram de dormir no serviço, com medo de não conseguirem chegar ao local de trabalho no dia seguinte. “Delegados de diversos países acordaram mais cedo para chegar ao local da reunião antes dos bloqueios dos manifestantes começarem. Alguns chegaram atrasados e outros não conseguiram participar da reunião devido aos protestos” (NED LUDD, 2002, p. 68).

Setembro de 2000 – Brasil, São Paulo: durante a Ação Global dos Povos. Manifestantes mascarados promoveram a depredação no andar térreo da sede da Bovespa.

Setembro de 2000 – República Tcheca, Praga: havia menos manifestantes do que se esperava – mas mesmo assim o encontro com o Banco Mundial e FMI foi cancelado após o primeiro dia. Os 13 mil manifestantes se dividiram em três blocos, um rosa (que adotou o estilo *street party Reclaim the Streets* e que conseguiu furar o bloqueio da polícia), o amarelo (que usou a tática de confronto dos Tute Bianche) e o azul (no qual estava o Black Bloc). Os três acessos ao Palácio onde os burocratas capitalistas se reuniam foram obstruídos. O metrô da cidade foi interditado para que os burocratas pudessem ser evacuados do Palácio, já que de noite um deles foi alvejado com uma pedra na cabeça. Outros tantos se apavoraram vendo as barricadas em chamas. No segundo dia a maioria temia sair dos seus hotéis e as festinhas promovidas por empresários e bancos foram ou impedidas ou canceladas. A forma autogestionária como foram organizados e decididos os bloqueios e o resultado da ação fizeram de Praga um sucesso, ainda maior que Seattle em vários sentidos. Porém a repressão e as violações ocorridas nas prisões também não tinha tido precedentes”. (NED LUDD, 2002, p. 99).

Abril de 2001 – Canadá, Quebec: durante a Cúpula das Américas. Membros do Black Bloc são acusados de agredir um policial durante uma marcha nas ruas de Quebec. Depois do evento, a população local e manifestantes de esquerda decidiram se distanciar da tática dos mascarados e de seus métodos raciais.

Junho de 2001 – Suécia, Gotemburgo: manifestações contra o Conselho Europeu. “A rua inteira da cidade foi devastada. A polícia abriu fogo contra a multidão e feriu gravemente um dos ativistas”. (COSTA, 2010, p. 13).

Julho de 2001 – Itália, Gênova: durante a cúpula do G8. Lá, um grande número de manifestantes inicialmente não violentos acabou respondendo à violência indiscriminada das forças repressoras” (NED LUDD, 2002, p. 77). Apesar de ter como objetivo o protesto contra o capitalismo global e o Estado, foi nas ações de Gênova que houve a morte Carlo Giuliani, de 23 anos. Ele tentou atirar um extintor de incêndio num veículo da polícia, mas dois tiros foram disparados, um dos quais acertou Giuliano na cabeça. O motorista ainda manobrou e atropelou o rapaz.

Junho de 2003 – Suíça, Genebra/Lausanne: muitos negócios são fechados por medo dos incidentes que ocorreram em Gênova. “No decorrer do evento de Genebra, um posto de gasolina é destruído pelos participantes de um Black Block. O movimento é fortemente

criticado por ativistas pela paz, mas também por alguns membros do próprio Black Block, que acreditam que certos tipos de destruição são contraprodutivos, jogando a população contra os anarquistas” (COSTA, 2010, p. 14-15).

Setembro de 2003 – Turquia, Ancara: cerca de cem anarquistas turcos organizados em Black Blocs marcharam contra o “sistema e a guerra” nas ruas de Ancara. Ao fim do evento, queimaram suas bandeiras antes de se dispersar.

2005 – Escócia: Black Blocs aparecem em protesto contra o G8.

2007 – Canadá, Montebello: Black Blocs participam de protestos durante a Cúpula de Líderes da América do Norte.

2007 – Alemanha, Heilingendamm/Rostock: um bloco de milhares de pessoas marchou contra o G8. Janelas de bancos foram quebradas, uma viatura de polícia vandalizada, um escritório da Caterpillar foi incendiado – porque haviam sido utilizados equipamentos da Caterpillar para deslocar comunidades palestinas à força em territórios ocupados por Israel – e 400 policiais foram feridos (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 14).

2008 – França, Vicghy: mascarados aparecem durante a cúpula da União Europeia (UE) sobre imigração.

2008 – Grécia: após a morte de um anarquista de 15 anos, chamado Alexandros Grigoropoulos, nas mãos da polícia ateniense no bairro de Exarchia, tumultuosas manifestações ocorreram em todo o país, com a participação de muitos contingentes de Black Blocs. Foram feitas passeatas em solidariedade no bairro de Kreuzberg, em Berlim, e em Hamburgo, onde um Black Bloc de algumas dezenas de pessoas gritava: “Grécia, foi assassinato! Resistência em toda parte” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 14-15).

2009 – Inglaterra, Londres: protestos contra a reunião do G20 no City (centro financeiro de Londres).

2009 – França, Estrasburgo: durante a Cúpula da OTAN. “O antigo posto alfandegário na fronteira entre a Alemanha e a França é queimado completamente. Black Blocs queimam também postos de gasolina, fábricas e abrigos de ônibus”. (COSTA, 2010, p. 15).

2009 – França, Poitiers: Black Blocs atuaram e algumas vitrines da loja da companhia telefônica Bouygues Telecom foram atacadas.

2009 – Estados Unidos, Pittsburgh: Black Blocs também participaram de atos contra o G20.

Fevereiro de 2010 – Canadá, Vancouver: durante uma manifestação como parte da campanha “No Olympic Games on Stolen Native Land” (Nada de Jogos Olímpicos em território roubado dos nativos).

Mai de 2010 – Alemanha, Zurique: durante a marcha do Primeiro de Maio.

2010 – Canadá, Toronto: durante as reuniões realizadas para preparar as mobilizações contra a Cúpula do G20 em Toronto, militantes anticapitalistas em Montreal sugeriram que os Black Blocs eram coisa do passado e que era hora de seguir em frente. Entretanto, “o Black Block ocupou o centro financeiro de Toronto e trucidou suas lojas. Destaque para um grande número de viaturas policiais depredadas e incendiadas”. (COSTA, 2010, p. 15). Outro ponto a ser ressaltado é que a polícia canadense disse que manifestantes conseguiram passar pela linha de contenção vermelha – que isolava as pessoas que participavam dos debates do G20 – por meio da rede de esgotos do centro de Toronto. Essa ação fez com que os policiais soldassem várias tampas de bueiros. O resultado foi de mais de 500 prisões de manifestantes e dezenas de ativistas foram para hospitais com fraturas pelo corpo.

Março de 2011 – Inglaterra, Londres: durante as mobilizações anti-austeridade.

Mai de 2011 – França, Deauville: um pequeno Black Bloc se mobilizou contra o G8.

Junho de 2011 – Itália, Vale de Susa: um grande Black Bloc ligado ao movimento “No TAV” (*Treno ad Alta Velocità*, ou, Trem de Alta Velocidade, em tradução livre) apareceu contra a construção de uma linha de trem de alta velocidade (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 16).

Setembro de 2011 – Israel, Tel Aviv: um Black Bloc participou da passeata anual em defesa dos direitos humanos em Tel Aviv.

2011 – EUA, Oakland: “o Occupy Movement, que havia acampado em diversas cidades do Ocidente no segundo semestre de 2011, convocou manifestações em outubro do mesmo ano” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 16-17). Black Blocs compareceram às manifestações do Occupy em Oakland, onde foram realizadas ações contra o Chase Bank, Bank of America, Wells Fargo, Whole Foods Market e contra o escritório do presidente da Universidade da Califórnia.

2011 – Itália, Roma: Black Blocs atacaram diversos bancos e dezenas de policiais foram feridos.

2012 – Canadá, Montreal: foram vistos Black Blocs durante a maior e mais longa greve estudantil na história do Quebec.

Março de 2012 – Espanha, Barcelona: durante uma geral contra as reformas na lei trabalhista na Praça da Catalunha em Barcelona.

Março de 2012 – México, Cidade do México: Black Blocs apareceram em manifestações em massa contra a posse do novo presidente.

Março de 2012 – Grécia: Black Blocs atuaram durante toda a onda de protestos contra as políticas de austeridade.

Janeiro de 2013 – Egito, Cairo: o Black Bloc apareceu com forte atuação nos protestos da Praça Tahrir. Além disso, eles também marcaram presença no combate e resistência ao exército do, até então presidente, Hosni Mubarak.

Junho de 2013 – Brasil: durante as manifestações contra o aumento dos preços do transporte público.